



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS

GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA

**ANTROPIZAÇÃO URBANA FRENTE AOS ELEMENTOS DE CURA DE  
MULHERES BENZEDEIRAS DE CASTANHAL-PARÁ**

CASTANHAL/PA  
2021

GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA

**ANTROPIZAÇÃO URBANA FRENTE AOS ELEMENTOS DE CURA DE  
MULHERES BENZEDEIRAS DE CASTANHAL-PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA do Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Área de concentração: Estudos Antrópicos.

Orientador: Professor Doutor Carlos José Trindade da Rocha.

CASTANHAL/PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

SILVA, GLEIBSON DO NASCIMENTO.

ANTROPIZAÇÃO URBANA FRENTE AOS ELEMENTOS DE CURA  
DE MULHERES BENZEDEIRAS DE CASTANHAL-PARÁ / GLEIBSON  
DO NASCIMENTO SILVA. — 2021.

132 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos José Trindade da Rocha Dissertação  
(Mestrado) - Universidade Federal do Pará,

Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2021.

1. Urbanização. 2. Estudos Antrópicos. 3. Mulher benzedeira. 4.  
Castanhal. 5. Práticas Culturais. I. Título.

CDD 305.409811

---

GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA

**ANTROPIZAÇÃO URBANA FRENTE AOS ELEMENTOS DE CURA DE  
MULHERES BENZEDEIRAS DE CASTANHAL-PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA do Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Área de concentração: Estudos Antrópicos.

Data: \_\_\_/\_\_\_/2021

Avaliação: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Professor Doutor Carlos José Trindade da Rocha  
(Universidade Federal do Pará- UFPA)

---

Membro Externo: Professora Doutora Anna Lídia Nauar Pantoja  
(Universidade Estadual do Pará - UEPA)

---

Membro Interno: Professor Doutor João Manoel da Silva Malheiro  
(Universidade Federal do Pará - UFPA)

---

Membro Interno: Professor Doutor João Batista Santiago Ramos  
(Universidade Federal do Pará - UFPA)

Aos meus colegas de curso do Mestrado Acadêmico em Estudos Antrópicos na Amazônia (Turma 2019), que me presentearam com energias positivas e momentos extrovertidos durante todo o curso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da sabedoria que me fez conduzir do início ao fim este trabalho.

A todas as benzedoras entrevistadas, que amorosamente me receberam e concordaram em contar um pouco de suas experiências de vida e desse nobre dom de cuidar do próximo, *in memoriam* Dona Maria de Deus Matos Lobo (Dona Dedê).

Aos meus pais, por seus ensinamentos e por sempre me apoiarem e acreditarem que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou, principalmente na vida escolar e acadêmica.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Carlos José Trindade da Rocha, por aceitar a conduzir o meu trabalho de pesquisa, pela dedicação e disponibilidade para indicar a direção que o trabalho deveria tomar.

A todos os profissionais do Programa de Pós Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia da Universidade Federal do Pará, por todo o apoio que me deram ao longo da realização desta pesquisa, em especial ao Prof. Dr. João Manoel da Silva Malheiro e o Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos, os quais tenho profunda admiração e respeito pelos vossos trabalhos e profissionalismo. E à Profa. Dra. Anna Lídia Nauar Pantoja, pelas sugestões e contribuições compartilhadas para o andamento e conclusão desta pesquisa.

À minha família: esposa, a Professora MSc Edilene Silva, por seu amor e apoio incondicional, e por sempre estar presente em meus momentos de angústia e preocupação durante as etapas de minha transformação enquanto pesquisador, e à minha filha, Eloísa Silva, por ser minha alegria constante.

À amiga professora Amanda Sylmara da Rocha Moreira, por seu ombro amigo e parceria desde o início dos nossos projetos, o qual buscamos juntos o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.

## DIFICULDADES NA BENZEÇÃO

*“A benzeção em Castanhal,  
Está meio comprometida,  
Devido a antropização,  
Dessa tal urbanização,  
Mudando o estilo de vida,  
O surgimento de prédios,  
A derrubada das matas,  
Agride o meio ambiente,  
Faz surgir novas casas,  
Provoca dor e lamento,  
Aumentando o sofrimento,  
Deixando as plantas escassas.*

*O crescimento e o progresso,  
Dessa cidade modelo,  
Na vida das benzedeiras,  
Se tornaram um pesadelo,  
Vendo o crescimento urbano,  
Registrado ano a ano,  
E sem ter o que fazer,  
A benzedeira se ajeita,  
Buscando a forma perfeita,  
Pra poder sobreviver.*

*O trabalho da benzedeira,  
No ofício da benzeção,  
Se dedica a vida inteira,  
Cumprindo sua missão,  
Mas de ver a mata caída,  
Ela fica triste da vida,  
Que lhe parte o coração,  
É uma realidade dura,  
Ter seu elemento de cura,  
Derrubado pelo chão.*

*A benzeção é um dom,  
Dado por Deus as benzedeiras,  
Que durante muito tempo,  
Foram chamadas de feiticeiras,  
Dentro de sua simplicidade,  
Hoje sentem dificuldade,  
Em transferir sua missão,  
Pois os jovens de hoje em dia,  
Não acreditam na magia,  
Na cura da benzeção.*

*No ofício da pesquisa,  
Tive que suar a camisa,  
Pra me fazer entender,  
Que como um pequeno artesão,  
Dando pro campo a mão,  
Eu só tenho a crescer,  
Segui com fé, com coragem,  
E a devida atenção,  
Acreditando nas ervas,  
Na cura e na benzeção.*

*Procurando compreender,  
Sobre o saber-fazer,  
Utilizado com a magia,  
E somente a metodologia,  
É que me fez entender,  
A busca é sempre constante,  
Da pesquisa sou amante,  
Isso eu não posso negar,  
Pouco a pouco e devagar,  
Vejo o que posso fazer,  
No zigue zague dos caminhos,  
Do ofício de benzer”.*

(SILVA, 2021).

## RESUMO

Esta pesquisa assumiu o propósito de investigar como as mulheres benzedeadas são afetadas em suas práticas com elementos de cura na cidade de Castanhal (PA). Neste sentido, aborda-se a localização geográfica, o perfil das mulheres benzedeadas no município de Castanhal e o saber-fazer, em meio à antropização urbana, os elementos de cura material e imaterial da benzeção e as suas adaptações e dificuldades nas práticas de cura. Para tanto, a investigação apresentou a abordagem qualitativa com procedimentos descritivo-exploratório e desenvolvida sob um olhar antrópico com o viés metodológico da *etnometodologia*. As técnicas utilizadas foram: observação participante, conversas informais, registros audiovisuais, caderno de campo e entrevistas narrativas com cinco mulheres benzedeadas. A análise dos dados identificou que as mulheres benzedeadas se localizam em duas zonas diferentes, quatro delas se localizam na Área da Cidade Compacta de Ocupação Prioritária (ACOP) e correspondem aos respectivos bairros: Novo Olinda (Dona Dedê), Caiçara (Dona Rosilda), Milagre (Dona Gertrudes), bairro São José (Dona Maria) e uma única habita a Zona Predominantemente Residencial (ZPR), correspondendo ao Conjunto Japiim (Dona Sabá). O perfil das benzedeadas compreende a faixa etária entre 62 e 94 anos, são, em sua maioria, viúvas e católicas, naturais do Pará, com média de atuação no trabalho de benzeção de 62 anos e que herdaram o dom do benzimento de mães, pais e/ou avós. O processo de antropização urbana é marcado pela industrialização, comércios e serviços, produzem diferentes modos de aquisição aos seus elementos de cura no ofício da benzeção, além de revelar angústias e anseios a elas, provocados pela escassez de tais elementos, com estreita relação de adaptação, o que as leva a realizarem suas práticas com os elementos cultivados em seus próprios quintais, frente ao contínuo crescimento urbano. Constatou-se que elas se organizam em microterritórios que estruturam uma rede urbana de reciprocidade e solidariedade o que promove trocas de valores e diálogo interpessoal. As mulheres benzedeadas de Castanhal tratam o seu dom como elemento intrínseco e legítimo e como dádiva do divino. Assim, as suas práticas apresentam uma artesanaria genuinamente amazônica de antropizações que vão sobrevivendo em face do inter-relacionamento do crescimento urbano e contínuo da cidade. A presença de benzeção se configura como ato de resistência proveniente de um passado rural que tensiona e flexibiliza os imaginários geográficos urbanos. Por meio de suas narrativas, percebe-se que a ação da antropização urbana sobre seus ofícios de cura acaba superando as dificuldades com adaptação a novos elementos em suas práticas. A valorização e reconhecimento do trabalho das mulheres benzedeadas de Castanhal é uma ação necessária para potencializar e manter a benzeção e o benzimento no município, além de constituir uma poderosa ferramenta de enfrentamento à crise da (des)humanização.

**Palavras-chave:** Urbanização. Estudos antrópicos. Mulher benzedeadas. Castanhal. Práticas culturais.

## ABSTRACT

This research assumed the purpose of investigating how women healers are affected in their practices with elements of healing in the city of Castanhal (PA). In this sense, it addresses the geographical location, the profile of women healers in the municipality of Castanhal and the know-how in the midst of urban anthropization, the elements of material and immaterial healing of the benzecion and their adaptations and difficulties in healing practices. Therefore, the investigation presented the qualitative approach with descriptive-exploratory procedures and developed under an anthropic look with the methodological bias of ethnomethodology. The techniques used were: participant observation, informal conversations, audiovisual records, field notebook and interviews with five women healers. The analysis of the data identified that the women healers are located in two different zones, four of them are located in the Area of the Compact City of Priority Occupation (ACPO) and corresponds to the respective neighborhoods: Novo Olinda (Dona Dedê), Caiçara (Dona Rosilda), Milagre (Dona Gertrudes), São José (Dona Maria) and a live in Predominantly Residential Zone (PRZ) corresponding to the Japiim Set (Dona Sabá). The profile of the healers comprises the age group between 62 and 94 years old, they are mostly widows and Catholics, born in Pará. with an average performance of 62 years in the work of benzecion and who inherited the gift of benzecion from mothers, fathers and / or grandparents. The process of urban anthropization is marked by industrialization, businesses and services, producing different ways of acquiring its elements of healing in the craft of benzecion, in addition to revealing anguish and yearning for them, caused by the scarcity of such elements, with a close adaptation relationship, which leads the healers to carry out their practices with the elements cultivated in their own backyards in the face of continuous urban growth. It was found that they are organized in micro-territories that structure an urban network of reciprocity and solidarity, which promotes exchanges of values and interpersonal dialogue. The healers women of Castanhal treat their gift as an intrinsic and legitimate element and as a gift from the divine. So their practices present genuinely Amazonian craftsmanship anthropization that will survive in the face of the interrelationship of the urban and continuous growth of the city. The presence of benzecion is configured as an act of resistance from a rural past that tenses and eases urban geographical imagery. Through their narratives, it is noticed that the action of urban anthropization on their healing trades ends up overcoming the difficulties with adapting to new elements in their practices. The appreciation and recognition of the work of women healers in Castanhal is a necessary action to value and maintain the blessing and the blessing in the municipality, in addition to being a powerful instrument to face the dehumanization crisis.

**Keywords:** Urbanization, Anthropic studies, Healer woman, Castanhal. Cultural practices.

## Lista de Figuras

Figura 1- Estrada Belém-Bragança.....	22
Figura 2 - Locomotiva Maria Fumaça na Estação Ferroviária de Castanhal (1964).....	22
Figura 3 - Máquina Maria Fumaça, operadores e maquinistas (1960).....	24
Figura 4 - Estação Ferroviária de Castanhal (década de 60) .....	25
Figura 5 - Av. Barão do Rio Branco junto com a feira .....	26
Figura 6 - Macrozoneamento municipal de Castanhal .....	28
Figura 7 - Localização Municipal de Castanhal .....	30
Figura 8 - Bairros da cidade de Castanhal.....	32
Figura 9 - Agrovilas e localidades do município de Castanhal .....	33
Figura 10 - Mapa de uso e ocupação do solo do município castanhalense (1999-2013) ....	34
Figura 11 - Organização de categorias e subcategorias de análise da pesquisa .....	64
Figura 12 - Localização das mulheres benzedadeiras nos bairros de Castanhal .....	67
Figura 13 - Benzedeira Dona Dedê (in memorian) .....	71
Figura 14 - Benzedeira Dona Rosilda.....	72
Figura 15 - Altar de devoção de Dona Rosilda .....	74
Figura 16 - Benzedeira Dona Sabá.....	76
Figura 17 - Benzedeira Dona Gertrudes .....	78
Figura 18 - Benzedeira Dona Maria .....	80
Figura 19 - Cultivo de plantas medicinais da benzedeira Dona Rosilda.....	86
Figura 20 - Garrafadas e elixis de Dona Rosilda.....	89
Figura 21 - Imposição das mãos Dona Rosilda .....	100
Figura 22 - Imposição de mãos Dona Sabá .....	100

## Lista de Quadros

Quadro 1- Perfil da mulher benzedeira em Castanhal.....	69
Quadro 2 - Plantas medicinais utilizadas pelas benzedadeiras.....	84
Quadro 3 - Elementos materiais e imateriais de cura .....	91

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - População urbana e rural - Região Norte (1940-2010) .....	27
Tabela 2 - Empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida em Castanhal .....	35

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ACOP - Área da Cidade Compacta de Ocupação Prioritária

COHAB - Companhia de Habitação do Estado do Pará

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente

COVID-19 – *Corona Vírus Disease* 2019 (do inglês) - Doença por Coronavírus 2019 (Do português).

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OMS – Organização mundial da saúde

PIB – Produto Interno Bruto

PMC - Prefeitura Municipal de Castanhal

PPGEAA – Programa de Pós Graduação de Estudos Antrópicos da Amazônia

SETRAN - Secretaria de Estado de Transportes

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPA – Universidade Federal do Pará

ZAMB - Zona Ambiental

ZAUS - Zona de Ambiente de Uso Sustentável

ZEUM - Zona de Especial Miscigenadas

ZPR - Zona Predominantemente Residencial

ZEUS - Zona de Estruturação Urbana Sustentável

## SUMÁRIO

<b>URBANIZANDO O TERRITÓRIO DE PESQUISA .....</b>	<b>13</b>
<b>1 ENTRECruzando a Urbanização de Castanhal.....</b>	<b>19</b>
1.1 Processo de Urbanização .....	19
1.1.1 Urbanização de Castanhal .....	21
1.2 Crescimento Urbano e Antropização de Castanhal .....	29
<b>2 ELEMENTOS DE CURA DAS MULHERES BENZEDEIRAS FRENTE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS .....</b>	<b>38</b>
2.1 Elementos de cura.....	41
2.1.1 Benzimento e Benzeção.....	41
2.1.2 O Dom da Cura.....	44
2.1.3 Plantas e Ervas Medicinais .....	47
2.1.4 A <i>Folkcomunicação</i> no Benzimento .....	49
2.2 Catolicismo Popular e Sincretismo Religioso .....	51
<b>3 LÓGICA ARTESÃ METODOLÓGICA .....</b>	<b>60</b>
3.1 Procedimentos Etnometodológicos da Investigação .....	61
<b>4 ELEMENTOS ANTROPIZADOS DAS BENZEDEIRAS .....</b>	<b>66</b>
4.1 No Rastro das Mulheres Benzedeadas .....	66
4.1.1 Localização urbana e Perfil das mulheres benzedeadas de Castanhal .....	67
4.2 Saber-fazer da Mulher Benzedeadas em Castanhal.....	82
4.2.1 Antropização Urbana e os Elementos de Cura da Benzeção.....	88
4.3 Adaptação da Mulher Benzedeadas frente a Antropização Urbana .....	103
4.3.1 Dificuldades nas Práticas de Elementos de Cura.....	105
<b>5 CONSIDERAÇÕES ANTROPIZADAS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>132</b>

## URBANIZANDO O TERRITÓRIO DE PESQUISA

A presente pesquisa concentra-se na perspectiva de um estudo antrópico, a partir de uma relação com apontamentos marcados pela relação humano-meio, partindo de uma reflexão relevante com três variáveis: antropização urbana, elementos de cura e mulheres benzedoras castanhalenses.

Essas benzedoras fizeram parte ativamente da vida cotidiana no meio rural por algum tempo, sempre requisitadas para tratar dos males físicos e espirituais das pessoas, pois estas, como diz Rubert (2013, p.11), detêm um conhecimento singular e específico sobre a natureza (plantas e ervas medicinais) e a religiosidade (catolicismo, umbanda, entre outros), passando por processos de descendência e aprendizagem, ou seja, um legado deixado por seus antecessores.

A prática de benzeção é antiga e ainda conhecida em diversas culturas, haja vista que as benzedoras possuem um papel histórico-social fundamental, pois carregam consigo a identidade da comunidade onde estão inseridas, inclusive na cidade de Castanhal (PA) (GOMES; PEREIRA, 1989, p. 13).

Para os autores, geralmente, nas localidades mais distantes aonde não chegavam sequer membros do clero da igreja católica para realizar batismos, a população tinha que contar com a sorte e esperar por quem tivesse o interesse em ajudá-la. Na maioria dos casos, essa ajuda vinha por meio de mulheres religiosas, que se utilizavam de ervas e ritos como elementos para curar as enfermidades da comunidade, o que muitos acreditavam ser magia.

Desta forma, as mulheres eram responsáveis por colher as ervas e as plantas silvestres, realizavam trabalhos, como cuidar das hortas de sua casa (VALENTINI, 2010). No entanto, muitas delas eram chamadas de curandeiras, pois conheciam as plantas utilizadas nas refeições diárias, possuíam o conhecimento de quais plantas tinham funções de cura, para assim prepararem as infusões, decocções (cozimento) e unguentos (semelhante a uma pomada).

A importância que as mulheres benzedoras podem possuir na cidade de Castanhal já faz parte de minha experiência pessoal, já que, durante a adolescência, também adoeci e apresentei melhoras graças a uma mulher benzedora de prenome Dona Maria da Mata (*in memoriam*), que morava próximo a minha residência, no bairro Ianetama, e usufruía de uma certa popularidade na cidade e na região.

Minha enfermidade foi denominada de “mijada de potó”, o que me causou uma infecção na pele, devido ao contato com o besouro chamado popularmente de potó (*Paederus littoralis*), que é da família dos besouros e costuma aparecer no final do período chuvoso. Geralmente, sua urina causa queimaduras na pele. Minha melhora veio após três sessões de benzimento, e não houve necessidade de ser levado ao hospital e tratado com medicamentos farmacêuticos.

Esta situação pode ser explicada pela medicina convencional, como dermatite linear que se manifesta com lesões dolorosas, bolhas e queimadura intensa na pele. A administração intravenosa de esteróides é geralmente reservada para casos extremos, como exposição sistêmica ou regiões muito sensíveis, o que não foi meu caso. O tratamento com loção derivada do *Sambucus ebulus* acalma a coceira e diminui a inflamação resultante de erupções e alivia os sintomas (CHUBINHO *et al.*, 2010).

Outra experiência vinculada à benzeção que tive, refere-se a “espinhela caída”, o que me levou mais uma vez à casa de Dona Maria da Mata, afim de obter melhoras. Essa enfermidade consiste em uma dor peitoral, nas costas e pernas, além de forte cansaço. A espinhela é um osso flexível, semelhante a um nervo, na altura da boca do estômago, que pode envergar para dentro. Para saber se a espinhela está de fato caída, a benzedeira mede com o uso de um fio barbante, a referência da ponta do dedo mínimo (da mão) à ponta do cotovelo e depois de um ombro ao outro, se coincidirem as medidas, a espinhela está normal, caso contrário, está caída, que, em meu caso, foi curada com orações.

Outros episódios remetem-se às vezes em que minhas irmãs, quando crianças, acometidas de “quebranto”, eram levadas às benzedeadas por minha mãe, que é católica, e eu as acompanhava. É pertinente frisar que as crianças da localidade, costumeiramente, passavam por esse ritual em busca de benzimento para o quebranto, também conhecido como olho gordo ou mau-olhado, que consiste na crença de que é a inveja de alguém, demonstrada pelo olhar, transmitindo uma energia negativa que prejudica a realização de algum sonho, provoca doenças ou estragos.

O alvo do quebranto pode sentir cansaço e languidez (moleza) e ter a impressão de que nada do que faça dá certo, supostamente, devido ao olhar maléfico de alguém. Estes momentos de contatos que tive com mulheres benzedeadas é que me fizeram ter o interesse por esta pesquisa, além de refletir sobre seus elementos de cura articulados ao senso comum, que vai além de sua fé diante de uma enfermidade em meio ao crescimento urbano.

Nesta perspectiva, ao abordar o papel das benzedeadas, enfatizamos a relevância de sua presença como mediadoras entre o domínio do sagrado e a cura do corpo, pois elas ainda apresentam um significado importante para a saúde coletiva da cidade de Castanhal. Concordando com Maciel e Neto (2006), essas senhoras são vistas como cientistas populares, as quais possuem características próprias de curar, juntando o sincretismo religioso, catolicismo e os conhecimentos da medicina popular.

Na cidade de Castanhal as benzedeadas têm sua origem em meados da década de 1920, antes mesmo da emancipação política em 28 de janeiro de 1932, e seu surgimento está intimamente ligado com a inauguração da igreja Matriz de São José em 19 de março do ano de 1911, tendo como primeiro pároco o padre Cônego Luiz de Souza Leitão (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

Dentre as mulheres que conduziam as rezas nas residências castanhalenses, uma das primeiras foi a religiosa Dona Maria Caetana da Mota<sup>1</sup>, que começou a se destacar e iniciar o processo de benzeção em crianças, jovens e adultos e, com o passar do tempo, contribuía para o desenvolvendo de habilidades como: novos ritos e novas linguagens de cura popular. Elas fazem parte de cenários históricos coletivos de cura e devendo-se admitir que há singularidades entre as mulheres benzedeadas, métodos e crenças.

De acordo com Souza (2019) a partir das missas e os grupos de jovens formados na igreja, sob a liderança do Monsenhor Manoel Teixeira de Sousa<sup>2</sup>, os devotos passaram a construir em suas próprias residências altares para realização de novenas<sup>3</sup>, estas eram dirigidas por mulheres mais velhas que conduziam as rezas e as ladainhas.

Para as benzedeadas, as doenças curadas são consideradas perturbações que atingem não apenas o corpo, mas estão ligadas diretamente a questões voltadas para a sociedade, questões psicológicas ou espirituais que acabam afetando o cotidiano de todos (OLIVEIRA, 2019).

---

<sup>1</sup> Dona Maria Caetana da Mota, foi considerada a primeira benzedeadas de Castanhal (década de 1920), por sua dedicação e trabalho junto à igreja católica, pertencente ao grupo de mulheres beatas da igreja Matriz de São José (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

<sup>2</sup> Padre Monsenhor Manoel Teixeira de Sousa nasceu em 11 de maio de 1924, na colônia Anhangá (atualmente município de Castanhal), depois de passar pouco tempo na paróquia do Bairro do Guamá em Belém, foi transferido em 1967 para a Paróquia de São José, em Castanhal, onde permaneceu como pároco por 35 anos, faleceu em 04 de agosto de 2002. (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

<sup>3</sup> É uma oração católica que deve ser feita por nove dias ou por nove horas, consiste em um grupo de orações que abrem a possibilidade de exaltar a fé, e principalmente criar um encontro entre orações e devoção a Deus Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Rezar-uma-Novena>.

É importante ressaltar que as plantas medicinais também são usadas como elementos de cura no tratamento de doenças devido à herança cultural existente em algumas sociedades e pelo acúmulo de saberes adquiridos ao longo dos anos no processo de manipulação dos recursos, mas também pelos custos altíssimos dos medicamentos farmacêuticos (SALES; ALBUQUERQUE; CAVALCANTI, 2009).

Cabe ressaltar que o processo de ocupação do espaço físico e a apropriação dos recursos naturais pelo homem impõem transformações no meio ambiente, que, dependendo de como ocorrem, podem resultar em colapsos (LEMOS, 2000). Diante disto, entende-se que as ações antrópicas urbanas sobre os ecossistemas tendem a causar uma aceleração no processo de transformação de paisagens pelos tipos de usos e coberturas da terra, refletindo, na maioria das vezes, em extensas áreas de fragmentos florestais.

À medida que a sociedade evolui, a modernização dos processos produtivos torna-se necessária, em que o crescente aumento populacional concomitante com a urbanização e a aglomeração das pessoas nas cidades resulta na apropriação e manipulação do espaço geográfico. Como consequência, essa manipulação produz alterações bastante significativas, que comprometem de forma contundente os recursos naturais e a prática de cura de mulheres benzedoras em Castanhal.

As ações humanas para com a natureza possuem variação em função do tempo e da região. A cidade e o urbano expressam o movimento da vida, a produção do espaço, sobretudo, reflete a cultura de um grupo. O crescimento acelerado das cidades e a falta de gestão urbana, somados à política imobiliária, repercute negativamente na biodiversidade (MESQUITA; SOUSA, 2017).

Assim, algumas ações antrópicas têm se intensificado bastante em Castanhal, tais como o desmatamento, o crescimento urbano desordenado, extinção de espécies da fauna e da flora, entre outras. Estas ações, são geralmente ligadas ao viés econômico, não levando em consideração o impacto social, cultural e histórico para a região (SANTOS, 2012).

O humano se constrói e deve construir-se, não apesar da contradição do fato de que o humano, ao estar atento às transformações da sociedade, as suas reais condições sociais, pode mudar a realidade a partir do momento que este, tem consciência da importância desta modificação e busca um caminho libertador através do comprometimento político e social (SANTOS, 2012).

Do contrário, viverá como mero espectador da sua vida, realidade, fadado a continuar a própria história, sem muitos estímulos, sem entender como funciona a dinâmica social que o

enaltece, o engrandece ou que o joga para o poço da subalternidade (CORRÊA; SILVA; MALHEIRO, 2020).

É na teia de capilaridades das relações pelas quais tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. É o funcionamento articulado de uma geográfica de cura da mulher benzedeira no espaço urbano da cidade de Castanhal-PA, buscou-se, por meio do pensamento complexo de análise e compreensão (MORIN, 2015), pontuar sistemas e subsistemas que englobam os elementos de cura dessas mulheres no estratificado espaço urbano da referida cidade. Rememorando um passado rural, conectado ao equilíbrio à multiplicidade, ao entrelaçamento e à contínua interação da infinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural.

Portanto, este estudo sobre “antropização urbana frente aos elementos de cura das mulheres benzedeiros de Castanhal” nasceu de minhas inquietações antropocenas concebidas a partir de vários episódios vividos e presenciados na cidade de Castanhal (PA), durante a minha trajetória de vida e contatos com as mulheres benzedeiros, daí o interesse em relacionar a temática em questão dentro do estudo das complexas transformações urbanas.

Nesta perspectiva, propomos a seguinte questão de pesquisa: Como as mulheres benzedeiros são afetadas em suas práticas com elementos de cura pela antropização urbana na cidade de Castanhal?

Para responder a esta questão, elencamos os seguintes objetivos:

**Objetivo Geral:** Compreender como as mulheres benzedeiros enfrentam e são afetadas em suas práticas com elementos de cura pela antropização urbana na cidade de Castanhal.

**Objetivos Específicos:**

- Identificar a localização geográfica de cura da mulher benzedeira de Castanhal e o perfil da mulher benzedeira de Castanhal.
- Analisar o saber-fazer da mulher benzedeira em meio a antropização urbana e elementos de cura material e imaterial da benzeção.
- Descrever as adaptações e dificuldades nas práticas de cura da mulher benzedeira frente a antropização urbana.

Nesse contexto, a dissertação inicia com uma narrativa introdutória denominado **Urbanizando o território de pesquisa**, em que buscamos fazer um contexto geral da

investigação e do objeto pesquisado situando as motivações do autor desta pesquisa para desenvolver a temática.

No primeiro capítulo, intitulado **Entrecruzando a urbanização de Castanhal**, buscamos discutir aspectos do crescimento antrópico urbano no município, entendendo que tal campo do conhecimento possibilita conhecer e organizar conhecimentos contemporâneos acerca da relação humano-meio e humano-humano.

O segundo capítulo consiste na análise dos **Elementos de Cura das mulheres benzedadeiras**, discutindo os meios e recursos das benzedadeiras utilizados para se chegar à cura, elencando a importância dos rituais de benzimento e benzeção, das plantas e ervas medicinais, a *folcomunicação* no benzimento, bem como seus aspectos religiosos naturais e rituais das mulheres benzedadeiras.

O terceiro capítulo enfatiza a **Lógica artesã metodológica**, que representa os procedimentos e o processamento da pesquisa de forma mais humanizada sobre os caminhos de investigação e métodos de pesquisa quanto à abordagem, metodologia e objetivos, e, ainda as técnicas e instrumentos de constituição de informações e análise dentro do contexto da antropização urbana da cidade de Castanhal.

No capítulo 4, denominado **Elementos Antropizados das Benzedadeiras**, para esta qualificação, acionei as técnicas e instrumentos da pesquisa utilizadas na artesanaria metodológica já mencionadas, organizando-as em 3 categorias de análise (No rastro das mulheres benzedadeiras, Saber-fazer da mulher benzedadeira e Adaptação da mulher benzedadeira frente a antropização urbana) e 3 subcategorias de análise (Localização urbana e perfil das mulheres benzedadeiras de Castanhal, Antropização urbana e os elementos de cura da benzeção e Dificuldades nas práticas de elementos de cura).

O quinto e último capítulo enfatiza as **Considerações Antropizadas**, o qual situa as principais conclusões o que revelam as mulheres benzedadeiras localizadas nas áreas urbanas e adjacentes da cidade, isto em consequência da falta de recursos naturais como as plantas medicinais que elas utilizam em seus ofícios da benzeção.

## **1 ENTRECruzando A Urbanização DE Castanhal**

Este capítulo tem por objetivo abordar o processo de urbanização no Brasil e sua prevalência na história de crescimento e antropização urbana do município de Castanhal. Posteriormente, com dados mais recentes, contextualizamos a cidade como um espaço de transformação urbana, ao longo do tempo, além de enfatizar as modernizações e características urbanas da cidade.

### **1.1 Processo de Urbanização**

A urbanização é o processo de transformação dos espaços rurais em espaços urbanos, geralmente isso ocorre em uma região ou um território que passam por modernizações de suas características, modificando-se de campo para cidade. Normalmente, o crescimento das cidades se dá através das práticas inerentes a elas, como as atividades industriais e comerciais (RAMOS, 2018).

No processo de constituição e transformação do espaço geográfico, ao longo da história, um dos fatores que exerceram uma maior influência foi a industrialização, que se manifestou em diferentes ritmos e períodos entre os diversos países. Neste sentido, podemos dizer que nesse movimento, as transformações relacionadas ao processo de urbanização das sociedades implicam em uma relação entre industrialização e urbanização, pois é o processo industrial que dinamiza as sociedades modernizadas, embora esse não seja o único fator responsável por isso.

Segundo Santos (2012, p.14), a Revolução Industrial se apresenta como um novo ponto de partida para a urbanização no mundo e, se ela “deu origem a uma presença humana cada vez mais importante nas cidades, também contribuiu para a multiplicação do número dessas aglomerações gigantescas” que, dentro de seus limites, concentram muitos milhões de habitantes.

O processo de industrialização no Brasil iniciou-se durante o governo do presidente Getúlio Vargas, na década de 1930, o que contribuiu para a urbanização e povoamento das cidades. De acordo com Cardoso, Santos e Carniello (2011), o Brasil teve seu processo de urbanização intensificado durante esse período, com estreita relação com a industrialização e o esvaziamento do meio rural.

A urbanização e modernização do país foi incentivada por Getúlio Vargas, durante o governo do Estado Novo (1937-1945), por meio de investimentos em infraestrutura,

indústrias e regulamentação do trabalho, e com a consolidação das leis trabalhistas, como forma de inserir o Brasil no processo de industrialização (SUSSEKIND, 2003).

Isso se deve ao fato, de o governo brasileiro ter investido em ferrovias e indústrias estatais para subsidiar a industrialização, além de ter feito acordos e investimentos financeiros com agentes internacionais para instalarem suas indústrias em nosso país. Assim, a industrialização brasileira foi de fundamental importância para a antropização do meio urbano que modernizou as cidades durante esse período.

A transição de um modelo agroexportador para um “modelo urbano-industrial significou arranjos necessários feitos pelo Estado brasileiro para se adequar às exigências do capitalismo em escala mundial” (PEREIRA, 2004, p. 26). E, por isso, a urbanização constituiu-se na ação viabilizadora dessa condição. Nesse sentido, as cidades são vistas como ambiente moderno, com concepções e difusão do progresso e da modernidade, como forma de ultrapassar as mentalidades tradicionais e comportamentos arcaicos advindos do campo, com a ideia de que o rural é ultrapassado enquanto desenvolvimento.

Por exemplo, quando a população urbana de um determinado espaço cresce em número maior que a do campo, ocorre um processo de urbanização antrópica, em que a ação humana aparece como uma das causas principais para o inchaço populacional. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), só é considerada urbana no Brasil a sociedade em que o número de habitantes das cidades ou distritos estiver acima de dois mil habitantes.

Todavia, essa modificação se deu pelo processo de modernização e modificação da agricultura no Brasil (ALVES, 2012). As cidades tornaram-se atrativas para os trabalhadores do campo, que se deslocaram para as áreas urbanas, ocupando, vivendo trabalhando em condições precárias. Cruz, Sá e Castro (2011) destacam que, até meados da década de 1960, a urbanização teve crescimento lento, sendo estimulada, nas décadas seguintes, pelo desenvolvimento da rede informacional e de telecomunicações, além da estrutura rodoviária e aumento do consumo estimulados pela modernização, industrialização e economia do Estado brasileiro.

Vale ressaltar que, no decorrer do processo de transformação política e econômica em que o país passava entre os anos 1960-1970, as populações das áreas rurais migravam fortemente para as cidades, em busca de empregos e melhores condições de vida (FÁVERO, 2004).

Nesse contexto, entende-se que se fortalece o cenário de urbanização antrópica na Amazônia, com a reorganização das primeiras cidades, configurando dois momentos principais correspondentes aos padrões de ocupação urbana e a partir da ação dos agentes antrópicos como o Estado e o mercado (CASTRO, 2009).

Para Castro (2009), o período de ocupação e povoamento da Amazônia está intrinsecamente ligado à intensificação da exploração da borracha, já que, durante esse período, as cidades de Belém e Manaus tiveram, além da urbanização e modernização dos seus centros comerciais, transformações por meio das ações humanas, destacam-se as mudanças sociais, econômicas, intelectuais, artísticas e culturais modificando o modo de viver e de pensar do cotidiano amazônico.

No que tange à ação humana sobre os elementos da natureza, tem sido historicamente construída de maneira a alterar o equilíbrio dinâmico existente entre esses elementos (DREW, 2005). Essa intervenção antrópica se faz sentir em vários elementos do sistema natural, como o clima, a vegetação, a hidrografia e o relevo.

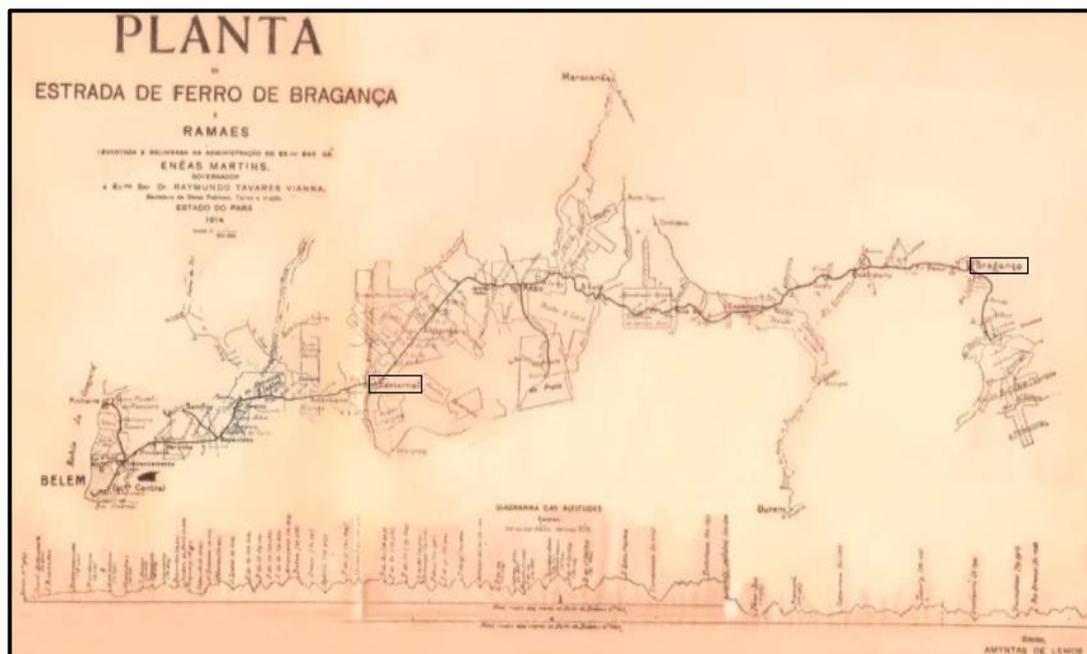
Por isso, com o dinamismo contínuo do processo de urbanização incentivado pelo Estado como agente antrópico de transformações urbanas, o cotidiano das cidades amazônicas foram e continuam se transformando. As cidades tiveram que se adequar ao modelo capitalistas de desenvolvimento, em que as atividades humanas foram responsáveis pela modificação dos aspectos culturais, valores e costumes de suas populações.

### **1.1.1 Urbanização de Castanhal**

A urbanização de Castanhal está diretamente ligada à colonização da região bragantina, além das relações políticas, econômicas e sociais que se estabeleceram no decorrer do processo urbano do município. De acordo com Miranda e Rodrigues (2009), o município tem sua origem a partir de uma iniciativa do Estado do Grão-Pará, com objetivo de colonizar a Zona Bragantina, que compreendia o perímetro entre Belém e Bragança.

Desse modo, Alves (2012) ressalta que a gênese do processo de urbanização do município de Castanhal está relacionada à construção da estrada de ferro Belém-Bragança (Figura 1), conferindo ao município o papel de entreposto comercial agrícola. Após esse período, com a desativação da ferrovia, a configuração espacial de Castanhal passa a apresentar novas finalidades.

Figura 1- Estrada Belém-Bragança



Fonte: Siqueira (2008).

Observa-se o trajeto da estrada de ferro Belém-Bragança, que ligava o município de Belém à cidade de Bragança, localizada no interior do Estado e a localização exata de Castanhal ao longo da estrada de ferro, pois foi a partir da construção dessa ferrovia que surgiu o município castanhalense, local de estudo desta pesquisa.

Além disso, cabe destacar, que a história do município<sup>4</sup> de Castanhal guarda estreita relação com a história do município de Belém (GUIMARÃES; CARUJO, 1984). Os autores apontam que há uma equivocada concepção de que o município de Castanhal seria o resultado da iniciativa de realizar a construção de uma estrada de ferro que ligasse os dois municípios, motivada por interesse colonizadores, sobretudo, econômicos.

Contudo, a urbanização e organização da rede urbana do município de Castanhal está relacionada com o seu processo histórico de colonização e tornou-se o centro de polarização do nordeste paraense, concentrando um enorme fluxo de pessoas, mercadorias, serviços e investimentos.

Todavia, foi por meio da Estação Ferroviária de Castanhal (Figura 2) que houve a contribuição para a colonização, ainda como um dos últimos trens, inclusive a máquina Maria Fumaça, nota-se o início da demolição da Estação com a retirada de trilhos motivadas

<sup>4</sup> Nesta pesquisa, a palavra município citada no texto, refere-se à forma como Castanhal encontrava-se antes do avanço do processo de urbanização, enquanto o termo cidade refere-se a nova forma urbana de Castanhal.

pela extinção da Estrada de Ferro de Bragança na década de 1960 (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

Figura 2 - Locomotiva Maria Fumaça na Estação Ferroviária de Castanhal (1964).



Fonte: <http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2013/06/nos-rastros-da-maria-fumaca-da-estrada.html>

Porém, além de tornar a economia dinâmica com o uso da informação e da tecnologia, o processo de adequação aos moldes de cunho capitalista de desenvolvimento proporcionou mudanças, que são explícitas por meio da paisagem e nas relações estabelecidas.

O município passou a fazer parte da Região Metropolitana de Belém por intermédio da Lei Complementar nº 76, de 28 de dezembro de 2011. Intensificada, pela dinâmica do município mediante suas relações demográficas, econômicas, comerciais e de transporte com a metrópole Belém. Assim, Castanhal integrou um grupo com mais 06 municípios: Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara do Pará e Santa Isabel do Pará, Isso constitui um forte processo de conurbação com a referida capital (IPEA, 2010).

Contudo, a dinâmica do município modificou-se com o passar dos anos, em que a urbanização interferiu diretamente nas relações estabelecidas, moldando-se cotidianamente através da antropização. Esse processo de urbanização do município de Castanhal contribuiu

para a transformação do território, não apenas associado às delimitações geográficas, mas às relações sociais, simbólicas e culturais, estabelecidas nesse espaço (MILANI, 2003).

Figura 3 – Estrada de ferro, operadores, maquinistas e a Maria Fumaça, (1960)



Fonte: <http://eubragantino.no.comunidades.net/estrada-de-ferro-de-braganca-para>

A Estrada de Ferro de Bragança (Figura 3), foi uma ferrovia que existiu no Pará e ligava a estação de São Brás (Belém) à cidade de Bragança numa extensão de 221 Km e começou a ser construída no ano de 1883, inaugurando em 1884 seu primeiro trajeto de 29 km entre São Brás e Benevides. E em 1885, ganhou outros 29 Km, e atingiu a outras localidades como de Itaqui, próxima a Castanhal, porém, as obras de construção focaram paralisadas até 1901, e somente em 1908 chegou à extensão máxima, influenciando de forma direta no processo de urbanização de Castanhal (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

Todavia, estas realidades urbanas ainda têm sido tratadas como produto da intervenção do homem sobre a natureza, relacionados sempre a justificativa de compreender que a cidade tem a necessidade de crescer e se desenvolver economicamente porém, a grande parcela da população não se dá conta que esse desenvolvimento urbano vem causando impactos sobre o meio ambiente e como desmatamento, poluição de rios e igarapés por exemplo, e possivelmente impactando de forma direta as plantas e ervas medicinais, principais elementos de cura utilizados nas benzeções das mulheres benzendeiras (GUERRA; CUNHA, 2001).

O prédio da Estação Ferroviária (Figura 4), vendo-se ao lado as primitivas casas de comércio ambas localizadas na antiga praça Dr Augusto Montenegro (hoje prolongamento da avenida Barão do Rio Branco), atual avenida Marechal Deodoro. Esses resquícios iniciais já mostravam os primeiros indícios para impulsionar a urbanização, o desenvolvimento e o progresso do município (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

Figura 4 - Estação Ferroviária de Castanhal (década de 1960)



Fonte: <http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2010/04/memorias-da-estrada-de-ferro-de.html>.

Sendo assim, o conjunto de ações antrópicas que compõem a natureza formam o espaço geográfico-urbano e são tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou, as cidades, barragens, edifícios, instrumentos, veículos, entre outros (SANTOS, 2012).

Mas também a ação é um fato humano, apresenta projetos e intenções, pois depende do objetivo e da finalidade com a qual é praticada, e nisso o homem é único por causa de sua racionalidade, destrói a natureza modificando o espaço geográfico em benefício próprio, diferentes dos animais que são seres vivos irracionais e são parte da natureza e, muitas das vezes acabam sendo prejudicados pelas ações humanas que não se restringem apenas aos indivíduos, mas incluem, também, as empresas, as instituições (SANTOS, 2012).

Vale ressaltar que o cotidiano do comércio de Castanhal do “tempo do trem”, dos igarapés, do mercado municipal e das pequenas casas comerciais representavam a feira da

cidade (Figura 5), localizada da Avenida Barão do Rio Branco onde os feirantes comercializavam suas mercadorias (BARROS, 2014).

Figura 5 - Av. Barão do Rio Branco junto com a feira



Fonte: <http://castanhalphotografic.blogspot.com/2012/09/castanhal-fotos-antigas.html>

O crescimento da população urbana em detrimento da rural na região norte na última década (Tabela 1), confirma que a urbanização acontece quando a população urbana passa a ser maior que a população rural. Cabe aqui destacar que estes dados foram analisados com informações levantadas pelo último Censo (Ano 2010), haja vista que, em função das orientações do Ministério da Saúde, relacionadas ao quadro de emergência de saúde pública causado pela COVID-19, o IBGE decidiu adiar a realização do Censo Demográfico para 2021<sup>5</sup>.

Podemos perceber que, de 1940 a 2010, houve um crescimento significativo da população da cidade em relação a população do campo, pois em 1940 a população urbana era de 427.479 habitantes, enquanto que a população rural era de 1.205.438 habitantes, porém esses números se inverteram ao longo dos anos, já que no ano de 2010 a população urbana chegava à 11.663.184 habitantes e a população rural reduzia o seu número para 4.202.494 habitantes.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/trabalhe-no-censo>.

Tabela 1 - População urbana e rural - Região Norte (1940-2010)

<b>ANO</b>	<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>	<b>POPULAÇÃO URBANA</b>	<b>POPULAÇÃO RURAL</b>	<b>ÍNDICE DE URBANIZAÇÃO (%)</b>
1940	1.632.917	427.479	1.205.438	26,18
1950	2.048.696	607.164	1.441.532	29,64
1960	2.930.005	1.041.213	1.888.792	35,54
1970	6.767.249	3.398.897	3.368.352	50,23
1991	10.257.266	5.931.567	4.325.699	57,83
2000	12.893.561	9.002.962	3.890.599	69,83
2010	15.865.678	11.663.184	4.202.494	73,51

Fonte: IBGE (2010).

Então, por ser um município localizado na região norte, Castanhal tem aderido ao longo dos anos ao seu crescimento populacional, fato que acelerou as atividades na área da construção civil e isso tem provocado conseqüentemente o aumento da quantidade de casas e respectivamente o crescimento vertical e horizontalmente. A edificação de prédios e condomínios luxuosos, também passaram a fazer parte do cotidiano dos castanhalenses, que por sua vez, passaram a dividir-se entre o alto e o baixo padrão de moradias.

De forma geral, os dados acima descritos estão em concordância com Bahia e Garvão (2014), quando se subteende que a redução da população rural e o aumento da população urbana deve-se ao fato da forte industrialização de Castanhal. Um exemplo disso é a cidade de Castanhal como polo que possibilitou ações de antropização produzida pela população, oriunda de espaços rurais, buscando melhores oportunidades de emprego e salários no meio urbano, impulsionando o seu crescimento.

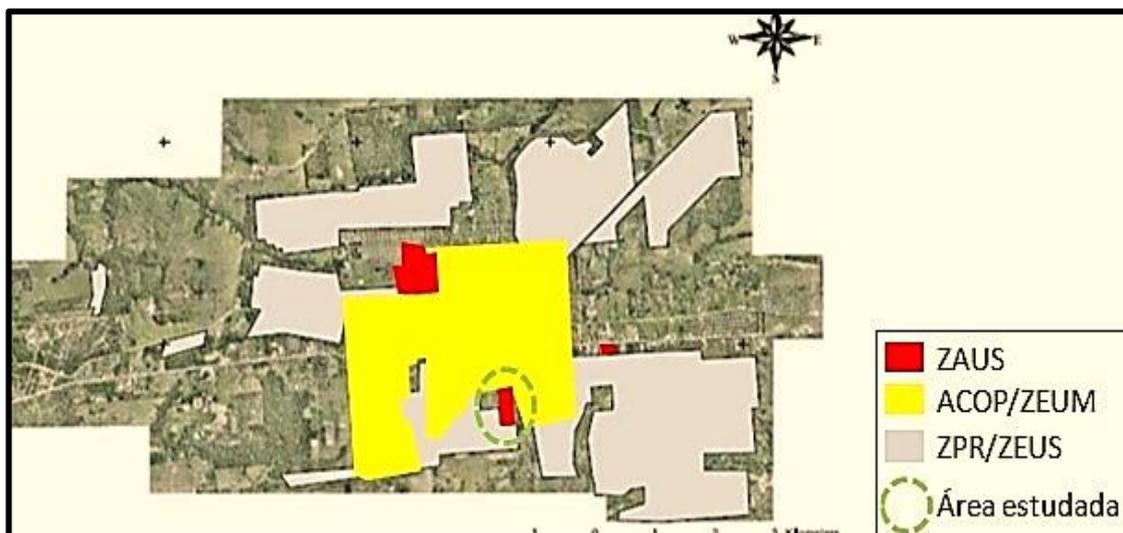
A antropização passa a tomar conta devido à necessidade de acomodar pessoas empregadas que tornam a economia dinamizada, pois pessoas e mercadorias se concentram em áreas estratégicas, e, com isso, as relações entre homem e natureza se modificam em decorrência do processo de urbanização.

De acordo com o Plano Diretor, a ACOP consiste em uma das zonas prioritárias e estratégicas para a consolidação do processo de urbanização antrópica, estimulando a edificabilidade do solo urbano; por outro lado a ZPR é denominada como áreas de fragmentos urbanos destinadas ao uso residencial através da influência de habitações unifamiliares e multifamiliares com vasta consistências construtivas e populacionais (PMC, 2006).

Ressalta-se que o espaço natural está em constante transformação, sendo as ações antrópicas uma das principais responsáveis por esse processo que se iniciou principalmente com a ocupação do território e a utilização dos recursos naturais. As modificações do território intensificam-se como um dos principais fatores da urbanização, levando ao surgimento de vários impactos aos ecossistemas naturais. Este processo está diretamente relacionado ao aumento da população urbana em decorrência do êxodo rural e da industrialização, acarretando a formação de cidades e, conseqüentemente, o crescimento demográfico (LOPES, 2008; MESQUITA *et al.*, 2017).

No que diz respeito a aspectos urbanos, Castanhal está dividido em zonas (Figura 6), Conforme o Plano Diretor Participativo (PMC, 2006), o município compreende numa subdivisão territorial da Zona Ambiental (ZAMB), denominada Zona de Ambiente de Uso Sustentável (ZAUS), as outras zonas se dividem em: Área da Cidade Compacta de Ocupação Prioritária (ACOP), Zona de Especial Miscigenadas (ZEUM), Zona Predominantemente Residencial (ZPR) e uma Zona de Estruturação Urbana Sustentável (ZEUS) (PMC, 2006).

Figura 6 - Macrozoneamento municipal de Castanhal



Fonte: PMC (2006)

Diante disso, percebe-se que o espaço natural no processo de urbanização no município de Castanhal é submetido a modificações expressivas e se mostra cada vez mais urbano, não somente em indicadores quantitativos, mas decorrente das ações antrópicas, que transformam a paisagem ao longo de sua história com ruas pavimentadas, especulação imobiliária, concentração de comércios entre outros.

Dito isso, Rodrigues e Vieira (2017) destacam que nesse contexto, a cultura urbanizada foi se estabelecendo no município, enquanto uma oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Logo, as relações e hábitos típicos de pequena cidade transformaram-se, por meio da influência da antropização social e através dos meios informacionais e de telecomunicação no município.

## **1.2 Crescimento Urbano e Antropização de Castanhal**

O município de Castanhal pode ser compreendido pelo processo de urbanização, através das experiências do cotidiano e delimitações das ações humanas que se queria implantar a partir de modelos de cidades das sociedades modernas (SOUZA, 2019). Esse fenômeno ocorre devido ao crescimento urbano que está diretamente ligado ao crescimento do espaço físico das cidades com o surgimento de novos bairros, casas, condomínios, residenciais, entre outros. Observa-se que a maioria dos locais ambientais da cidade de Castanhal, tais como rios e igarapés, foram substituídos por canais, por onde são direcionados resíduos orgânicos provenientes de condomínios, residências e estabelecimento comerciais, impulsionados pela antropização e explicados pela antropia<sup>6</sup> que é entendida como a ciência que estuda a transformação do meio ambiente através da ação humana (FERNANDES; FERNANDES, 2018).

De acordo com o IBGE (2015) a população rural reduziu de forma acentuada ao longo dos últimos 30 anos, desde a existência do município, cuja população rural passou de 32,29%, em 1970, para 8,53%, em 2015. Essa porcentagem foi diminuindo de forma acelerada nos anos atuais. Ocorreu um grande crescimento da população urbana no decorrer da década de 80, diminuindo o percentual da população rural, de cerca de 50%, para 20% da sua população absoluta.

Com isso, transcorreram mudanças no perfil profissional ocasionadas pelo dinamismo das políticas socioeconômicas do município, por meio do fortalecimento de

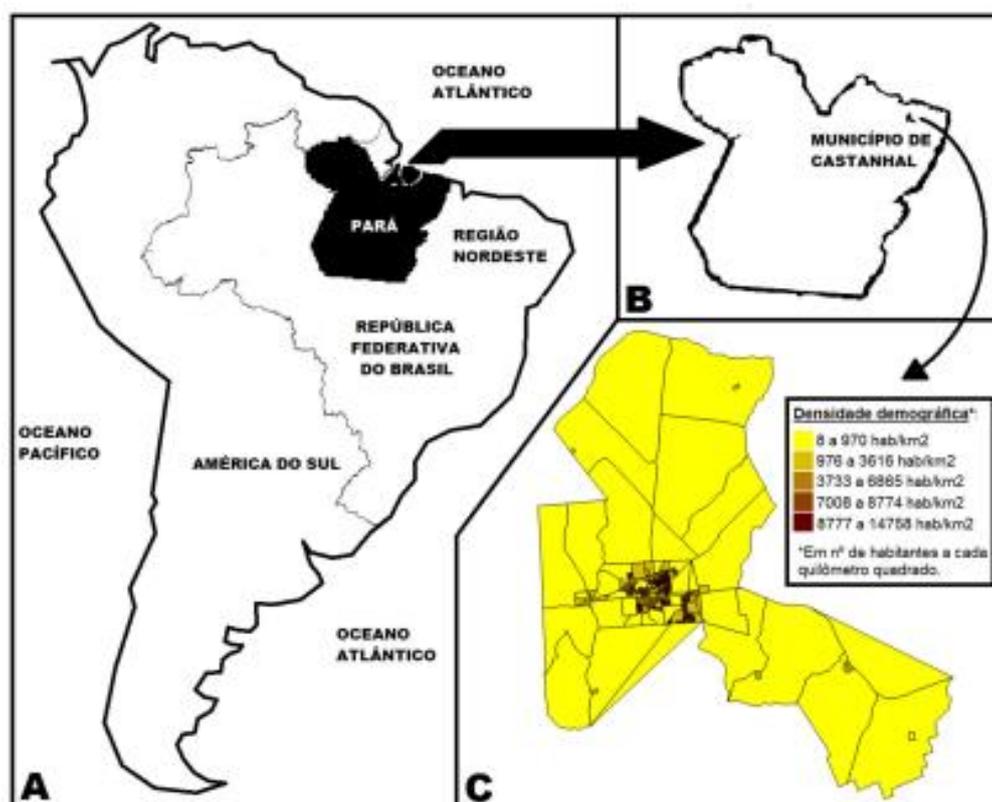
---

<sup>6</sup> De acordo com Fernandes e Ramos (2020), cabe aqui apresentar a relação dos estudos antrópicos como forma de representação mais adequada das realidades dos diversos grupos sociais que vivem no mesmo espaço, não deixando de destacar os seus valores e conseqüentemente a hierarquização, deste espaço, bem como a legitimidade e fundamentos para uma abordagem aprofundada sobre a legalidade e de determinação de seu futuro.

atividades oriundas dos centros urbanos, tais como serviços, comércio e exercícios de administração. O impacto dessas mudanças é resultado do crescimento intenso nas rendas.

Castanhal possui 89 anos e está localizado no nordeste do estado do Pará, distante cerca de 68 km da capital Belém (Figura 7). O município possui uma população com cerca de mais de 200.000 habitantes, com uma área total de 1.030,261 Km<sup>2</sup>, podendo ultrapassar a marca de 210.000 habitantes, em 2020 (IBGE, 2015).

Figura 7 - Localização Municipal de Castanhal



Fonte: Ruas, *et al.*, (2014).

Em 2017, o salário médio mensal era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas, em relação à população total, era de 17.2%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 98 de 144 e 12 de 144, respectivamente. Já em comparação com cidades do país todo, ficava na posição 2999 de 5570, e 1738 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 41.9% da população nessas condições, o que o colocava na posição 129 de 144 dentre as cidades do estado e na posição 2.487 de 5.570, dentre as cidades do Brasil.

Logo, entende-se que a diminuição da população do campo é consequência também do aumento do contingente urbano e isso acontece devido à forte industrialização do município de Castanhal. Esse fato proporcionou à população, advinda dos espaços rurais, passar a ter mais oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

De acordo com Oliveira (2003), a intensa e extensa exploração capitalista sobre a força de trabalho traz o desemprego como a maior consequência. A inatividade de grande parte da classe dos trabalhadores, que são substituídos por máquinas no meio rural, acaba formando um amplo movimento trabalho, porém, não aumenta o salário, provocando a expulsão desses trabalhadores rurais do campo para a cidade.

No entanto, as produções de riquezas material no campo e na cidade destacam condições contrárias para os seus trabalhadores, mostrando que o deslocamento das famílias e, principalmente, dos jovens, em busca de escolarização, emprego e renda esbarra em uma realidade de escassez de trabalho, o que muitas das vezes provoca o seu retorno para o campo (OLIVEIRA, 2003).

Entretanto, o que se percebe é o aumento da população e, com isso, o crescimento urbano castanhalense por meio de políticas públicas com ênfase em construções de habitações e infraestrutura urbana, convertendo-se em problemas sociais como periferização e marginalização, haja vista que a população castanhalense, em sua maioria pobre, não tem condições financeiras para morar em condomínios de luxo.

Para Cardoso, Santos e Carniello (2011), pensar a urbanização é pensar nos espaços e o que está sendo feito com eles. Ressaltando que são mutáveis e a condição principal para essa mudança é a intromissão humana, nesse processo que se destaca como agente transformador e também agente transformado do processo de urbanização.

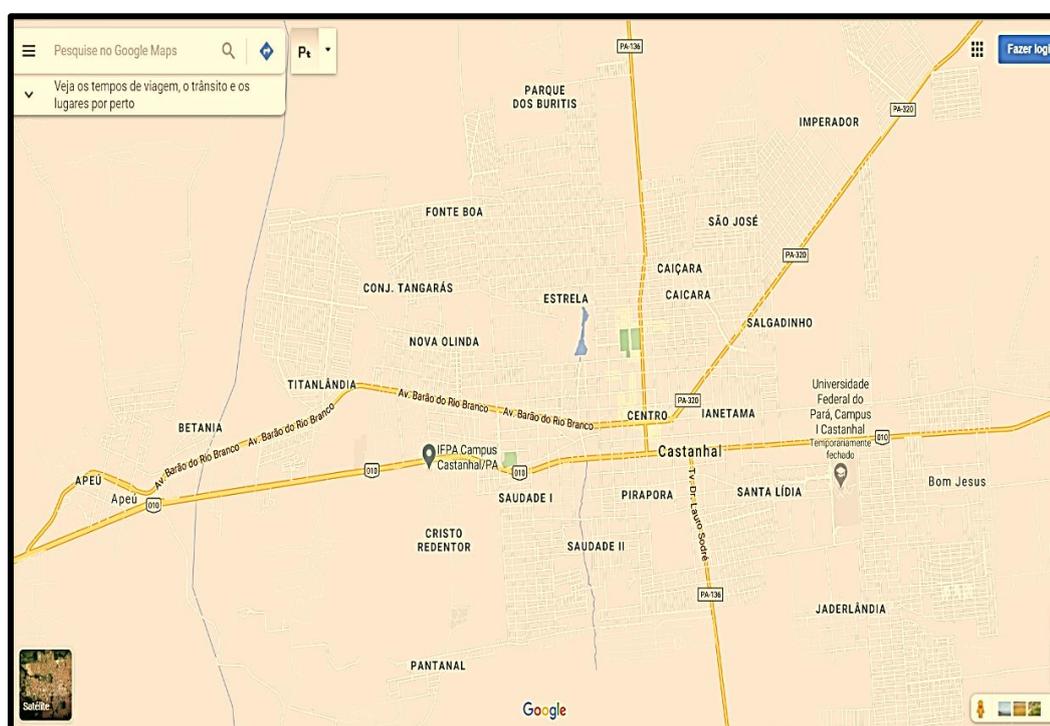
E, o desenvolvimento econômico transforma as estruturas econômicas, políticas, sociais e institucionais em favor do aumento da renda média populacional. Desta forma, busca-se a melhoria de vida, além do avanço sobre o urbano, que se dá em virtude dos altos níveis de desenvolvimento, que são desejáveis pela sociedade moderna (SOUZA, 2009).

Conforme Moreira (2011), o espaço geográfico é dinamicamente modificado pela sociedade, de acordo com seus interesses. A sociedade é um reflexo do seu espaço, assim como o espaço é um reflexo da sua sociedade, além de sincronizado com a atualidade. Esta definição é corroborada por Santos (2012, p. 63), em que concebe que “o espaço é um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

As relações entre homem e natureza, diante da lógica moderna, estão enfraquecendo por meio da necessidade do consumo, do aumento da produção de resíduos domiciliares e da poluição da água, solo e da atmosfera (KUS; GUIMARÃES, 2011).

De acordo com o Mapa Urbano de Castanhal (PMC, 2006), o centro urbano do município é composto por 26 bairros (Figura 8): Ianetama, Santa Lídia, Salgadinho, Jaderlândia, São José, Imperador, Bom Jesus, Nova Olinda, Estrela, Saudade I, Saudade II, Pantanal, Caiçara I e II, Centro, Pirapora, Apeú, Betânia, Titanlândia, Tangarás, Cristo Redentor, Parque dos Buritis, Fonte Boa. Sendo que dois destes são considerados distritos: Jaderlândia e Apeú e Santa Catarina, Jardim das Acácias, Heliolândia, Santa Helena são bairros que não foram visualizados no google maps.

Figura 8 - Bairros da cidade de Castanhal



Fonte: google maps (2020).

A quantidade de bairros que a cidade de Castanhal possui, junto com seus dois distritos, Apeú e Jaderlândia, demonstram o crescimento do espaço urbano ocorrido ao longo do tempo e mostram a atual configuração urbana da cidade.

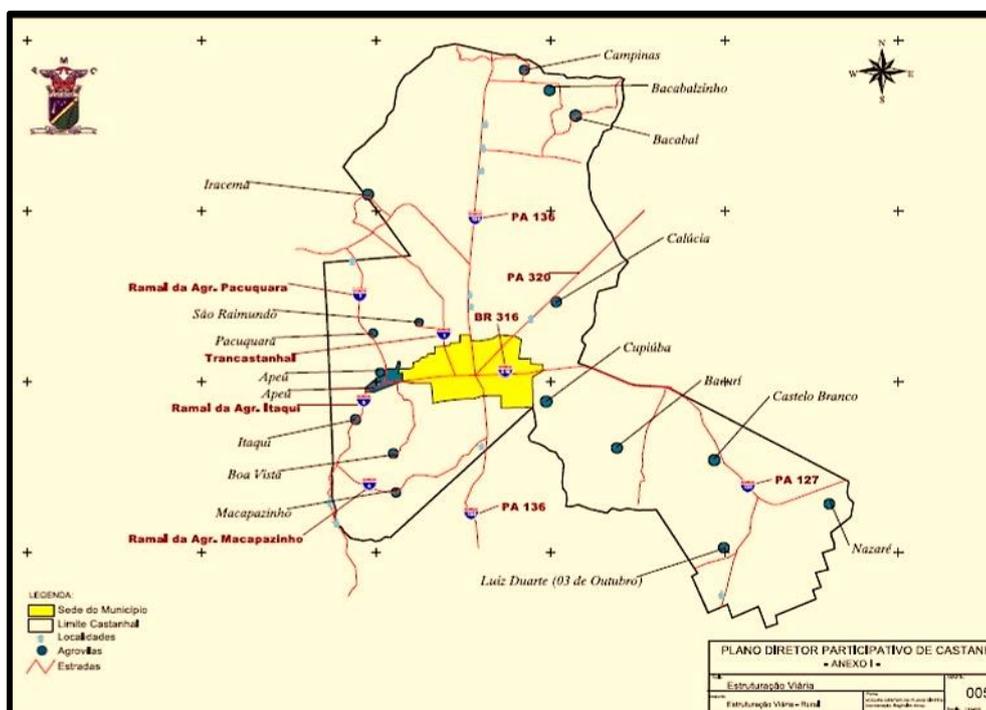
Ribeiro, Lisboa e Fonseca (2015), ao analisarem o crescimento urbano de Castanhal de 1984 a 2013, perceberam que em 1984, o núcleo urbano do município era concentrado entorno da Rodovia BR-316, e já no ano de 2013 a ocupação se expandiu para as Rodovias

PA-136 ao norte e PA-320 ao leste. Essa expansão pode ter sido provocada por alguns fatores, como: o aumento da população de baixa renda, as edificações de conjuntos de habitações através do Estado e a especulação imobiliária por meio de loteamentos privados.

Ao observar o território do município, por meio da Figura 9, percebemos que o crescimento não se limita apenas ao perímetro urbano, porém, tem avançado bastante para a zona rural. Do ano de 1999 a 2013, ocorreu um forte crescimento em torno do centro urbano, uma ocupação de forma pulverizada tanto para o norte quanto para o sul do município, também houve o crescimento de áreas de pastagens ao norte.

Segundo a PMC (2006), além do perímetro urbano, o município de Castanhal possui em seu território, algumas agrovilas e outras localidades (Figura 9). São um total de 15 agrovilas: Iracema, Bacabal, Calúcia, São Raimundo, Pacuquara, Cupiúba, Itaqui, Boa Vista, Bacurí, Castelo Branco, Campinas, Bacabalzinho, Luiz Duarte (também chamado de 03 de Outubro), Macapazinho e Nazaré.

Figura 9 - Agrovilas e localidades do município de Castanhal



Fonte: PMC (2006).

No entanto, para Fernandes e Ramos (2020) poderemos entender a antropização como ação construtiva quando, em determinado território, certo grupo humano toma posse,

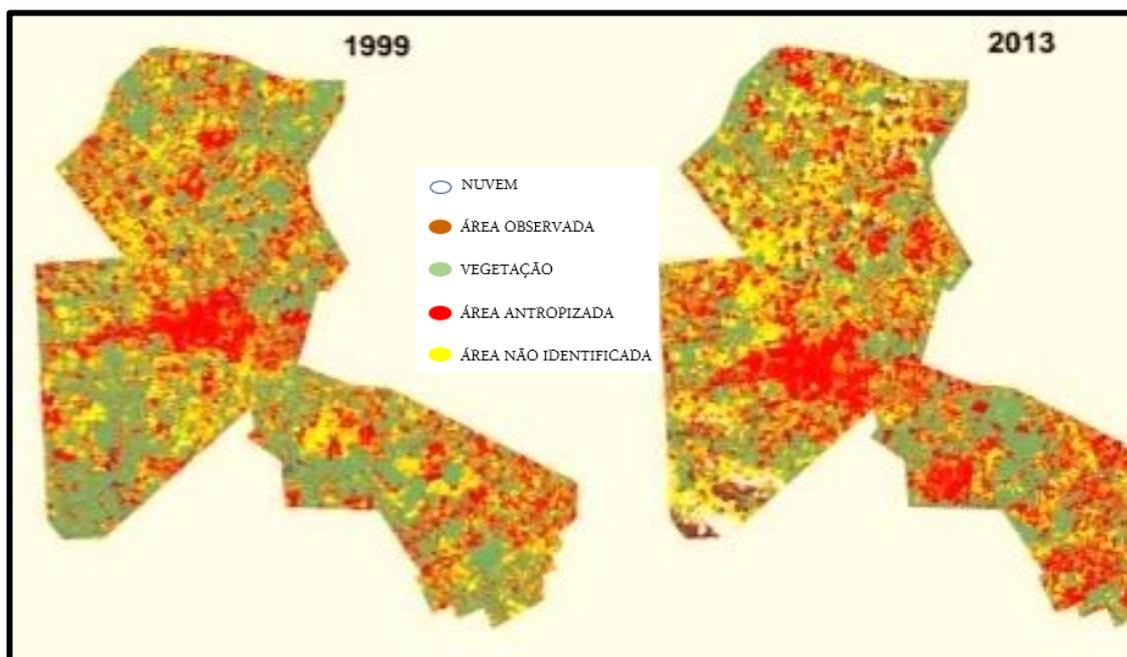
constrói as condições de sobrevivência e as gerencia, a fim de ter o controle e a produção dos meios para tanto.

Essas intervenções das sociedades humanas nos elementos naturais, via de regra, são ações destrutivas, daí o uso recorrente do termo antropização como degradação ambiental: espaços antropizados frequentemente, são os espaços em que a ação humana destruiu a biota original, particularmente em função de um modelo predatório de sobrevivência, que desconhece qualquer possibilidade de sustentabilidade (FERNANDES; RAMOS, 2020).

Além disso, o setor imobiliário destaca-se como um forte agente detentor ou promotor do capital na cidade, pois avançou expressivamente no decorrer dos últimos anos, com condomínios residenciais, bairros planejados e empreendimentos voltados ao crescimento urbano e populacional com elevação do poder aquisitivo, saneamento básico, acessibilidade, acesso aos serviços básicos de educação, saúde, entre outros (PMC, 2006).

Nesse contexto, pelo uso e ocupação do solo de Castanhal (Figura 10), chegamos, então, à inferência que é inevitável o ser humano não realizar impactos, mesmo os mínimos, para que possa produzir crescimento e desenvolvimento.

Figura 10 - Mapa de uso e ocupação do solo do município castanhalense (1999-2013)



Fonte: o autor com base em Júnior, *et al.* (2016).

Algo mais recente em Castanhal são os investimentos particulares com a construção de condomínios horizontais ou loteamentos direcionados ao público pertencente às classes

média e alta. Dentre eles, destaca-se o Residencial Quinta do Bosque, formado por 581 lotes, situado na Avenida Maximino Porpino, às proximidades do Horto Florestal.

Corrêa (2011) aponta que a atuação dos promotores imobiliários no espaço urbano se faz de forma desigual, criando assim a segregação residencial, caracterizando a cidade como capitalista, o que revela os seres humanos em busca de interesses próprios.

Por outro lado, os bairros localizados nas periferias consistem, na maioria das vezes, em moradias para a demanda não-solvável em relação ao empreendimento imobiliário da cidade. Nesses bairros, percebem-se espaços onde faltam serviços como saúde, educação, segurança pública, saneamento básico e infraestrutura, ou seja, áreas que se localizam longe dos centros comerciais e que são menos favorecidos. Porém, com localização central da cidade, é perceptível o processo de segregação e exclusão das camadas pobres nas áreas desvalorizadas pelo capital (PMC, 2006).

O Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal, que teve início em 2009, também contribuiu de forma significativa para o crescimento urbano de Castanhal. Foram entregues na ocasião, no município, 07 empreendimentos, totalizando 2.907 unidades habitacionais. E existe uma previsão para a entrega de mais 03 empreendimentos, em um total de 2.188 unidades. (Tabela 2). Tais empreendimentos localizam-se em bairros novos, porém distantes do perímetro urbano, fixados ao norte e ao leste da cidade (PMC, 2006).

Tabela 2 - Empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida em Castanhal

<b>EMPREENDIMENTO</b>	<b>Nº DE UNIDADES HABITACIONAIS</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
Parque dos Castanhais	499	Novo Estrela	Entregue
Parque dos Buritis	500	Fonte Boa	
Jardim dos Tangarás	496		
Jardim dos Ipês Amarelo	332		
Jardim dos Ipês Rosa	344		
Jardim dos Ipês Roxo	360		
Jardim dos Ipês Branco	376		
<b>Sub-Total</b>	<b>2.907</b>		
Residencial Japiim I e II	1.000	Jardim Imperador	Em construção
Jardim das Flores	500	Bom Jesus	
Residencial Girassol II	688	Heliolândia	
<b>Sub-Total</b>	<b>2.188</b>		
<b>Total Geral</b>	<b>5.095</b>		

Fonte: PMC (2006)

O capital imobiliário consiste em um dos agentes sociais que tem ação direta sobre o espaço das cidades, não possuindo interesse em produzir habitações para as camadas

populares, mas em produzir residências para satisfazer a demanda solvável. Assim, a incorporação de capital imobiliário no espaço das cidades remove as populações de áreas de interesse do setor imobiliário, acirrando o conflito nas cidades (CORRÊA, 2011).

Santos (2012) destaca que:

O meio ambiente construído constitui um patrimônio que não se pode deixar de levar em conta, já que tem um papel na localização dos eventos atuais. Deste modo, o meio ambiente construído se contrapõe aos dados puramente sociais da divisão do trabalho. Esses conjuntos de formas ali estão à espera, prontos para eventualmente exercer funções, ainda que limitadas por sua própria estrutura (SANTOS, 2012, p.141).

O meio ambiente é o meio de vida do homem, é a natureza unificada pela história e mediada pela técnica, sendo este transformado, diferente do conceito muitas vezes empregado pelos ambientalistas. A organização socioespacial de Castanhal consiste em áreas periféricas afastadas do centro e é justamente no centro que se polarizam as principais relações e transformações antrópicas como mercado, serviços e negócios.

Devido à sua localização geográfica, Castanhal está situado em um ponto estratégico de interligação com a capital do Estado e alguns municípios pertencentes a Mesorregião do Nordeste Paraense, constituindo assim uma determinada rugosidade ao longo do tempo e do espaço, com grande acesso as áreas litorâneas.

Conforme Santos (2012) estas rugosidades do espaço carregam a inscrição dessas realizações passadas, trazendo a possibilidade de conhecimento dos responsáveis pelos processos e possuidores do poder construtivo, a disponibilidade histórica de mais-valia e seus detentores, enfim, várias informações a respeito de conjunturas anteriores, inclusive porque não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socio territoriais ou socio geográficas.

De acordo com Oliveira (1994), o espaço geográfico é um todo que abrange sociedade e natureza, é trabalho da geografia explicar a produção do espaço por meio da sociedade capitalista, repleta de desigualdades, contradições e luta de classes, para isso, é preciso compreender como a sociedade se apropria da natureza visando, a realização de trabalho nos moldes de produção do capital. Para o autor, a ciência geográfica tem a responsabilidade em estudar o espaço produzido pela sociedade contemporânea, suas relações que nela são produzidas e desenvolvidas por meio de apropriações da natureza por essa sociedade.

A organização espacial é formada por conjuntos de várias fixações produzidas por meio do trabalho social. A sociedade produz o seu espaço geográfico para que nele, ela se

realize e se reproduza, criando formas duráveis que acabam se solidificando sobre a superfície terrestre, se não insistimos, a sociedade poderá se extinguir (CORRÊA, 1986).

Segundo Santos (2012), o meio ambiente construído constitui-se patrimônio da humanidade, um pertence constantemente remodelado e transformado, abrangendo os objetos que constituem o espaço e condicionando as ações que sobre ele serão exercidas.

A cidade de Castanhal configura-se como centro de polarização dos municípios do entorno como Terra Alta, Inhangapí, Santa Isabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, entre outros, por meio das ações humanas no que diz respeito a produção agroindustrial e de serviços. Além disso, a cidade constitui-se como uma das dez cidades com os maiores índices do Produto Interno Bruto (PIB) do estado do Pará (RODRIGUES; VIEIRA, 2017).

Ribeiro, Lisboa e Fonseca (2015), enfatizam que a organização socioespacial de um município, como as áreas periféricas, por exemplo: são precárias em relação à infraestrutura, exatamente as mais afastadas em relação ao centro da cidade. No caso de Castanhal, isso deve ocorrer, porque a cidade está estruturada em torno de um único centro, haja vista que não existe outras centralidades, como subcentros por exemplo.

Por isso, a segregação espacial compreende um processo de diferenciação espacial entre as áreas mais bem-estruturadas, convertidas em centros para comércios e negócios das classes dominantes e as áreas menos equipadas destinadas às camadas menos favorecidas da sociedade (GOMES, 2006). Assim, a cidade tem sistema de valorização do solo, pertencente às áreas centrais em detrimento das periferias que se localizam envolta da cidade.

Obviamente as regiões com maior área urbana são exatamente àquelas onde os solos modificados pela ação antrópica são mais comuns. Estas áreas também correspondem às áreas de ocupação mais antiga e onde as cidades são mais densamente edificadas, onde é de se esperar que as alterações nos perfis de solos sejam mais profundas e generalizadas (LADEIRA, 2012).

Portanto, o crescimento urbano da cidade de Castanhal, deve ser entendido em dois aspectos: através do processo de organização socioespacial e por meio das articulações antrópicas de colonização da região da zona bragantina, além da relação homem - natureza e configurações sociais, econômicos, ambientais e culturais no contexto do município.

## **2 ELEMENTOS DE CURA DAS MULHERES BENZEDEIRAS FRENTE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS**

Neste capítulo, buscamos discutir as transformações urbanas concentrando-nos nos elementos de cura das mulheres benzedeadas, representadas aqui pelo ofício de benzimento e benzeção, uso das plantas medicinais, a *folkcomunicação*, bem como, no catolicismo popular e sincretismo religioso compondo uma teia social e valiosa, o que contribui para a direção dos fundamentos que estão sendo elaborados ao longo desta pesquisa.

Um dos fatos relevantes às transformações urbanas de Castanhal, do ponto de vista das mulheres benzedeadas é o elemento religioso, com diferentes origens culturais que contribuíram para a construção de uma religiosidade popular responsável por um conjunto de símbolos e crenças no qual a atuação das benzedeadas se realiza na cidade.

Segundo Almeida (2010), entende-se que o espaço onde as benzedeadas agem voltadas para o seu público, utilizando os seus saberes, é também movido por várias forças espirituais, ou seja, curandeiros e xamãs, que norteiam a vida, levando à determinada compreensão cosmológica.

Não só isso, mas todas as crenças vindas com os imigrantes nordestinos podem ser consideradas como ações antrópicas extremamente relevantes nessa construção em meio à urbanização. No entanto, as contribuições da religiosidade popular desses imigrantes são proeminentes, pois trouxeram consigo a crença na benzeção, contribuindo ainda mais para a disseminação dessa cultura em Castanhal (GUIMARÃES; FILHO, 2016).

Com isso, o conjunto de símbolos e crenças como imagens de santos, crucifixos, terços e o ato de crer na cura por meio das práticas das benzedeadas ligadas, principalmente, ao catolicismo intensificou-se com a formação da cidade. No entanto, tais práticas se tornaram comuns e foram se espalhando pelo município, junto ao crescimento urbano e à antropização ao longo do tempo (ANDREOLLA, 2018).

Cabe ressaltar, que, na Antropologia da saúde, segundo Maués (1994), a partir de estudos sobre algumas comunidades cristãs (católicas), matrizes africanas e indígenas, busca-se conhecer suas influências nos inúmeros procedimentos de cura adotados e adaptados em momentos posteriores, sobretudo pelos habitantes da região amazônica, que têm fé na cura proveniente da pajelança cabocla, a qual possui seus fundamentos na crença nos “encantados”, que são seres invisíveis e se manifestam, geralmente, durante os rituais de incorporação do “pajé”, o xamã passa a ser o personagem principal da sessão de cura.

As características da pajelança se estabelecem por meio de um conjunto de práticas e crenças xamanísticas, possuindo em suas manifestações culturais vários elementos da religiosidade indígena, africana e católica, compondo-se por graus de variações (MAUÉS, 1994).

De acordo com Maués (2008), o pajé é herdeiro de forma parcial de uma prática de cura que pertencia aos pajés tupis na antiguidade, por meio do sincretismo com o espiritismo kardecista, com as religiões de matriz africana e com o catolicismo. Torna-se um personagem de fundamental importância para a medicina popular, principalmente, de povoados localizados nas zonas rurais, e até mesmo em algumas cidades da região amazônica.

Em algumas regiões do Estado do Pará, o pajé é uma figura extremamente importante, pois ainda desempenha o papel de médico popular. Ele se define como experiente, pelo fato de conhecer uma grande quantidade de remédios encontrados na fauna e na flora da Amazônia (MAUÉS, 2008).

A pajelança amazônica configura-se como uma forma de xamanismo, em que o pajé é incorporado, ou seja, ele tem seu corpo envolvido, por várias entidades, o que corresponde a uma espécie de transe ritualístico, promovido por essas entidades, chamadas de encantadas (MAUÉS, 2011). Na pajelança cabocla, existe a tomada de corpo, uma espécie de incorporação por entidades consideradas mágicas, que têm como propósito curar os doentes. Logo, não é o xamã quem pratica a cura, na verdade, são as entidades que atuam, usando o corpo do xamã como mecanismo.

Com isso, percebe-se que desde o início da religiosidade castanhalense, a espiritualidade caminha junto com o crescimento urbano, sendo de fundamental importância para a difusão das práticas da benzeção, junto à utilização de elementos de cura, responsáveis por proporcionar a saúde e o bem estar do corpo humano, atrelados à saúde espiritual dos cidadãos castanhalenses (CORRÊA, 2011).

Deve-se considerar que mudanças naturais ocorridas na paisagem urbana também influenciam nas características econômicas, podendo favorecer a expansão de determinada atividade, em função do declínio de outra, por meio das ações antrópicas, demonstrando a estreita relação entre a sociedade e natureza (LOPES, 2008).

A sociedade evolui e a modernização dos processos produtivos tornou-se necessária. Dessa forma, o crescente aumento populacional, juntamente com a urbanização e a aglomeração das pessoas nas cidades resultou na apropriação e mudanças no espaço

geográfico, e como consequência disso, essas mudanças produzem alterações bastante significativas, comprometendo os recursos naturais, colocando em risco a sobrevivência da humanidade (RUIZ *et al.*, 2016).

Outrossim, o crescimento urbano antropizado causa alguns impactos, principalmente no que diz respeito aos ambientes naturais, pois modificam o território, contribuem para alteração nos ecossistemas. No entanto, a saída das pessoas do campo para a cidade, no processo de êxodo rural, implica no desmatamento para a construção de novas casas habitacionais, e tudo isso acaba contribuindo para a diminuição das áreas verdes na cidade.

Nas palavras de Fernandes e Fernandes (2018):

pensar em antropização é necessariamente considerar a interação entre grupos distintos que utilizam o mesmo território e que são atingidos diretamente por transformações mútuas que afetam os saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados –, que cada grupo social utiliza para estabelecer e manter este território comum, em regime de propriedade, vínculos afetivos, história de ocupação na memória coletiva, uso social e formas de defesa (FERNANDES; FERNANDES, 2018, p. 89).

Isso se deve ao fato de o modelo de desenvolvimento pautado na utilização de recursos de forma não sustentável contribuir pontualmente para o surgimento de problemas socioambientais, refletindo no desequilíbrio da relação homem-natureza (SANTOS *et al.*, 2018). Neste sentido, as relações entre os seres humanos e o ambiente vêm sofrendo mudanças, causando preocupações, pois um número crescente de pessoas adota padrões de consumo semelhantes, o que contribui para o desaparecimento de recursos naturais, resultando em uma perspectiva de recursos finitos.

Portanto, a antropização urbana denota toda e qualquer ação humana, ou resultado desta, no meio natural, seja de ordem comportamental ou ambiental, produzindo modificações construtivas ou destrutivas. Nesse ínterim, o conceito deve ser utilizado de forma relacional, pois o sentido de valoração destas modificações depende diretamente dos grupos transformadores que estão em contato mediante o uso partilhado do ambiente transformado, pois uma ação positiva para um grupo pode ser negativa para outro que utiliza o mesmo espaço, podendo afetar deveras a territorialidade de cada grupo e, conseqüentemente, afetar as relações hierárquicas entre eles e a condição hegemônica territorial (FERNANDES; FERNANDES, 2018, p. 89).

Consideramos perceptível a relação entre a ação antrópica, a urbanização e recursos naturais, uma vez que as plantas vêm acompanhando as benzedeadas desde as atividades antigas até os dias atuais. Dessa forma, ao apresentar alterações na cidade provocadas pelos

processos de urbanização, percebe-se que a industrialização pode ser uma das principais causas, uma vez que, o município de Castanhal continua crescendo num processo migratório (pessoas saindo do campo para a cidade) em busca de emprego e de vida melhor.

Conforme Almeida (2010), nesse contexto, também antropização de mulheres benzedoras inicia o seu processo, haja vista que esta mulher de força e de luta busca seu espaço no meio urbano resistindo à permanência dessa cultura popular.

## **2.1 Elementos de cura**

As relações sociais se estabelecem no universo da fé, das ervas e dos gestos mágicos, protegidos pelas crenças populares, caracterizando-se um fato relevante para o entendimento deste fenômeno social que perpassa gerações e se refaz. A pretensão é oferecer conhecimentos sobre a configuração social da benzedora e da parteira. Ou melhor, a singularidade ou composição específica da sociedade castanhalense na simbolização do feminino, explicitados nos atos destas mulheres.

Tudo indica a presença de mulher, numa espécie de permanência do feminino, na forma que pode ser chamada de natureza básica. A benzeção, ao contrário do curandeirismo, é, quase sempre, uma especialidade feminina. É a mulher quem detém o segredo das palavras, dos gestos que exorcizam o mal. Mais detalhista e sensível, é atenta aos ritos, doadora por natureza, mais afeita às oferendas (MACHADO, 1998), ou, como ironizou Beauvoir (1980), famosa sensibilidade feminina.

Descrevemos aqui, como elementos de cura, todos os artifícios que completam o ofício da mulher benzedora. De forma específica, procuramos nos ater à importância na atuação em cura, as particularidades profissionais de cada benzedora, os tratamentos de cura, além de fazer uma discussão relevante diante do trabalho dessas mulheres, pois, quando aplicado, que faça sentido ao benzedor e ao benzido.

### **2.1.1 Benzimento e Benzeção**

No Brasil, os benzedores surgiram a partir do século XVII, e as interpretações dos conhecimentos, uso tradicional dos recursos vegetais e manejo realizado por benzedores, raizeiros e parteiras são fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos. Benzedores indicam plantas para efeito de cura ou como amuletos protetores, estando esta forma de uso da flora presente na cultura popular. As plantas figuram junto ao ser humano desde os primeiros tempos, e ainda hoje são utilizadas pelas diversas camadas da população brasileira, em

especial as de uso medicinal, ou aquelas empregadas em rituais e cerimônias religiosas (MACIEL; NETO, 2006).

As benzedeadas são consideradas figuras importantes no âmbito social, cultural, familiar e religioso, empenhadas em sanar vários tipos de problemas na vida das pessoas. Elas compreendem que o seu ofício é um dom, no qual Deus é o grande responsável por curar, e elas, são apenas instrumentos que realizam a intermediação para que a cura se manifeste (OLIVEIRA, 2018).

Segundo Oliveira (1985) referendado por Guedes (2018), benzedead(o) é aquele(a) que possui saberes e realiza trabalhos de cura por meio da benzeção e de remédios à base de plantas medicinais. São aqueles que permitem que se associe aos ritos, as doenças, os males, as incertezas, as ansiedades, sendo que os ritos são constantemente recriados e acrescidos de estratégias de cura com sal, alho, óleo, águas e plantas medicinais.

O ocidente, através da história recente do desenvolvimento científico, tem pautado suas percepções em modelos de uma racionalidade que privilegia as concepções técnico/científicas, tanto na compreensão de problemas como na busca por soluções para os problemas humanos. O médico é o sujeito a quem pertence o monopólio do diagnóstico e do tratamento. Há, inclusive, a premissa legal de classificar como charlatanismo o emprego de métodos não científicos nos cuidados com a saúde. É nessa relação ora de embate, ora de complementariedade, que o ofício de benzedeadas existe (D'ALMEIDA, 2018).

Dentro de um estudo teórico, percebe-se uma certa diferença entre benzeção e benzimento, pois, entre essas palavras, está associada as suas particularidades, haja vista que se entende o benzimento como ato de benzer e a benzeção como algo transmitido de geração a geração, a saber que as duas expressões são de atuação próximas, a ponto de serem colocadas como expressões dos saberes e da religiosidade popular no reestabelecimento da saúde.

A benzeção consiste em uma prática popular de cura, na qual se utiliza uma linguagem própria, tanto pela oralidade quanto através dos gestos por meio das expressões corporais, objetivando, não somente curar, mas também libertar o enfermo de todos os males que o aflige (GOMES; PEREIRA, 1989).

Desse modo, a benzeção é vista como uma espécie de ofício, haja vista que seus princípios e suas regras, para que possa ter uma funcionalidade efetiva, são de conhecimentos pertencentes de forma restrita a um grupo de especialistas, conhecidos também como profissionais da medicina popular. Entretanto, é importante salientar que o

caráter mágico é de fundamental importância para garantir a eficácia do ritual (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Oliveira (1992) chama atenção para a importância da presença da linguagem popular nas orações que sustentam de forma específica e independente as agentes da benzeção e suas relações com a comunidade. Além de também relacionar-se com outros agentes de cura, conservando o domínio sobre esse aspecto ritualístico, de modo a contribuírem para a cultura popular revitalizada.

O valor que a benzeção possui, habita dentro da privacidade de cada benzedeira, fato este que as tornam únicas, com a função de transmitir essa prática aos escolhidos ou escolhidas. Tornando-se assim o privilégio de um número reduzido de mulheres que iniciaram seus ofícios nesse universo de cura e benzeção (GOMES; PEREIRA, 1989).

As benzeções são restritas a algumas mulheres escolhidas na comunidade e ocorrem de forma reservada, haja vista que estas dizem que recebem um dom divino herdado dos familiares. Enquanto que o benzimento passa a ser o ritual que envolve o indivíduo em busca de cura e este é conduzido pelas benzedeiros durante o ritual que procuram ouvir com atenção, anseios, problemas entre outros, e, em muitos casos, elas relatam situações em que obtiveram a cura e, juntamente a isso, preparam-se para dar início ao ritual de benzimento.

É importante salientar que o ritual de benzimento é constituído de várias etapas, iniciadas desde a chegada do enfermo ao local do rito até a sua concretização. Fazendo uso dos termos antropológicos, podemos perceber que essas etapas organizam uma espécie de teatro que confirma a eficácia simbólica do ritual (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Assim, é através de benzimentos, atos religiosos e magia que se garante toda a funcionalidade dentro das intenções desejadas, transpassando os males que ameaçam a saúde do corpo, da mente e do espírito (GOMES; PEREIRA, 1989). Segundo Weber (1999), o aspecto de magia que se faz presente no ritual relaciona-se aos agentes da benzeção, definindo-os como benzedores ou benzedeiros, e são indivíduos dotados de dons pessoais.

O processo ritualístico do benzimento percorre os caminhos de uma realidade vivida do mundo exterior e interior, em que os agentes de cura (benzedeiros) passam a assumir também funções terapêuticas que auxiliam na purificação do indivíduo.

Floresta (2016), Santos (2005), D'almeida (2018) apontam a equiparidade de termos como benzedor e rezador, esses são, em diversos recortes teóricos, colocados como equivalentes, embora alguns autores identifiquem que, entre estes, há relativa diferença entre o ofício de rezar e benzer e entre os sujeitos que realizam essas atividades, em alguns casos.

Sobre essa prática, Floresta (2016) considera que,

o princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio da palavra, da oração, no qual o (a) benzedeiro(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura. Tal característica pode ser verificada em diferentes culturas (FLORESTA, 2016, p. 5).

Há uma diversidade de experiências e práticas de mulheres benzedoras relacionadas ao uso de plantas e ervas medicinais como recurso terapêutico e que se apresenta como um elemento constitutivo do benzimento, sem o qual não teria, às vezes, condições para realizar a cura através das benzeções, pois as plantas se apresentam de forma singular e particular na experiência de cada benzedora.

### 2.1.2 O Dom da Cura

O processo de cura não é somente a eliminação dos sintomas dos males apresentados, mas de um conjunto de elementos que estabelece a relação do ser com o meio e com o universo, pois, para Gerber (1997), o homem é composto por mente (*noûs*), corpo (*sôma*) e espírito (*pnéuma*), resultando na soma de um sistema de energias que se interagem para estabelecer e concretizar a cura (DINIZ; DINIZ, 2018).

A maioria dos benzedores não solicita valores pelo benzimento. Para eles, o dom foi dado por Deus, o que os impede de receber qualquer espécie de remuneração pelo ato de benzer. Partes das pessoas que procuram os benzimentos não são de alto poder aquisitivo, são pessoas simples ou em algum tipo de vulnerabilidade social, que muitas vezes buscam no saber popular, a cura para algumas doenças. Em outros casos, mesmo aqueles que possuem algum tipo de renda, procuram pelos benzedores (CASTRO; VILLACORTA; RAMOS, 2020).

Assim, para a benzedora, o pagamento recebido por seus benzimentos ocorre através da realização da cura do benzido, algo que ela faz com amor. A presença de Deus para ela está acima de tudo e a acompanha desde seu nascimento e que vai durar por toda sua vida, juntamente com o seu dom e o ato de caridade para com aqueles que a procuram para o enfrentamento de alguma doença, mesmo que não tenham nada a lhe oferecer.

Além disso, as relações sociais se estabelecem no universo da fé, das ervas e dos gestos mágicos, protegidos pelas crenças populares, é fato relevante para o entendimento deste fenômeno social que perpassa gerações e se refaz. A pretensão é oferecer conhecimentos sobre a configuração social da mulher benzedora.

Para Lévi- Strauss (2008) e Lima (2001), a eficiência emblemática dessa prática se relaciona diretamente com inúmeros elementos que se interligam: a fé na prática da benzeção, na pessoa que o realiza e que detém um determinado dom divino, e é reconhecida pela comunidade em que vive.

A benzeadeira possui uma confiança legítima confirmada pela comunidade, haja vista que ela não só conhece as rezas, os caminhos da magia, como possui grandes práticas para utilizá-las. Em alguns momentos ela solicita ainda o uso das plantas medicinais. Algumas benzeadeiras, reconhecem suas especialidades através dos saberes popular, repassado vocalmente de geração a geração. É natural o trabalho com as plantas que são encontradas em sua região, inclusive no seu próprio quintal (SILVA, 2009).

É muito importante fazer aqui duas considerações. A primeira é com relação o acreditar no benzimento e a fé que o benzido tem no ritual e no poder exercido pela benzeadeira, que recebeu um dom divino, e a aclamação do grupo são fundamental importância para que a cura realmente aconteça (LÉVI-STRAUSS, 2008; LIMA, 2001).

A segunda é referente à eficácia das plantas utilizadas nos tratamentos terapêuticos, que possuem comprovação por meio da sapiência científica. No entanto, a maioria das mulheres benzeadeiras possuem os conhecimentos de suas propriedades através de um determinado saber popular (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012).

As benzeadeiras introduzem a ideia de serem as intermediárias exclusivamente escolhidas por Deus tendo como principal papel a manipulação da força mágica, a magia, a mística que nem os próprios profissionais da saúde como os médicos e nem os líderes religiosos como os padres e os bispos podem fazer. As benzeadeiras não se veem como melhores que as outras pessoas, mas sim como alguém que possui um dom específico. De certa forma, o curandeiro é um integrante das classes mais populares em que reflete o seu modo de vida e de pensamento (BOLTANSKI, 1989).

É natural as benzeadeiras acreditarem que o seu dom foi dado a elas por Deus e, por esse motivo, não podem parar com a benzeção. Além disso, o ato de receber, para elas tem o significado de devolver a cura por intermédio de suas mãos e de sua voz. A gratuidade dos seus trabalhos e a eficácia de suas rezas em prol da comunidade têm um significado muito grande para elas, mesmo quando seus corpos apresentam sinais de cansaço ou problemas referentes ao envelhecimento (SANTOS, 2007).

Dentre os arquétipos aqui retratados, provavelmente o mais básico seja o da mulher que cura. Sábia com relação aos cuidados de abrandar temporariamente os males físicos,

sexuais, a mulher possui quase que espontaneamente o dom da cura. É a mulher quem cuida do bebê e da criança até a idade vigorosa. Suas peculiaridades arquetípicas exprimem o contrário do que se objetivou deturpar no decorrer da história da humanidade.

Santos (2018) aponta a importância do ato ritualizado através da oralidade dentro de uma postura performática de um contexto simbólico e uma religiosidade muito específicas. Nesse sentido, Assunção e Cunha (2017) sugerem que a voz constitui um elemento de extrema relevância no inconsciente humano quanto elemento central na formação de um arquétipo de sujeito de cura, fato este muito comum nas comunidades tupis da Amazônia, através da pajelança cabocla.

Maués (1994) defende a ideia de que nos espaços socioculturais amazônicos, o modo de cuidar das enfermidades corporais e espirituais estão sobrepostas. No território do baixo-Amazonas Galvão (1976) propôs que a pajelança cabocla tem suas origens nos grupos Tupis que habitavam aqueles locais. Maués e Villacorta (2011, p. 22-23) reforçam que:

não é a alma ou espírito do encantado ou caruana que se incorpora nos pajés, mas é o encantado por completo (espírito e matéria). Como isso se dá, nenhum informante sabe explicar, não adianta perguntar [...]. Para tornar-se pajé ou curador, a pessoa precisa ter um dom, que pode ser “de nascença” ou de “agrado” [...] O pajé quer seja de nascença ou de agrado, tem uma carreira muito semelhante ao que é classicamente descrito em relação aos xamãs em várias partes do mundo: um período de crise de vida, em que sofre incorporações descontroladas de espíritos e caruanas, devendo submeter-se a tratamento com um pajé experiente (um mestre), que irá afastar os espíritos e os maus caruanas, treinando o noviço para que ele possa controlar as incorporações (MAUÉS; VILLACORTA, 2011, p. 22-23).

Para Maués *et al.* (1994) e o seu grupo de pesquisa, essa pajelança cabocla envolve vários elementos e se apresenta como “forma de culto mediúnico, constituído por um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia”. Eles salientam ainda que “hoje a pajelança cabocla se junta a um novo sistema de relações sociais, que reuniu crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, comportando na atualidade uma importante influência da umbanda”, uma vez que seus integrantes não se veem como membros de uma outra religião, chegando ao ponto de se considerarem na grande maioria das vezes “bons católicos”, o que é o caso da maioria das mulheres benzedadeiras.

O ritual das benzedadeiras evoca formas simbólicas que remetem à uma representação cultural através de estímulos externos que afetam a dimensão emocional que em muito contribuem nas experiências de cura (ASSUNÇÃO; CUNHA, 2017). Pode-se destacar que os aspectos ritualísticos encontram, na oralidade, um elemento preponderante para a materialização da cura e do reestabelecimento da saúde.

A vela é um elemento presente nos rituais de benzeções, e algumas benzedeadas, antes de iniciar o ritual, acendem velas brancas em seu altar, que simbolizam a paz e a presença do anjo da guarda protetor. “Acesa significa a vida, a fé, a presença do homem cristão” (CASCUDO, 1993, p. 903). O sal é um elemento muito utilizado nas benzeções, pois tem a função de eliminar maus-olhados, serve também para a limpeza após o ato de benzeção: “o sal tem o poder de purificar os lugares e objetos que, por inadvertência, estiverem maculados” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 797).

A toalha branca, assim como a água apresenta um significado semelhante a purificação e limpeza espiritual e o terço está ligado à conexão que se estabelece entre elas e o divino, além de enfatizar a jaculatória relacionada às orações e rezas, na maioria das vezes, são oferecidas por meio de intercessões a distância.

A devoção aos santos conforme relata Damatta (1986, p.114) “são parte de uma relação pessoal de simpatia, na qual devotos clamam a eles pedindo proteção, criando assim uma íntima relação de confiança. E essa relação é semelhante à relação que os adeptos de religiões de matrizes africanas estabelecem com seus guias certos orixás ou espíritos do além, que são protetores”.

Entende-se que assim como a utilização das plantas e ervas medicinais, representados como elementos materiais não apresentam para as mulheres benzedeadas um poder sozinho, já que são componentes dos rituais de benzeção, pois seu uso é essencial para a realização do trabalho das benzedeadas, e que se compõem juntamente com elementos imateriais fazendo sentido à sua prática de ofício.

Consistindo em tratar o dom da mulher benzedeadas como o elemento intrínseco e constituinte da sua existência, legítimo, dádiva do divino que é retribuído de forma material e imaterial, e, ainda, gratuita.

### **2.1.3 Plantas e Ervas Medicinais**

O uso de plantas e ervas medicinais na cura de doenças não é algo novo. Desde a antiguidade, os povos as usavam em seus tratamentos, e durante muito tempo, eram apenas elas que curavam as enfermidades do corpo. As plantas e ervas se configuram junto ao ser humano, desde os primeiros tempos, e ainda hoje, são utilizadas pelas diversas camadas da população brasileira, em especial as de uso medicinal, ou aquelas empregadas em rituais e cerimônias religiosas (MACIEL; NETO, 2006).

As plantas são muito importantes para os seres humanos, uma vez que, dependemos delas ao longo da História, elas sempre foram utilizadas nas diferentes culturas do mundo, e ainda hoje as pessoas buscam recursos da natureza para melhoria de suas vidas. No entanto, o homem vem aprendendo sobre as propriedades das plantas medicinais e utilizando-as de várias maneiras. Em algumas culturas, as plantas eram e são até hoje, consideradas como mágicas (KOVALSKI, 2011). Dentro dessa perspectiva, pode-se pressupor que há um conjunto de procedimentos e ações que constituem um modo de agir típico das benzedeadas e que pode ser, de forma relativamente segura, apresentada.

De acordo com Cavas e Mendes (2018), as benzedeadas conhecem as propriedades terapêuticas de ervas e as plantas e sabem a hora de utilizar as folhas, o caule e a raiz, de acordo com os objetivos terapêuticos definidos em virtude das necessidades dos enfermos. A postura em que há um diagnóstico seguido de uma intervenção medicamentosa é o modo de ação padrão, dentro dos cuidados de saúde não-científicos.

A utilização de plantas medicinais, na busca pelo reestabelecimento da saúde, é um elemento preponderante nas práticas mágicas. Em relação a isso, é de especial interesse apontar que há uma sólida produção teórica que há mais de uma década tem-se dedicado a compreender a questão ambiental, a partir das ciências humanas, como fenômeno que produz pactos sociais e disposições subjetivas na sociedade (STEILL; CARVALHO, 2014).

Se algo pode ser apontado como aspecto central na identidade das benzedeadas é a utilização de ervas e plantas em formas de chás, sumos, xaropes, garrafadas e banhos. Além do fato de haver as utilizações de aplicações indumentárias e como instrumento de benzeção.

Dessa forma, a utilização desses elementos de cura depende do conhecimento da biodiversidade e da sua subsequente preservação a longo prazo (CAVAS; MENDES, 2018; DINIZ; DINIZ, 2018).

Para Jorge (2009), plantas medicinais são aquelas que possuem substâncias que têm ação farmacológica com princípios ativos, estes são compostos químicos secundários que podem provocar reações nos organismos, tais como náuseas, tonturas e vômitos entre outras, mas isso depende do organismo humano ou da dosagem utilizada, no entanto, podem ainda constituir uma unidade terapêutica.

A Medicina Popular compreende que a saúde dos seres humanos está diretamente ligada ao seu próprio equilíbrio, e também com o das suas relações com a família e a sociedade. Uma vez desequilibrado, pode refletir no adoecimento da pessoa. Para alcançar a cura, é preciso promover o equilíbrio novamente entre esses fatores envolvidos: homem,

família e sociedade. Enquanto a Medicina Moderna pode não ter a capacidade de exercer essa função, haja vista que ela atua na manifestação da doença, e não na origem (QUEIROZ; PUNTEL, 1997).

Assim, entende-se que a medicina popular praticada por mulheres benzedoras, por meio das plantas e ervas medicinais, é de fundamental importância para a recuperação da saúde de muitos indivíduos na sociedade. Para Beltrão (2001), essa popularidade que as benzedoras apresentam é percebida também por meio de suas falas, nas quais percebemos a existência de significados, que vão além de concepções e práticas de cura.

#### **2.1.4 A *Folkcomunicação* no Benzimento**

Há uma ação performática nas práticas dos benzimentos, por meio da consagração do ato ritualizado da oralidade por parte das benzedoras. Para Beltrão e Neves (2013), a *folkcomunicação* caracteriza-se por procedimentos de comunicação resultantes de práticas e processos comunicacionais no âmbito das manifestações de cultura popular, e, sobretudo, é um resultado de uma atividade artesanal de um agente comunicador, configurado como agente espontâneo no seio da comunidade.

Tais práticas são tecidas por inúmeros fatores, que vão muito além da relação corpo, doença e saúde, envolvem a relação das benzedoras com o espaço e o tempo, através da oralidade, compreendida como a *folkcomunicação*, ou seja, a comunicação em nível popular. Como bem explica Beltrão (2001), buscando mostrar não somente o que essas pessoas pensam, porém, de que maneira elas interpretam e organizam o mundo, dando-lhes significados e lhes transmitindo emoções.

Nessa perspectiva, estes identificam a Figura das benzedoras como comunicadoras de *folk*, em que o agente comunicador, aparentemente, nem sempre são identificados como autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo admiradores e seguidores (BELTRÃO, 1980).

Acerca do poder da oralidade, que é de acordo com os desdobramentos de diversos recursos orais, tais como usos de palavras e pronúncias típicas das benzeções, Assunção e Cunha (2017) postulam que,

também há a força da oralidade presente na poética de suas rezas. Prova disso é que a sonoridade da pronúncia, quase sempre rimada, confere um poder mágico, fruto da poesia oral que carrega. Une o locutor ao autor e situa a tradição. A oralidade, portanto, “interioriza assim, a memória, do mesmo modo que a especializa. A mensagem transmitida pela boca é compreendida na medida que se desenvolve concreta e progressivamente (ASSUNÇÃO; CUNHA, 2017, p. 196).

Conforme o descrito, entende-se que o ritual encontra, na oralidade, não apenas um instrumento ritualístico, mas sim, de materialização da cura através das palavras. Cunha e Gonçalves (2017) ainda sugerem uma finalidade educativa nas frases rimadas, essas seriam uma das muitas possibilidades de leitura das benzedeadas, no sentido de relacionar a manutenção da tradição com o aprendizado através da prática.

Nas palavras de Silva, Vieira e Oliveira (2020), as benzedeadas apropriam-se de conhecimentos e saberes antigos, por meio de ensinamentos que atravessam gerações herdeiras do dom da cura espiritual, cujas práticas da religiosidade tornam-se referências vivas de um aprendizado que se produz por meio de conjuntos comunitários.

Assim, aponta-se, nas vivências conjuntas de espaços, novos modos de vida, que certamente são resultados da urbanização, globalização e modernidade, contexto o qual as benzedeadas estão cotidianamente envolvidas, e cujas manifestações dos ensinamentos podem ser prejudicadas. Então, percebe-se que não há espaço para uma nova “formação” de benzedeadas, haja vista que os laços do ofício não poderão ser mantidos por cada uma delas.

As benzedeadas, como de agentes de cura, fazem de seus benzimentos uma estratégia social e política, em que várias pessoas se utilizam diariamente, fazendo dos seus conhecimentos o reforço de crenças populares, constituindo uma rede de comunicação artesanal entre elas e as pessoas que creem nos benefícios de seus trabalhos. Dessa forma, podendo ser inserida nos estudos de *folkcomunicação*, definida como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, por meio de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980).

Esse repasse de conhecimento é uma prática que vem perdendo espaço na contemporaneidade, já que, por vezes, as práticas de cura não-científicas vêm sendo vistas como antiquadas e não eficientes sob o olhar das novas gerações (ASSUNÇÃO; CUNHA, 2017, ANDREOLA; LIA, 2018).

Santos (2018) aponta a importância do ato ritualizado através da oralidade, dentro de uma postura performática de um contexto simbólico e uma religiosidade muito específica. Nesse sentido, Assunção e Cunha (2017) sugerem que a voz constitui um elemento de extrema relevância no inconsciente humano, quanto elemento central na formação de um arquétipo de sujeito de cura.

O ritual evoca formas simbólicas que remetem a uma representação cultural através de estímulos externos, que afetam a dimensão emocional que em muito contribuem nas experiências de cura (ASSUNÇÃO; CUNHA, 2017). Pode-se destacar que os aspectos ritualísticos encontram, na oralidade, um elemento preponderante para a materialização da cura e do reestabelecimento da saúde.

## **2. 2 Catolicismo Popular e Sincretismo Religioso**

Durante muito tempo, o catolicismo popular na América Latina reelaborou práticas que o cristianismo já havia adaptado de períodos ainda mais distantes, como por exemplo, simbologias oriundas das religiões “pagãs” gregas e romanas. A igreja católica incorporou simbologias presentes nas culturas indígenas e africanas, oficializando e disciplinando práticas anteriormente vistas como pagãs, desse modo, popularizou-se e conquistou seu maior território em número de fiéis (SANCHIS, 2001).

Para Sanchis (2001), o catolicismo é propenso ao sincretismo, tendo como característica o culto carregado de presença corporal e cósmica, com destaque para as expressões simbólicas, englobando diferenças e encontros.

Compreender as noções de religiosidade que as benzedeadas têm torna-se um aspecto relevante no estudo teórico desse sujeito social. Os estudos acerca da identidade das benzedeadas sugerem a predominância de um catolicismo popular rural, como religiosidade das mesmas e do público por elas atendido (OLIVEIRA; MEIRA, 2015).

Mas também, encontram-se elementos da religiosidade comuns na pajelança cabocla que as benzedeadas apresentam, conforme Galvão (1976) apresenta as técnicas utilizadas por elas como maneiras de prevenção contra os males, tais como banhos e defumações, podendo até mesmo serem utilizadas técnicas simples para eliminar outros males advindos da inveja, feitiçaria entres outros.

A proximidade de outras “classes” de benzedeadas com a natureza influenciou os procedimentos da benzeção. Assim, surgiu uma característica que as distingue de maneira a dar significado ao ato de benzer, e que também é conhecida por pessoas que as procuram e tem confiança em seus dons. Os problemas que envolvem “quebranto”, “mau-olhado” e “erisipela” são males conhecidos por todas as mulheres que fazem parte do ofício das

benzedeiras de várias regiões do país. Porém, benzer contra a “malinesa do boto”<sup>7</sup> ou para tirar a “panema”<sup>8</sup> de uma pessoa, remete a uma prática que tem uma grande influência na atuação das benzedeiras indígenas amazônicas (TRINDADE, 2016).

A religiosidade seria, de acordo como Andreola e Lia (2018), a adoção de simbologia oficial do universo religioso católico em um movimento onde há uma aproximação das práticas institucionalizadas com uma postura sincrética em relação a outros credos.

Floresta (2016) destaca que é incomum que benzedeiras atribuam a si mesmas como indivíduos possuidores de alguma habilidade mística inata. Estas relacionam suas atividades ao dom divino em uma concepção vinculada ao catolicismo. Segundo Floresta (2016), suas práticas de benzeção são interligadas aos ritos e práticas da Igreja Católica. Se veem como instrumentos de Deus, como veículos do poder de Deus, muitos usam o termo canal. Nenhuma se diz possuidora de poderes místicos ou sobrenaturais.

A devoção incentivada pelo número de santos e divindades sagradas presentes no catolicismo, criou abertura para a liberdade de organização de espaços fora do templo oficial (igrejas). É muito comum encontrarem-se capelas particulares, espaços construídos para determinados santos, lugares de devoção, além dos ambientes públicos de adoração, é comum a organização de altares e espaços de oração no espaço doméstico como é o caso das mulheres benzedeiras (ANDREOLA; LIA, 2018).

As benzedeiras são agentes comunitários que atuam em uma tradição que, mesmo vinculada ao imaginário místico, mantém estreita relação com a tradição cristã, sobretudo, o catolicismo. A prática da caridade é, na maioria dos casos, a maior orientação desses agentes da cura. Azevedo (2015) aponta a relação entre dom e retribuição na construção dessa identidade:

É muito comum as benzedeiras crerem que receberam um dom divino e, por isso mesmo, não podem parar de benzer. Nesse sentido, receber significa devolver, curar por meio de suas mãos e de sua voz, por isso, a gratuidade de seus serviços e a permanência de suas rezas, mesmo quando seus corpos sinalizam cansaço ou problemas inerentes ao envelhecer (SANTOS, 2007, p. 130).

É importante destacar que o autor inter-relaciona tradição com os hábitos mais comuns entre pessoas de idade mais avançada. Essa vinculação remonta a um período em

---

<sup>7</sup> Em muitas comunidades rurais na Amazônia, acredita-se que o boto tem o poder de fazer o mal a uma pessoa apenas pelo olhar, fazendo com que a pessoa olhada por ele contraia doenças físicas e/ou mentais.

<sup>8</sup> A panema é uma espécie de inabilidade em relação a várias atividades do cotidiano, inclusive as produtivas, que não significa exatamente uma forma de feitiço, embora em alguns casos ela possa ter sido causada por feitiçaria (TRINDADE, 2016).

que o catolicismo era predominante em todo território nacional. Adreolla e Lia (2018) observam que a influência da igreja católica se comprova através do vocabulário, orações e gestos utilizados pelos benzedores, vinculando as práticas de cura não-científicas com o imaginário popular por meio de crenças sociais, que permitem uma relação concreta no campo de estudos que envolvem o tema.

A pajelança cabocla não se limita a estruturas ou a organizações, ficando fora das inúmeras manifestações religiosas que estão presentes no cotidiano, por não existir uma determinada identificação exclusiva voltada apenas para a religiosidade pajelística, ou qualquer outra denominação intitulada. Os adeptos desses rituais se identificam como bons católicos (MAUÉS, 2008).

Segundo Filho *et. al.*, (2016), benzedores possuem o dom de curar, como os pajés, no interior da Amazônia eles são conhecedores das ações dos encantados, porém realizam os seus trabalhos com bastante orações e rezas, sem o ato da incorporação. Os benzedores são requisitados com o propósito de resolver alguns problemas como: mau olhado, quebranto, rasgadura, ezipla (erisipela), espinhela caída, entre outras doenças e males espirituais.

Senhores e Senhoras de engenho no período colonial brasileiro procuravam ajuda dos benzedores vindos do continente africano, a busca por esses agentes de cura ocorria com mais intensidade que no terreiro de umbanda, local onde a maioria das pessoas procuram ajuda para cura de males do corpo, mente e espírito. Esses entrelaces do negro africano escravo, os ancestrais africanos, o catolicismo pregado na antiguidade e as identificações dos afrodescendentes estão presentes na Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário (SANTOS, 2015).

Guimarães (1984), Guimarães e Filho (2016) e Souza (2019) permitem a construção de um olhar que pode ser definido como, minimamente, criterioso sobre a história e a religiosidade da população local, demonstrada através de organizações particulares realizadas principalmente em reuniões destinadas a rezas e orações nas residências dos devotos.

Rubert (2013) salienta que as organizações particulares são muito interessantes, porque refletem a vida do devoto, assim como a influência do universo religioso propagado pela instituição e pelas vivências da religiosidade popular. Nestes casos específicos, o papel social das senhoras benzedoras vêm estabelecendo relações constantes com a comunidade no espaço doméstico, gerando uma maior visibilidade dos altares. Na maioria das vezes, o

altar pertence ao universo particular e restrito de uma pessoa devota localizado em locais íntimos de suas residências, mas algumas benzedeadas dispõe as imagens para serem vistas pelos benzidos.

As benzedeadas ainda apresentam, em suas particularidades, a devoção a imagens de figuras femininas, que representam também a relação da quantidade de imagens de alguns santos presentes nos altares analisados com as dinâmicas sociais. Assim, “a Nossa Senhora Aparecida é um fenômeno religioso nacional, e está relacionada com os mitos envoltos na imagem da santa propagados pelos fiéis e pelos próprios membros da Igreja” (RUBERT, 2013, p.9).

Quintana (1999), salienta essa ligação, que aparece como marca de uma feminilidade, que se estende para além de seus espaços de convivências, conectando dons à necessidade de equilíbrio do corpo e do espírito, abrangendo o benzido e que, caracterizado a partir da relação benzido/benzedor e exerce um papel de intermediação com o sagrado pela qual se tenta obter a cura.

Além de inúmeras imagens de Nossa Senhora Aparecida, percebemos a presença de outras imagens de santas, além das representações da Virgem Maria, também se destacam imagens de Santa Luzia, Santa Bárbara, Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Santa Cecília, Santa Terezinha, Santa Edvirges, Nossa Senhora do Carmo, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Graças, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Auxiliadora. Essas são apenas as imagens de gesso e porcelana que encontramos nos altares, se elencássemos os quadros e pinturas espalhados pela casa, ocuparíamos inúmeras páginas. A Igreja católica, com o passar do tempo incorporou símbolos e devoções das religiosidades representando a imagem feminina (RUBERT, 2013).

Embora existam relativamente poucas referências que aborde, estritamente, a relação entre os processos de urbanização com as atividades das benzedeadas. No entanto, existem inúmeras referências que tratam o já abordado campo de embates entre as práticas de cura não científicas com os saberes científicos consolidados.

Diniz e Diniz (2018), Bezerra (2005) e Santos (2018) colocam como os avanços técnicos científicos têm contribuído para uma marginalização dos conhecimentos tradicionais que compõem parte daquilo genericamente tratado de medicina popular. Cabe aqui, nesse estudo, relacionar o processo de urbanização com as mudanças sociais que podem afetar as atividades das benzedeadas no município.

Essas informações fundamentam a perspectiva que vincula a urbanização, às ações antrópicas e as atividades desenvolvidas pelas benzedeadas, pois, colocando a possibilidade que o sujeito urbano da cidade de Castanhal, já não tem como característica os marcadores culturais que o vinculem ao ambiente rural.

Os anseios desse sujeito frente aos cuidados com a saúde, de certa forma, seguem uma lógica mercadológica, que contribuem para uma reelaboração de seus valores e expectativas. Assim, inferimos que os processos de antropização urbana extrapolam o espaço demarcado pelas atribuições relacionadas a ao benzimento, principalmente aos elementos de cura (plantas, raízes e ervas), que define como espaço da mulher benzedeadora no seu saber fazer.

O cenário de um ambiente próximo à natureza, expresso em Guimarães e Carujo (1984) e Souza (2019), já não é característica da cidade há algum tempo. O surgimento do sujeito urbano, o também latente enfraquecimento da relação mulher x natureza, acaba por contribuir com a degradação do espaço natural onde se insere.

Embora esse apontamento possa ser realizado sem grandes dificuldades, é de importância central apontar que também a antropologia, assim como qualquer ciência, reúne diversas perspectivas que apresentam características singulares.

Ingold (2019) compreende que o estudo antropológico é um esforço em compreender aspectos culturais dentro da lógica cultural de onde advém e onde se realizam. Nesse sentido, Brandão (2015) coloca que: “[...] cada cultura somente pode ser compreendida em toda a sua experiência, “de dentro para fora”. Isto é, do interior de sua própria lógica para qualquer outra” (BRANDÃO, 2015, p. 175). Dessa forma, a compreensão da cultura antecede o entendimento de seus aspectos isoladamente. Articulado nesse sentido, Azevedo (2017) considera que:

Vislumbrar as benzedeadas dentro do escopo da antropologia é entender que a religião se constitui como campo aberto e vasto de atuação de agentes especializados e não especializados dos mais variados segmentos, sejam eles oficiais ou não. As benzedeadas estão igualmente inseridas em um contexto em que o sistema de crenças que elas alimentam ou que se retroalimenta na relação com elas, permite ao cientista investigar ambos os campos de forma rigorosa, pelos já mencionados vieses da cultura, religião e medicina (AZEVEDO, 2017, p. 17).

A preocupação que perpassa também por aspectos metodológicos, o significado de aspectos culturais só pode ser compreendido em sua totalidade dentro do mundo cultural ao qual pertencem. Historicamente, o conceito de “cultura” sofreu mudanças que acompanham as posturas “categorizante” e “hierarquizantes”, já apontadas anteriormente. Uma postura

eurocêntrica, tanto no campo da conceituação como na tentativa de privilegiar uma cultura em relação à outra era, segundo Laraia (2011), um comportamento recorrente no desenvolvimento das ciências humanas e sociais. Embora não se busque aprofundar esse debate, torna-se necessário apontar quais perspectivas encontram-se assentadas no campo antropológico.

Ainda é perceptível o imbricamento de entidades de religiões e crenças diferentes presentes nos rituais e espaços da religiosidade popular. Assim, Lopes (2007, p. 128) destaca que “os sujeitos populares se apropriam e produzem, eles também, um consumo peculiar da iconografia religiosa, transformando-a segundo seus referenciais”.

Desse modo, percebemos como o homem contemporâneo seleciona elementos de diversas religiões para criar seu próprio universo. A religiosidade doméstica propicia a constituição dessa religiosidade única, em que o próprio devoto interpreta e significa a imagem e o espaço mediado por suas vivências e relações sociais. As práticas religiosas, as devoções, os rituais fazem parte das vivências das mulheres benzedeadas, pois é dessa forma que a benção faz sentido e buscam a relação das atividades no lugar e no tempo de suas histórias de vida (SANCHIS, 2001).

O pensamento religioso tem uma relação estreita com as práticas das benzedeadas no que diz respeito tanto ao campo discursivo como na adoção e utilização de símbolos e rituais nos procedimentos adotados (AZEVEDO, 2015). Mesmo que as características, de forma predominante, apresentem maior relação com o cristianismo e suas mais recorrentes variações, deve-se colocar que as influências de outras vertentes religiosas e sistemas de crença atuam diretamente na construção da identidade e na visão de mundo das benzedeadas. Nesse âmbito, os comportamentos sincréticos, as tradições indígenas e afro-brasileiras são recorrentes (ANDREOLLA; LIA 2018, DINIZ; DINIZ, 2018).

Posto isso, é importante que se realize uma diferenciação entre “religião” e magia” para que as subsequentes colocações não careçam de subsídios teóricos sólidos. Em um grande número de estudos consultados, os conceitos de religião e magia são apresentados quase sempre seguidos de uma diferenciação entre eles. Adota-se, aqui, a perspectiva de Azevedo (2014):

A magia assume, portanto, um papel mais pragmático, instantâneo e imediato; já a religião teria caráter ideológico. A religião tem nome, origem, nacionalidade e seguimento. É hebraica, cristã, espírita ou muçulmana entre outras; a magia não, como foi dito, ela tem o rosto de quem a prática (AZEVEDO, 2014, p. 122).

Assim, mesmo que o fazer das benzedeadas vincule-se ao aspecto religioso, é de extrema pertinência que a identidade delas mantém uma estreita relação com o pensamento “mágico” e que sua atuação corresponde, mesmo em nível de senso comum ao que se conhece por “magia”. Essa compreensão social também resulta na construção de uma visão em que as benzedeadas são encaixadas nos arquétipos de “bruxa”, e acaba por ser uma localização social que em muito contribui para a visão marginalizada. Partindo desse apontamento, é relevante que se compreendam os métodos e as possibilidades de atuação das benzedeadas.

No cenário brasileiro, existe um ainda modesto movimento em direção ao reconhecimento destes como profissionais de Saúde, desde 2009 (CARVALHO; BONINI; SCABBIA, 2017). Apontando a ocorrência a ser realizada anteriormente em outras localidades, é possível compreender que a atuação desses sujeitos dentro dos cuidados com a saúde ainda permanece relevantes na contemporaneidade. A esse respeito Cunha e Assunção (2017) apontam que:

Diferentemente do que se costuma imaginar, de que as benzedeadas sumiram porque já não há sentido para procurar seus serviços, as benzedeadas continuam muito procuradas, exigindo destas que exerçam o ofício integralmente, mesmo em idades avançadas (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017, p. 193).

A compreensão de até que ponto e de qual forma a urbanização e as ações antrópicas afetam o trabalho das benzedeadas é, a saber, uma das problemáticas do presente estudo e que será melhor observada mais adiante.

Outro apontamento importante a ser realizado é a compreensão de que a visão de mundo das benzedeadas, dos pacientes que as procuram e mesmo no consenso entre esses dois sujeitos parte de um consenso sobre as origens das enfermidades. Cunha e Assunção (2017) apontam aspectos importantes sobre aquilo que tomaremos como diagnóstico:

As benzedeadas são marcadas por sua religiosidade e prática de cura, de caráter mágico, místico, religioso. Sempre falarão das enfermidades como fruto destes elementos, entendendo o adoecimento para além das explicações meramente biológicas, mas aliando elementos simbólicos e imaginários passíveis de cura pela reza e por técnicas de tratamento empregadas por especialistas da medicina e da religião, não sendo, no entanto, reconhecidas pelos órgãos oficiais de ambas, e sim por suas comunidades e pacientes (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017, p. 191).

Dessa forma Cunha e Assunção (2017) respaldam a concepção de Laraia (2011), quando o autor aponta que “entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categoriais constituídas pelo mesmo” (p. 93). As concepções teóricas até aqui apresentadas atuam no sentido de reconstruir, em aspectos descritivos, a lógica cultural

observada na realidade ao mesmo tempo em que se mantém a rigorosidade científica dentro de um estudo etnográfico, pois o papel do sagrado e as práticas mágicas da medicina popular são temas que serão constantemente retomados.

Essa postura não corresponde às pretensões da presente pesquisa e mesmo um estudo de viés antrópico dificilmente conseguirá compreender a questão a contento. O que se pretende é a compreensão do tema em aportes, inicialmente, teóricos e, posteriormente, expressões da realidade onde o estudo de campo se desenrola.

Para a identificação dos aspectos de maior relevância, parte-se do agrupamento de elementos culturais, bens simbólicos, traços históricos e marcadores sociais que compõem uma “escola de hábitos” de crenças e costumes nas práticas de benzeção presentes em relatos, observações, estudo de história e da ampla documentação acerca do tema.

A presença de inúmeras crenças, práticas de rezas, benzeções e ritos contribuem para a consolidação de um comportamento que remonta aos antecedentes históricos do mesmo modo que permitem o surgimento de uma identidade muito original, produto do sincretismo. Assunção e Cunha (2017) fazem uso da terminologia “híbridos”, para denominar o produto desse sincretismo religioso. Essa religiosidade híbrida é o resultado de um processo histórico complexo e, ao mesmo tempo, singular do ponto de vista da formação da religiosidade. A compreensão da formação cultural e histórica é determinante na construção do papel social das benzedeadas, que segundo Azevedo (2017),

a figura da benzedeadas é atualmente a expressão quase plena da cultura popular ou não formal, da tradição, da força natural, selvagem, divina, eterna, imutável e que não mostra prescindir de riqueza e bens para existir. É nesse contexto que elas estão com seus chás, mezinhas, ramos, rezas, conselhos, garrafadas, terços e salve-rainhas (AZEVEDO, 2017).

Em consonância com o pensamento de Azevedo (2017), Santos (2005) realiza apontamentos nos quais propõem que a ausência da medicina formal foi a principal motivadora da proliferação de outros entendimentos nos cuidados da saúde, entre eles, as benzeções.

Por meio do levantamento, exploração e análise das produções teóricas, tornou-se possível identificar um grupo de aspectos que podem ser compreendidos como componentes latentes das benzedeadas acerca de sua identidade cultural, papel social, procedimentos e recursos. Esses aspectos serão apresentados de forma mais detalhadas a fim de compor um quadro analítico ancorado nas referências que, muito embora sejam eminentemente teóricas, apresentam-se como representações confiáveis em nível acadêmico. A construção dessa

“grelha de análise” busca relacionar a realidade à teoria, mas busca também apontar, por meio dessa articulação, com as seções referentes ao estudo de campo, particularidades eventualmente ainda não observadas em pesquisas consultadas.

Após todo o exposto anteriormente, é possível compreender que as benzedadeiras são agentes de cura que agrupam o elemento afetividade que a medicina institucionalizada não tem. Nas palavras de Azevedo (2017), essa questão vincula-se ao mundo cultural de forma latente:

A agente da benzeção ou benzedeira está inserida ainda em um contexto que expressa a construção de um imaginário e de um conjunto de representações variadas no campo da cura. A grande questão que parece surgir é: e se as benzedadeiras não tivessem existido, o que fariam as pessoas que precisassem de uma cura? Nessa proposição, as benzedadeiras parecem ter passado a existir justamente quando o conjunto de representações de cultura-religião-saúde emergiu sem a presença institucionalizada de entidades e, sobretudo, do Estado como antecedentes históricos claros de tal constituição (AZEVEDO, 2017, p.17-18).

Nesse sentido D'almeida (2018) aponta que a cura é objeto de estudo de diferentes ciências e, no ofício de benzer, é o objetivo central (embora, não exclusivo) das benzedadeiras. A autora aborda a questão no sentido de a cura ocorre, de fato, tanto em ambiente médico convencional ou em práticas de benzeção e curandeirismo.

Portanto, os estudos que investigam as atividades das benzedadeiras identificam que essas práticas de cura são comuns, sobretudo nas populações negras e mestiças. As relações socioculturais e cotidianas existentes nesses contextos remontam a uma ancestralidade e retomada de sentidos que vinculam o presente a um passado que, embora encontrem-se cronologicamente distantes, ainda se aproximam, na contemporaneidade, aos cuidados com a saúde.

### 3 LÓGICA ARTESÃ METODOLÓGICA

Neste capítulo, foi descrita uma lógica artesã de que não há um caminho pronto, delineado para ser percorrido pelos pesquisadores, na análise de seus objetos de pesquisa, ou quando pensamos um estudo empírico válido e confiável. Em nossos procedimentos e processamentos metodológicos, defendemos a formação do *Homo creare experimentalis*, ou seja, do sujeito criativo investigativo propostos por Rocha (2019)<sup>9</sup>.

A este novo movimento processual metodológico no PPGEEA/UFPA, passamos a descrever a lógica artesã ou o ziguezague da pesquisa, nessa aventura de investigar sem constituir um caminho a priori como rota segura e eficaz na análise do nosso objeto, ou como afirma Rocha (2019), de compreender o *corpus* da pesquisa como uma camisa de força, mas sim na tentativa intencional de tecer a antropização da cultura e tradições populares locais dentro de relações de poder que carregam também suas intencionalidades.

Os procedimentos teóricos e metodológicos para construção do objeto e do texto nesta pesquisa não seguem uma ordem linear e padrões da episteme cartesiana, são procedimentos que se entrecruzam, encontram-se e desencontram na perspectiva de promover uma análise da antropização urbana e os elementos de cura da mulher benzedeira. Buscamos procedimentos dentro de “processos que se comunicam e se constituem de forma circular e espiral com envolvimento com o campo” como afirma Silva (2006). Conforme este autor:

o campo (no sentido amplo do termo) se forma através dos livros que lemos sobre o tema, dos relatos de outras experiências que nos chegam por diversas vias, além dos dados que obtemos em “primeira mão”. Nessa experiência, o campo não é somente a nossa experiência concreta (mesmo se esta fosse mensurável de forma tão objetiva) que se realiza entre o projeto e a escrita etnográfica. (SILVA, 2006, p. 27).

Nesta premissa, tomo o “campo” como um processo iniciado desde o momento em que me interessei pela temática, até o momento da construção dissertativa deste texto. Inicialmente, privilegiei a observação participante como técnica para investigar como a antropização urbana pode influenciar nos elementos de cura, assim como descrever a ação humana urbana ao desenvolvimento da cidade, compreendendo as resistências dessas

---

<sup>9</sup> Nessa perspectiva, segundo Rocha (2019) o sujeito criativo investigativo é aquele sujeito que desenvolve processos de imaginação, com criatividade e autonomia. Além de explorar ideias e previsões, elaborando possíveis planos de ações e experimentando o planejado, comunicando e socializando os resultados dentro do que concebe as pesquisas pós-qualitativas.

mulheres especialistas, reconhecidas como mulheres benzedoras, que praticam o seu ofício da cura denominado como benzeção da cidade de Castanhal (PA).

Realizei um *survey* ou pesquisa exploratória, com o objetivo de encontrar os rastros das benzedoras na cidade, partindo da premissa de que poderia localizá-las por meio de informações de meus amigos e parentes que ainda acreditam na prática de cura dessas mulheres. Assim, considerando essas possibilidades locais de sociabilidades e propícios à localização, encontros e contatos, registrei um universo de 05 (cinco) mulheres praticantes da benzeção na cidade.

Nessa pesquisa optei por denominá-las como mulheres benzedoras, que fazem da benzeção a sua prática de cura, exercida dentro do seu ambiente doméstico e fora do controle de qualquer instituição religiosa e/ou ordem eclesiástica. Na ocasião, foi solicitada a autorização para realizar a pesquisa, obtida por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) às cinco mulheres benzedoras: Dedê, Rosilda, Sabá, Gertrudes e Maria - nomes oficiais), moradoras de Castanhal e reconhecidas localmente.

Os sujeitos da pesquisa são escolhidos como as mulheres benzedoras, haja vista que em sua maioria são as mulheres que se dizem ter herdado o dom talentoso pela cura, por apresentarem com a característica de mãe cuidadora e que apresentam a habilidade com as atividades que envolvem os elementos de cura dentro das atividades de benzeção.

Nesta fase, como observador participante, passei a fazer parte da rotina das cinco mulheres benzedoras e participantes desta investigação. Assim, conforme Oliveira (2008), é pertinente ainda colocar que os usos e possibilidades do paradigma qualitativo justificam-se em virtude do caráter do estudo a ser realizado. A opção pela abordagem qualitativa de pesquisa, dá-se em função do objeto e das pretensões do estudo em analisar dados que não são passíveis de serem numericamente mensuráveis.

### **3.1 Procedimentos Etnometodológicos da Investigação**

A pesquisa desenvolveu-se dentro dos pressupostos da *etnometodologia*. Metodologia esta que foi inaugurada por Harold Garfinkel (1917-2011), no ano de 1967 com a publicação da obra *Studies in Ethnomethodology*, reunindo várias pesquisas sistemáticas realizadas ao longo dos anos 1950 (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012).

Desse modo, a *etnometodologia* consiste em métodos específicos de coleta de material empírico para fenômenos sociais, por meio do desenvolvimento de determinadas

técnicas, todas aplicadas a entender a realidade e se sustentam em detalhes imediatos e singulares das ações sociais são ordenadas e inteligíveis em sua superfície.

Isso não nega a necessidade de competências linguísticas e práticas para produção, reconhecimento e explicação analítica de tais ações. Ao contrário, significa insistir que as pessoas que falam e agem em conjunto necessariamente atribuem sentido das ações uns dos outros em “tempo real” (LYNCH; PEYROT, 1992, p. 117-118, tradução nossa).

Os principais instrumentos e estratégias utilizados para coletânea e organização das informações foram se adequando a cada visita/encontro, estruturando-se para assim alcançar os objetivos da pesquisa. Tais instrumentos foram listados em observações participantes, registro no caderno de campo, as entrevistas individuais com uso de gravador de voz e câmera fotográfica (recursos do celular), caneta e caderno para anotações, configurado em conversas informais e formais e registros fotográficos<sup>10</sup>, estes foram sendo inseridos na proporção da aceitação de minha comparência e do tema escolhido.

No primeiro momento de aproximação, as observações e o caderno de campo foram meus principais instrumentos. À medida que ia me incluindo na realidade das mulheres benzedeadas, comecei a fazer registros fotográficos. E, por fim, comecei a inserir as entrevistas individuais como técnica.

Durante minhas 32 visitas a campo, no período de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, realizei observações, conversas informais e alguns registros com uso do TCLE. Essas informações permitiram aperfeiçoar o projeto para submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) na Plataforma Brasil.

Nesta perspectiva, o processo de investigação pesquisa foi operacionalizado antes do início da Pandemia do COVID-19, e depois da abertura aos isolamentos recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). As descrições mais detalhadas foram apresentadas com retorno das visitas, seguindo os protocolos de segurança, em que aplicamos entrevistas abertas, gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Assim, as entrevistas realizadas são parte dos procedimentos de constituição de informações e suplementaram nossas outras técnicas de pesquisa.

Esse primeiro momento, antes da pandemia, serviu como base para a semiestruturação das entrevistas, uma vez que permitiu um maior conhecimento, sobre o cotidiano de cura das benzedeadas. As entrevistas individuais duraram aproximadamente uma

---

<sup>10</sup> A autorização do uso das imagens das mulheres benzedeadas neste texto dissertativo foi autorizado pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) junto a Plataforma Brasil de acordo com o parecer nº 4.005.766.

hora, todas foram realizadas na residência das benzedeadas, que foram bem solícitas e agradáveis.

Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnometodológicos, não seguiu padrões rígidos ou pré-determinados, mas o senso que o autor desta pesquisa desenvolveu a partir do trabalho de campo no contexto antrópico da investigação.

A busca por participantes, que poderiam compor o quadro de investigados, durou aproximadamente uma semana. Para tanto, foi realizada uma escolha aleatória, baseada na identificação de cinco mulheres que atuam como agentes de cura na cidade e contemplavam os requisitos de serem residentes na cidade.

O tempo de atuação e idades das mulheres benzedeadas foi um aspecto que chamou particular atenção, fazendo que se manifestasse maior interesse diante das práticas de cura das participantes da pesquisa. Outro aspecto observável foram suas experiências como mulheres benzedeadas idosas, portanto, dotadas de uma consolidada antropização. Com isso a abordagem estabelecida para a pesquisa consistiu em resgatar também a memória dessas mulheres velhas e benzedeadas.

Procurei estabelecer por meio das técnicas e táticas, ou seja, da rede de campo (SILVA, 2006) de aproximação com as mulheres benzedeadas, e assim ir alinhavando meu objeto de pesquisa construído e reconstruído no encontro e no confronto com a realidade e contextos da pesquisa em tempos pandêmicos.

O levantamento documental foi cogitado com o intuito de melhor compreender o processo de urbanização no qual as mulheres benzedeadas estavam inseridas em meio urbano. A tentativa de levantamento dessas fontes (plano diretor, relatório de infraestrutura, entre outros) não teve êxito, pois em meio à pandemia da COVID-19, os órgãos municipais ficaram restritos a serviços essenciais, não permitindo acesso as fontes documentais primárias.

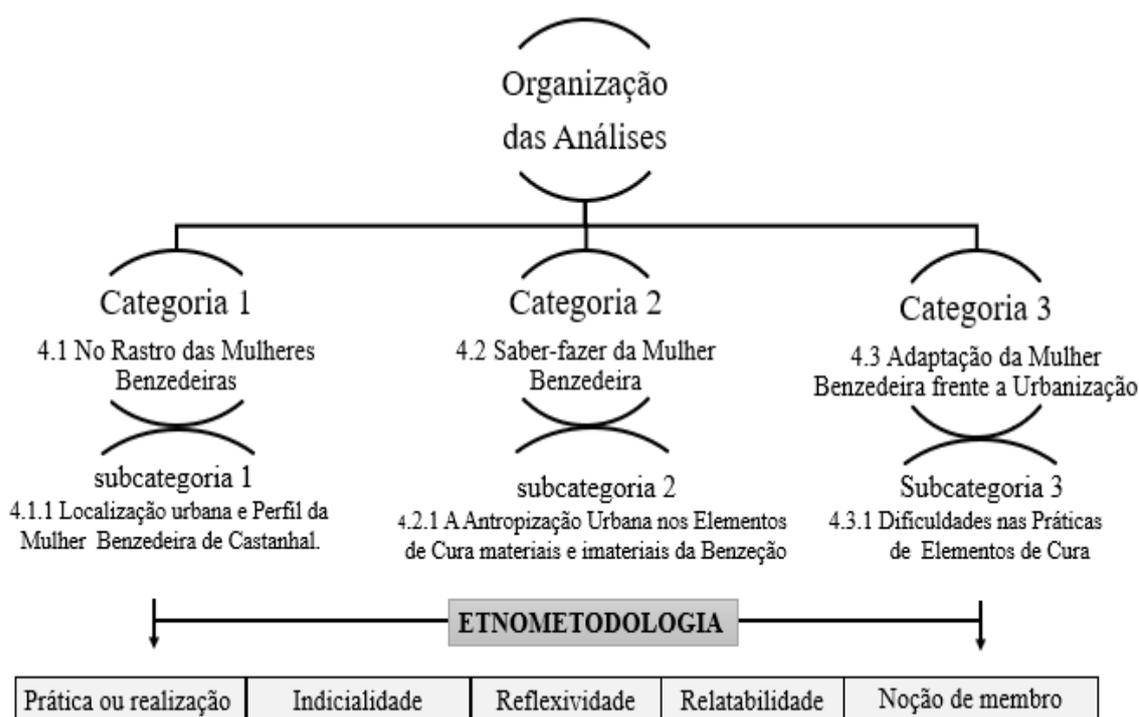
Esta situação nos exigiu recorrer a outras fontes disponíveis, como as redes tecnológicas da internet, mais específicos a dados geográficos, demográficos e socioeconômica, dados importantes que nos exigiu mais esforços para constituição dos dados e para viabilizar e situar o contexto urbano no qual as mulheres benzedeadas estavam situadas. Algumas ilustrações utilizadas no corpo deste texto foram elaboradas e ou adaptadas dentro do que foi possível pelo autor desta pesquisa.

Em minhas visitas às residências das benzedeadas, tive acesso e oportunidade a momentos de benzeção proporcionados por todas elas. Além das entrevistas, com a abertura

do isolamento social pandêmico, que ajudaram a avançar uma narrativa possível de informações, tanto em sua origem quanto em seu processo de análises sobre inserção de elementos de cura para a prática de benzimento na benzeção.

Para análise acionei as técnicas e instrumentos de pesquisa, organizando discursões em 3 categorias e 3 subcategorias de análise (Figura 11).

Figura 11 - Organização de categorias e subcategorias de análise da pesquisa



Fonte: autor da pesquisa (2020).

Nesse processo, foram construídas as categorias referindo-se às interações que as variáveis da pesquisa apresentaram a partir da análise dos dados, sendo estas também explicitadas nas subseções. Desse modo, essa relação de categorias e subcategorias busca abordar o saber-fazer das benzedeadoras, apontando para uma possível superação de dificuldades por parte delas, diante dos impactos de antropização urbana em Castanhal.

Nessa organização estão presentes os conceitos-chaves e condutores da Etnometodologia: **Prática ou realização, Indicialidade, Reflexividade, Relatabilidade e Noção de membro** (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012), em que a prática ou realização foram representados pela concepção de que a atividade de cura dentro das circunstâncias práticas e o raciocínio antrópico se constituíram como termos deste estudo empírico.

A **Prática** ou **realização**, consiste em realizações contingentes, contínuas e infinitas que são conduzidas com o suporte de organizações ou de indivíduos com conhecimentos internalizados, reconhecimento de conduta reflexiva e senso comum (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012), e de modo particular, as benzedeadas exercem um papel de proporcionar o bem ao outro por meio dos recursos advindos de seu dom de cura e de elementos da natureza.

A **Indicialidade** corresponde a todas as determinações que se ligam a uma palavra ou de uma atividade ratificando o caráter situacional de um procedimento laboral, tendo um sentido diferente em toda situação particular em que é usada (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012). Torna-se representada durante o processo de compreensão da linguística do objeto deste estudo com a reflexividade que designou as práticas das mulheres benzedeadas que, ao mesmo tempo, descrevem e constituem o quadro de antropização urbana.

A **Reflexividade** compreende as propriedades racionais reconhecíveis por parte dos indivíduos a partir do senso comum que estes têm das coisas que dizem ou fazem nos seus contextos de interação. Mostra-se como um elemento de partida e de chegada para que as mulheres benzedeadas apresentem desenvolvimentos para conhecer os seus dons e pôr em prática as suas habilidades de cognição nas circunstâncias de interação com o outro (GARFINKEL, 1967).

A **Relatabilidade** está diretamente ligada ao conceito de reflexividade, pois apoia-se na lógica de que, se há uma reflexão consciente, podendo ser descrita mediante a linguagem, então, torna-se relatável (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012). Assim, a forma com que se fez a análise das participantes da pesquisa representa a Relatabilidade, quando se apresenta as visões das mulheres benzedeadas, o que elas entendem pelo crescimento urbano e como elas se enxergam dentro dele.

E por fim, a **Noção de membro** correspondendo à introdução de um indivíduo numa instituição social, mediante o acesso a um conjunto de práticas, a partir do domínio de uso da linguagem natural (COULON, 1995). Esta característica independe de serem indivíduos leigos ou não. Assim, a noção de membro é associada a coletividades, ou seja, as mulheres benzedeadas fazem parte de um grupo de mulheres que se doam e se comprometem, e como membros pertencentes a uma comunidade com um conjunto de modos de agir para dar sentido aos elementos de cura ao benzimento e benzeção.

## 4 ELEMENTOS ANTROPIZADOS DAS BENZEDEIRAS

Neste capítulo, cumpre-nos reconhecer a relevância social deste trabalho para as mulheres benzedeadas de Castanhal, especialmente aos movimentos de urbanização e simbolismo contido na prática da benzeção. Podendo, também, constituir-se num instrumento importante para a discussão dos elementos de cura na Amazônia, especialmente no nordeste paraense. Para isso, analisamos e discutimos as categorias e subcategorias elencadas, procurando aspectos para articular aos objetivos da pesquisa.

### 4.1 No Rastro das Mulheres Benzedeadas

A opção por identificar as mulheres benzedeadas a partir de um levantamento prévio impõe-se pela delimitação espacial para o trabalho empírico constatado no *survey*. Ao problematizar esse tema no espaço urbano, adoto como base teórica o viés da literatura antropológica urbana (MAGNANI, 1996), para pensar a cidade como um espaço de investigação.

Dentre os teóricos da antropologia urbana, Magnani (1996) nos permite refletir sobre a singularidade do contexto do que é urbano e real, em que se precisa levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente e com o seu objeto de pesquisa. Nesse aspecto, retomamos a questão central: como a antropização urbana influencia nos elementos de cura de mulheres benzedeadas de Castanhal?

Ao pensar a urbanização e os elementos de cura da benzedeadas como uma manifestação de cunho doméstico e particular, executada por essas especialistas de cura – as mulheres benzedeadas – em suas residências, que revelaram autonomia de sua prática na cidade de Castanhal, exigiu de minha parte, um ordenamento do olhar e uma metodologia sobre esse campo.

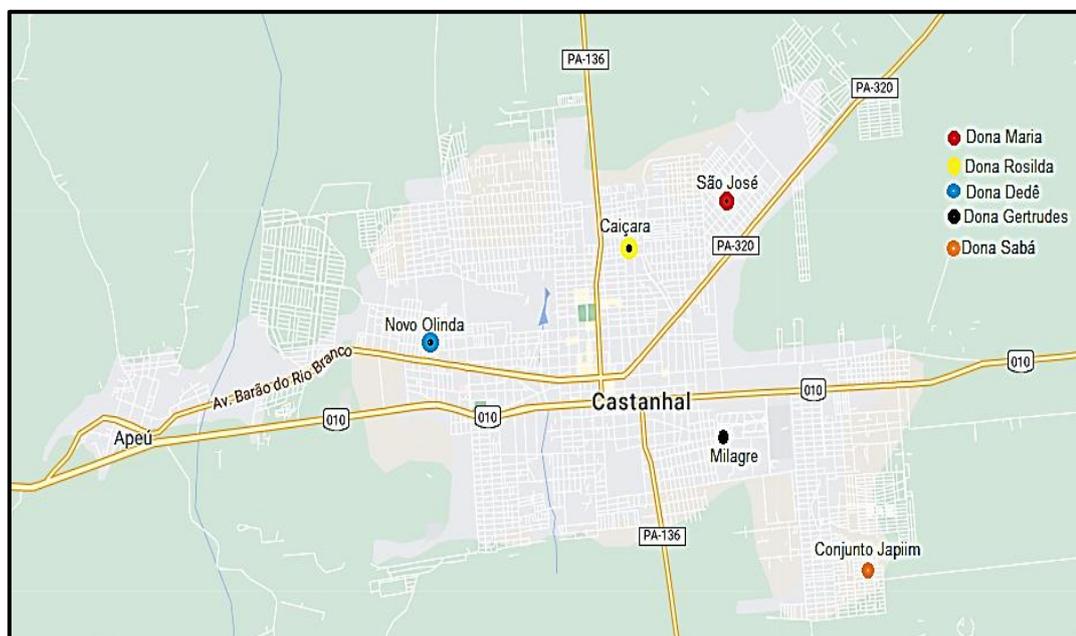
A saber, as representações que as organizam atravessam o tempo e estabelecem o pensamento simbólico da diferença entre os gêneros: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, uma mulher sublimada. São sobre elas, erguidas entre o seio matriarcal, que recaem os modos de ser uma mulher responsável por seu espaço familiar. Atributos que as aproximam dos feitos da reza, do sagrado, do zelo (SILVA, VIEIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 248).

#### 4.1.1 Localização urbana e Perfil das mulheres benzedeiros de Castanhal

Durante a constituição das informações, observou-se predomínio de algumas benzedeiros nos bairros periféricos, justamente onde se concentra a área de mata do município de Castanhal, esse fato se deu, pois, elas mudaram de localização para que pudessem ficar próximas ao ambiente natural, ainda que tendo que conviver com forte impacto do processo de urbanização.

Embora as descrições mais detalhadas sejam apresentadas nos relatos individuais, é pertinente apontar que, em alguns aspectos, todas as entrevistadas apresentam notáveis semelhanças, pois elas utilizam elementos de cura comuns (plantas, orações ou *folkcomunicação* e gestos com as mãos em seus benzimentos).

Figura 12 - Localização das mulheres benzedeiros nos bairros de Castanhal



Fonte: o autor (2020).

As cinco benzedeiros são conhecidas em suas comunidades e atendem a pessoas de cidades vizinhas, e até mesmo regiões distantes. A localização de cada benzedeira (Figura 12) condiz com a atual conjuntura urbana da cidade de Castanhal, haja vista que seus bairros distam um do outro.

Observamos que os bairros das mulheres benzedeiros estão localizadas em duas zonas diferentes: quatro benzedeiros habitam na Área da Cidade Compacta de Ocupação Prioritária (ACOP) e uma habita a Zona Predominantemente Residencial (ZPR). No bairro Novo Olinda (Dona Dedê), no Caiçara (Dona Rosilda), no Milagre (Dona Gertrudes), no

bairro São José (Dona Maria) e Conjunto Japiim (Dona Sabá). Nota-se que com o crescimento urbano se limitam ao perímetro urbano central dentro de uma ocupação fragmentada para áreas adjacentes dos limites territoriais do município de Castanhal.

A benzedeira Dona Dedê, residiu no bairro do Nova Olinda localizado a oeste do centro comercial da cidade, com a presença de pontos comerciais, escolas, farmácias e igrejas, ruas pavimentadas e com presença de prédios e edifícios caracterizando como uma ZPR, espaço com alto índice de crescimento urbano.

O bairro do Caiçara, onde Dona Rosilda reside, fica localizado ao norte do centro comercial da cidade, apresentando um médio crescimento urbano, pois apresenta poucos pontos comerciais em relação ao bairro de Nova Olinda, caracterizando um espaço de média antropização urbana.

O bairro do Milagre, onde a Dona Gertrudes reside, fica localizado ao sudeste do centro comercial de Castanhal, com a presença de pontos comerciais, escolas, igrejas, sem pavimentação em todas as ruas, caracterizando um espaço com média de antropização urbana, haja vista que ainda é perceptível a presença de áreas de mata próximas de sua residência.

O bairro São José onde Dona Maria reside, localiza-se ao nordeste do centro comercial da cidade e apresenta supermercados, igrejas, escolas, pontos comerciais, algumas ruas pavimentadas, apresentando um médio crescimento urbano caracterizando um espaço de média antropização.

Enquanto que o conjunto Japiim, onde reside a Dona Sabá, que está localizado no sudeste do centro comercial da cidade apresenta poucos pontos comerciais, com um número baixo de residências em relação aos demais bairros citados, caracterizando um espaço pouco antropizado urbanamente, com a presença de mata o que explica que a benzedeira está em contato direto com seus elementos de cura (plantas medicinais).

É perceptível que nem todas as mulheres benzedeiros estão localizadas nos extremos da cidade, o que comprova que, mesmo residindo em zonas de alta e média antropização urbana, elas resistem ao longo dos anos, pois tentam se adaptar às transformações urbanas da cidade. Apenas uma das benzedeiros (Dona Sabá) se deslocou para bairro situado nos extremos da cidade próximo as áreas de mata afim de ter acesso às plantas e ervas medicinais (seus elementos de cura) que utiliza em seus benzimentos.

Concordamos com Lemos (2000), que o processo de ocupação do espaço físico e a apropriação dos recursos naturais a antropização humana impõe transformações no meio

ambiente que dependendo de como ocorrem podem resultar em colapsos, compreende-se que as ações antrópicas sobre os ecossistemas têm causado uma aceleração no processo de transformação de paisagens, refletindo em extensas áreas de fragmentos florestais e urbanos.

A estrutura urbana de Castanhal é relativamente simplificada, com apenas uma área central bem definida, com a concentração de comércio e serviços, para onde os fluxos convergem, apesar da existência de pequenos centros, como os dos distritos de Apeú e Jaderlândia (RIBEIRO; LISBOA; FONSECA, 2015).

Pode-se inferir que no decorrer do tempo, a ação antrópica em Castanhal sobre os recursos naturais tem contribuído para o estado atual de urbanização com degradação ambiental e pode, com isso, colocar em risco o seu uso. As matas e florestas do município têm sofrido impactos com o crescimento urbano causadas através das atividades da agropecuária, desmatamentos, urbanização e construção de estradas (PANTALENA; MAIA, 2014).

Destaca-se que as mulheres benzedeiros (Dona Rosilda e Dona Gertrudes) na reflexão dos costumes adquiridos ou residuais de outros modos de vida, persistem, resistem e se adaptam dentro de seus ofícios através do cultivo em seus quintais dentro de bairros urbanizados centrais (bairros do Caiçara e Milagre) valorizando a cultura popular que se modifica ou se transforma com o crescimento urbano.

Quanto ao perfil das mulheres benzedeiros, apresentam uma identidade valorizada e respeitada exercendo continuidade ao seu dom da benzeção e como papel essencial na cura de problemas de saúde física e espiritual. É relevante destacar as suas experiências através de seus anos de atuação como benzedeiros, sua herança da benzeção e sua religião para descrever o perfil de cada uma delas (Quadro 1).

Quadro 1- Perfil da mulher benzedeira em Castanhal

Nome	Idade (anos)	Naturalidade	Estado civil	Religião	Atuação (anos)	Herança da benzeção
Dona Dedê	93	Curuçá/PA	viúva	católica	86	mãe
Dona Maria	82	Parambu/CE	casada		68	sogra
Dona Sabá	81	Castanhal/PA	viúva		74	pai e avó
Dona Rosilda	66			umbadista	57	mãe
Dona Gertrudes	62			católica	25	avó

Fonte: pesquisa de campo (2020).

Durante as visitas foi possível identificar que apenas uma benzedeira (Dona Maria) é casada e as demais são viúvas, configurando-se como mulheres domésticas e que regem

os afazeres e interesses do lar. Como matriarcas de suas famílias, são mulheres velhas entre 62 e 93 anos de vida, com média de atuação no trabalho de benzedeadas de 62 anos. Em nossas observações e conversas informais percebemos que todas têm um poder agregador.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo e qualquer indivíduo que tenha 60 anos ou mais. O Brasil possui cerca de 28 milhões de pessoas com essa faixa etária, número que expressa 13% da população total do país. E esse percentual tende a um crescimento acentuado nas décadas vindouras, de acordo com a Projeção da População, que foi divulgada no ano de 2018 pelo IBGE.

Vale ressaltar que, devido as idades avançadas, as benzedeadas se preocupam com quem irá substituí-las, pois além do dom de benzer concebido por Deus, a aprendizagem da benzeção implica também em um tempo considerável, podendo levar até anos. No intuito de facilitar a transmissão do conhecimento de cura, as benzedeadas se firmam no seio da família em que, de certa forma, desde a infância, aprendem-se essas práticas semeadas por meio da religiosidade popular, caseira, que transmitidas e absorvidas, mesmo inconscientemente pode motivar alguém a praticar este ofício de cura popular.

A transmissão da benzeção “tem que ocorrer de preferência para algum parente próximo, como por exemplo, de mãe para filha, de pai para filho e, em circunstâncias menos favoráveis, para sobrinhos, netos e até para outras pessoas situadas fora do círculo familiar” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 115). A benzeção parece, portanto, ser um conhecimento antropizado e transmitido no meio familiar de geração, em geração por meio de uma escolha de quem detém a hierarquia e saberes da técnica.

Quanto a naturalidade, três mulheres benzedeadas são de Castanhal (Dona Rosilda, Sabá e Gertrudes), uma de Curuçá (Dona Dedê *in memoriam*) respectivamente no Estado do Pará e uma de Parambu no Estado do Ceará. Em relação a religião quatro benzedeadas se declararam católicas e uma umbandista.

A Dona Maria de Deus (Figura 13), mais conhecida como Dona Dedê<sup>11</sup> (*in memoriam*) gozava de relativa popularidade local em virtude de suas atividades de benzeção. É pertinente registrar que se encontrava demasiadamente ocupada atendendo os enfermos e as pessoas que a procuravam, mesmo assim nos deu alguns detalhes de sua vida como benzedeadas na cidade.

---

<sup>11</sup> Dona Dedê faleceu em meio a pesquisa, no dia 08 de maio de 2020 em decorrência de complicações da COVID-19.

Figura 13 - Benzedeira Dona Dedê (*in memoriam*)



Fonte: arquivo pessoal dona Dedê (2019).

Nos estudos de Castro, Villacorta e Ramos (2020) e Andrade (2013), na zona rural, os benzedores, em sua maioria, têm formação católica, já nos centros urbanos, seus rituais variam seguindo a diversidade religiosa local conforme preceitos que podem ser católicos, kardecista, adventista, umbandista ou esotérico. Entretanto, mesmo baseadas em cultos ou religiões diferentes, as rezadeiras e benzedeiros seguem os mesmos princípios de humildade, solidariedade, justiça e contato diário com o divino.

Através de conversas informais realizadas no dia 11 de outubro de 2019 às 10:30 da manhã, ao contar um pouco de sua história pessoal, Dona Dedê apresentou-se como sendo natural do município de Curuçá, também localizado no nordeste paraense. Esta benzedeira começou sua trajetória de cura aos 07 anos de idade em seu município de origem e afirmou ter herdado de sua mãe o ofício de benzedeira. Concebe ser um dom que já nasceu com ela, pois sua mãe também era benzedeira.

Nos altos de seus 93 anos de vida podemos reconhecê-la como mulher que viveu cercada entre o destino de ser mulher e a vocação de ser humano. Essa descrição encontra concordância com D'almeida (2018, p. 88), ao indicar que, “mesmo que os procedimentos e

receitas sejam possíveis de serem aprendidos, o pleno domínio dos cuidados e das curas vincula-se ao dom divino”.

Nesse âmbito Dona Dedê colocou que:

Eu comecei a rezar com 7 anos, nas crianças e depois nas pessoas adultas eu nasci com essa missão passada de geração em geração, aparece para mim o tipo de problema que a pessoa está passando, eu falo para elas o problema e começo a rezar (Dona Dedê, conversa informal, 2019).

Nessa articulação, a centralidade da habilidade prática como um *modus operandi* do organismo humano é um importante interesse analítico, evidenciando a “dissociabilidade mente/corpo, visível nos estudos da ação e da percepção, dos sentidos, da linguagem, da tecnologia e da arte, para compreensão das formas de engajamento e de desenvolvimento no mundo” (INGOLD, 2019, p. 419).

Dona Dedê tinha 12 anos de idade, quando a sua família se mudou de Curuçá para Castanhal, indo morar no bairro Nova Olinda, lugar onde viveu até o fim de sua vida. A sua popularidade como benzedeira se deu logo com pouco tempo que chegou a Castanhal e se propagou pela cidade mesmo não tão urbanizada.

Desse modo, o seu ofício de benzedeira se estendeu até aos 94 anos de idade, quando ela benzia crianças, adultos e até animais. Assim, dedicou 82 anos de sua vida cuidando da saúde coletiva da população castanhalense que se deu até 08 de maio de 2020, dia em que faleceu em decorrência das complicações causadas pela COVID-19.

Ressalto ainda, que esta pesquisa também homenageia o trabalho de Dona Dedê com as plantas medicinais, uma mulher benzedeira com uma grande contribuição à benzeção em meio a urbanização de Castanhal, trazendo consigo toda uma sabedoria acumulada em suas mãos. Foi uma mulher antropocena, ativamente envolvida na resolução de problemas relacionados com sua condição de cura popular.

Dona Rosilda (Figura 14), foi a segunda benzedeira a ser observada, porém entrevistada com a abertura social junto à pandemia. É uma benzedeira umbandista, mora no bairro do Caiçara, tem 68 anos de idade e concedeu entrevista em sua casa no dia 06 de agosto de 2020 por volta das 09:30h, seguindo todos os protocolos de segurança no combate a COVID-19, demonstrando abertura e receptividade aos questionamentos que eventualmente poderiam surgir.

Esta mulher benzedeira que se apresenta em frente ao seu altar é vinculada a práticas de crenças baseadas em matrizes africanas, no entanto, demonstra uma postura sincrética ao

fazer uso da simbologia católica, na forma de santos e hinos, tem suas crenças embasadas nas perspectivas das religiosidades africanas e indígenas, apontam as divindades judaico-cristãs como representações dos Orixás.

Figura 14 - Benzedeira Dona Rosilda



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Desse modo, Araújo e Júnior (2013) enfatizam a importância de altares nos cultos afro-brasileiros, principalmente na Umbanda em que a existência desses altares que são construídos nas formas horizontal, vertical e outros modelos que acabam se confundindo com assentamentos devido ao fato da casa não ter grandes espaços para separá-los com suas linhas e afinidades de energia.

Através da Figura 15, podemos perceber que o altar da casa de Dona Rosilda possui forma vertical, que é a mais tradicional. Nesta forma, observamos a nitidez com que é feita a organização a por meio dos graus de importância e de energia entre as imagens presentes no sincretismo religioso.

De acordo com Bastide (2001), as estátuas de santos católicos colocadas nos altares associam-se as imagens do Orixás que tem suas direções alteradas atendendo as necessidades de cada casa, que conta com a presença de espíritos protetores familiares, que sofrem a

influência do espiritismo e que acabam se manifestando em forma de antigos índios e velhos africanos.

Com relação a vestimenta da benzedeira Dona Rosilda, é muito comum o uso de conceitos estéticos baseados nos orixás, para compor as vestimentas dos adeptos dos cultos afro-brasileiros, principalmente as benzedoras, para demonstrar a importância do sagrado. Lody (2004), nos afirma que as roupas africanas construídas na Bahia, faz-se bastante presente no que diz respeito a estética afro-brasileira, pois trata-se de reinvenções das roupas usadas na África.

Conforme Dona Rosilda,

Como sou uma benzedeira umbandista é importante para mim estar em contato com as matas, essa ligação com a natureza permite me conectar com meu guia espiritual. Sai do centro mais ou menos a uns quarenta (40) anos atrás, logo que começou a ficar muito populoso (Dona Rosilda, Entrevista, 2020).

Compreende-se na relatabilidade de Dona Rosilda que sua ligação com as matas é de fundamental importância para a benzeção, haja vista que por ser pertencente a religião da umbanda, ela entra em contato com os seus guias espirituais, através da relação com a natureza. Assim como outras religiões afro-brasileiras, a umbanda é monoteísta, mas cultua também os orixás, que para os africanos, são considerados como elementos da natureza” (DA MATTA E SILVA, 1999).

Figura 15 - Altar de devoção de Dona Rosilda



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Aqui se faz perceber a importância da antropização, sem deixar escapar a sujeitividade, que diz respeito a sua identidade, a sua luta. Essa, que toma forma e ganha consistência na coletividade urbana. Deste modo, é cabível que a humanidade se permita sonhar e se lance nessa probabilidade, para que se alcance a transformação que se quer (CORRÊA; SILVA; MALHEIRO, 2020).

O ambiente onde são realizados os benzimentos (Figura 15) é composto de diversos elementos utilizados característicos de cultos afro-brasileiros, como atabaques, velas, imagem de santos da igreja católica e também da pajelança cabocla, compondo, assim, a um lugar típico dos cultos da religião umbandista.

É relevante registrar também que Dona Rosilda possui um local específico, onde ficam os remédios, as garrafadas e banhos que ela prepara para suas ações de benzimentos. Nesse contexto, concordamos com Oliveira (2019), cujas motivações da montagem do altar são sagradas e cada benzedeira tem seu próprio jeito de organizá-lo de acordo com suas crenças e com os significados de cada elemento usado pode ser correlacionado à identidade de cada benzedeira.

Pode-se perceber que a representação feminina no sincretismo religioso se constitui como uma organização da realidade vivida cotidianamente pelas mulheres benzedeiros, porém, isso não se dá sem resistências, uma vez que, as mulheres apresentam uma postura ativa, e a cada dia conquistam espaços, seja por meio da religião tradicional, ou de matriz africana através da religiosidade popular.

Dona Rosilda, em seu relacionamento com a comunidade, faz com que se construam identidades diferenciadas, pois ela atende não só pessoas da umbanda, mas de religiões diversas, sem deixar de ganhar popularidade como benzedeira, apesar de ser comum encontrarmos em sua maioria benzedeiros católicas, fato comprovado nesta pesquisa.

Desse modo, ela comenta: “os mentores são curadores, mas quando é um caso mais elevado, os pacientes são orientados a procurarem os batas brancas, que são os médicos, os kardecistas expulsão os espíritos obsessores, e a umbanda ficou para curar as aflições, e uma corrente que se ajuda” (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

Dona Rosilda enfatiza que os mentores espirituais agem como elementos que curam, porém, se os pacientes apresentarem um quadro de enfermidade mais grave, são orientados a procurar os médicos para tratamento convencional. A benzedeira explica que a função dos kardecistas é de expulsar os espíritos maus que perseguem o paciente, já o papel da umbanda é curar as aflições por meio de ajudas promovidas por corrente espiritual.

Considerando as transformações urbanas, percebemos que as diversas formas de celebrar o sagrado através do sincretismo religioso vão se adaptando, construindo seus próprios locais e, com isso, principalmente na parte central do município, onde surge a necessidade de compreender as variáveis religiosas na construção socioespacial do espaço urbano castanhalense.

Contudo, compreende-se que o sincretismo religioso possui aspectos culturais e sujeita-se a outros aspectos como os dos processos sociais de grupos considerados religiosos, havendo, em Castanhal, a necessidade de encontrar novas formas de cultuar o que as pessoas pertencentes a esses grupos chamam de divino, e, ao mesmo tempo, tendo que se adequar à antropização e à dinâmica do crescimento urbano. Esta impulsiona as necessidades das pessoas em terem determinados locais na cidade para realizarem suas atividades religiosas.

Dona Sebastiana, de 81 anos de idade, conhecida popularmente como Dona Sabá (Figura 16), concedeu entrevista no dia 10 de agosto de 2020 às 9:00. Essa benzedeira iniciou sua atuação nos cuidados com a saúde aos 7 anos de idade, quando rezou em uma criança que era acometida de um choro ininterrupto e inexplicável. Tendo esta parado de chorar, ela compreendeu esse momento como uma convocação divina para o ofício da benzeção.

Figura 16 - Benzedeira Dona Sabá



Fonte: pesquisa de campo (2020).

A maioria das benzedoras não solicita valores pelo benzimento. Para elas, o dom foi dado por Deus, o que as impede de receber qualquer espécie de remuneração pelo ato de benzer. Parte das pessoas que procuram os benzimentos não são de alto poder aquisitivo, são pessoas simples ou em algum tipo de vulnerabilidade social, que muitas vezes, buscam no saber popular, a cura para algumas doenças, em outros casos, mesmo aqueles que possuem algum tipo de renda, procuram pelos benzedores (CASTRO; VILACORTA; RAMOS, 2020).

Esta concepção fica clara nas palavras de Dona Sabá:

Eu descobri meu dom aos 7 anos, como já te disse, então acho que nasci com ele. Não tenho como explicar, não é algo que pode ser desvendado pelo homem comum. O que eu tô te falando aqui meu filho é só uma parte, o resto é entre mim e o divino. Eu não cobro nada de ninguém pelos meus serviços, algumas pessoas deixam aí dinheiro, comida, roupa, mas eu não peço nada, tem que ser por vontade delas, pois meu trabalho aqui é solidário. Se alguém não tiver nada o que deixar, eu rezo mesmo assim, com toda minha força e com todo amor. Peço pro nosso bom Deus prover tudo e não deixar faltar nada. É o que te digo, tudo isso vem lá de cima, não é todo mundo que entende, não dá pra entender isso na cadeira da escola (risos) (Dona Sabá, entrevista, 2020).

Na fala de Dona Sabá, o destaque encontra-se com o dom da benzeção, que lhe foi apresentado, segundo ela, sem explicação, pois este constitui-se como algo que é uma aliança particular com o sagrado. Percebemos que a gratuidade do dom está representada no universo da benzedora através da sua aproximação com o divino, criando um elo para alcançar graças e bênçãos.

Assim, para a benzedora, o pagamento recebido por seus benzimentos ocorre por meio da realização da cura do benzido, algo que ela faz com amor. A presença de Deus para ela está acima de tudo e a acompanha desde seu nascimento e que vai durar por toda a sua vida, juntamente com o ato de caridade para com aqueles que a procuram para o enfrentamento de alguma doença, mesmo que não tenham nada a lhe oferecer.

A entrevistada apresenta-se como uma agente de cura que, dentro da perspectiva católica, pratica aquilo que entende como caridade, por meio do ofício da benzeção por ela aceito. São frequentes, inclusive, os momentos que se remetem ao simbolismo católico.

A benzedora Dona Gertrudes (Figura 17), com a qual estabeleci e mantive contato no dia 14 de agosto de 2020 às 16:30, reside no bairro do Milagre, conhecida popularmente como Mariazinha rezadeira, embora tenha mantido um contato entusiasmado, não pode me receber a contento nesse primeiro momento de liberação pandêmico.

Figura 17 - Benzedeira Dona Gertrudes



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Atualmente, aos 62 anos de idade, Dona Gertrudes afirma estar muito satisfeita com sua vida e suas práticas de cura que defende como um bem à comunidade. É importante ressaltar que a benzedeira assevera prever o futuro. Outra característica importante é sua recorrente utilização às representações do simbolismo católico e à expressividade do catolicismo popular.

Para situarmos o espaço da benzeção no cotidiano castanhalense, devemos atentar para a noção de membro da benzeção, por meio de Dona Gertrudes, em que os processos mágicos religiosos não se constituem em uma linha divisória entre a benzeção e a medicina oficial, pois ambas exigem a presença de seres humanos, que por meio de suas ações antrópicas vem transformando os espaços da natureza, dentro de uma realidade que se encontra o mundo, de onde emergem forças sobrenaturais que, constantemente, os ameaçam.

Para Rivière (2013), a magia está no ar, nas plantas, no mar e na terra. São ameaças que querem eliminar a vida do homem na terra, e se esse não conseguir ter o controle e procurar sobreviver em meio ao crescimento urbano, esta seria uma forma originária de explicar histórias passadas da religião, pois a magia não se limita e vai além do espiritual, em que seus efeitos refletem na matéria, ou seja no corpo físico.

No início de sua reflexividade, Dona Gertrudes afirmou que demorou muitos anos para descobrir que tinha esse dom, pois, descreve que sempre sentia algo de diferente para o qual não havia explicação. Sobre esse aspecto, Almeida *et al.*, (2008) afirma que, no discurso dos sujeitos, o dom aparece como uma forma de saber que escapa aos aspectos formais ou informais do dom da cura, que surge como algo inexplicável, uma bênção”. Essa colocação teórica é recorrentemente pelas mulheres benzedeira desta pesquisa.

Diferentemente das outras mulheres benzedeadas entrevistadas, Dona Gertrudes iniciou suas atividades aos 37 anos, ao realizar uma reza sobre um pato que pertencia ao grupo de aves que mantinha no quintal e que estava doente. Após a recuperação da ave, ela entendeu ter o dom da cura, conforme descreve: “Hoje eu rezo, e rezo para ajudar as pessoas, foi difícil compreender o meu dom, demorei muitos anos para entender meu papel aqui nessa terra, mas hoje eu sei que Deus me enviou para ajudar todo esse povo aqui, tô a 25 anos já fazendo isso” (Dona Gertrudes, entrevista, 2020).

A fala da benzedeira faz relações diretas com a continuidade de seu atendimento e o tempo que benze as pessoas de vários bairros e cidades e, desta maneira, a aproximação a ela se mantém a um longo tempo. E, assim ela segue independentemente do bairro que morar.

Dona Gertrudes se remete ao dom da benzeção como caridade, pois a sua dedicação é alimentada pela religiosidade que contribui para manifestar a perseverança nos atos de benzeção que foram adquiridos e revelados a ela com o passar do tempo, diante das influências que as trazem familiaridade com costumes, modos e até animais domésticos.

A ampliação da análise dos saberes para o âmbito do cotidiano, das práticas sociais e, em particular, do não humano, como ensinadoras de saberes é fértil para a compreensão de culturas populares na Amazônia, que é marcada por uma diversidade de grupos humanos, linguísticas, poéticas, imaginário e filosofias” (SILVA; SILVA; ROCHA, 2020).

Quanto a Dona Maria (Figura 18), que se chama Maria Zuleide Sousa Baia, de 82 anos de idade e moradora do bairro São José, manteve o primeiro contato no dia 20 de agosto de 2020 às 17:00, também tomando todos os cuidados com a saúde, devido a pandemia da covid 19. Embora ela também tenha demonstrado extrema receptividade, só pode estar disponível para a entrevista dois dias depois, em virtude de estar muito atarefada com os atendimentos aos enfermos.

Para Castro, Villacorta e Ramos (2020), as pessoas que procuram os benzimentos em sua maioria são crianças e idosos, mas isso também não é uma regra, visto que todas as faixas etárias são atendidas. Eles são benzidos contra diversas manifestações de doenças e

problemas tais como quebranto, mau-olhado, prisão de ventre, erisipela vermelha, febre alta, espinhela caída, cobreiro, dores de barriga, de ouvido ou em outras partes do corpo. Algumas das pessoas atendidas neste estado de pandemia, procuram as mulheres benzedeiros mesmo estando fazendo uso da medicina tradicional.

Dona Maria é natural do município Parambú no estado do Ceará. O início de suas atividades de benzeção foram aos 14 anos, com a sua sogra, que era muito conhecida no Ceará. Chegou a Castanhal ainda moça, com sua família, e desde então, realiza suas benzeções e rezas na cidade. Para Dona Maria, essa atividade é vocacional, não tem como recusar, você nasce com o dom e precisa com o tempo desenvolver.

Desde menina eu sabia que tinha algo diferente, quando via minha sogra benzer era o único momento do dia que meu coração ficava calmo. Quando ela (sogra) começou a deixar eu participar dos ritos foi quando eu encontrei meu verdadeiro destino, minha vocação. Comecei então a aprender pra que cada erva servia, como ela curava, qual oração usar para as enfermidades. E esses ensinamentos que minha sogra me deu quando tinha 14 anos, eu uso até hoje (Dona Maria, entrevista, 2020).

Percebe-se, na relatabilidade de Dona Maria, que sua vocação vem acompanhada com a transição do dom, passada de geração em geração. Foi perguntado quais lembranças ela guarda dos tempos remotos de Castanhal e de seu ofício, que igualmente as outras benzedeiros, foi indagada sobre as alterações que poderia ter surgido.

Figura 18 - Benzedeira Dona Maria



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Quando Dona Maria considera as mudanças urbanas que a cidade passou, percebemos que a sua adaptação se deu passivamente, aceitável, e que apesar de tudo construiu popularidade, podendo ser claramente percebida, quando remete-se às suas lembranças. Sua dedicação acontece sem cobranças a ninguém por parte dela. A benzedeira não cobra pelo trabalho realizado, mas disse receber alguma oferta de vez em quando, e alimentos, em retribuição aos seus benzimentos.

Neste contexto, Dona Maria descreve,

Quando eu cheguei aqui, tudo era muito diferente, aqui no meu bairro mesmo não tinha esse tanto de casa bonita não. Tudo era mais simples e as vezes mais difíceis também. Eu nunca cobre pra benzer ninguém não, se hoje a saúde não é lá essas coisas, tu imaginas quando eu era moça (risos). Então muita gente me procurava e deixava uma oferta, quase sempre era dinheiro, mas deixavam também comida. Eu repartia tudo com a minha família, a gente não tinha muita condição (Dona Maria, entrevista, 2020).

A priori, deparamos-nos com a necessidade de interagir com a benzedeira, para ela lembrar de sua história. Diante de suas lembranças, ela abre-se para novas percepções e novos pontos de vista, agrega saberes, ressignifica experiências, encoraja-se.

A recordação explicitada por Dona Maria torna-se uma imagem construída no momento presente e figuradamente mais nítida que ela nos pareça, pois trata-se de um fato passado. Por mais que a benzedeira queira, não aconteceria como antes, pois ela não é mais a mesma, assim como sua percepção, suas ideias e seus julgamentos. “O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (BOSI, 1994, p. 55).

Foram percebidos nas histórias contadas pelas benzedeiros algumas reflexividades e relatabilidade comuns, ao contarem sobre o período em que mudaram para a cidade e julgando terem vivido em um período melhor. Notou-se uma tendência entre as mulheres benzedeiros uma noção de membros, no sentido de acessibilidade ao ambiente natural anterior a antropização urbana atual, haja vista que iniciaram seus ofícios em contato direto com esse ambiente, onde os recursos naturais para seus trabalhos de benzeção eram em grande quantidade e/ou não escassos.

É importante ressaltar que, para as cinco mulheres benzedeiros, trabalhar com elementos de cura é entendido como uma vocação, uma obrigação divina, um ofício sagrado que deve ser realizado com devoção e honestidade. Nenhuma dessas mulheres vinculou sua atividade de cura como uma profissão terrestre. Por isso, muitas vezes elas interrompem suas

tarefas diárias para atender quem as procura, deixando até, em muitos casos, seus familiares e suas relações pessoais/sociais em segundo plano.

É notável contribuição antropocena de todas essas mulheres para a sociedade castanhalense. Cheias de singularidades, preservam com suas práticas, mesmo diante das diversidades. Garantir a permanência dessas benzedeadas para as futuras gerações é imprescindível, visto que, elas são detentoras da memória da cultura popular urbana que não deve ser esquecida pela ação antrópica predatória.

#### 4.2 Saber-fazer da Mulher Benzedeadas em Castanhal

Nesta segunda categoria de análise, o saber-fazer das benzedeadas se completa na relação que existe entre as mulheres benzedeadas e a natureza e que vai além da interação em seus rituais. A sua relatibilidade, que estão aqui descritas, fazem parte de como elas têm se relacionado com seus ofícios de benzeção e seus elementos de cura.

Santos (2005) compreende que, embora a busca pelas benzedeadas ainda exista, as mesmas sofrem daquilo que seria um repasse de um estigma referente ao sujeito que pratica a benzeção e o curandeirismo. Neste sentido, a prática das benzedeadas sobrevive mesmo diante de mudanças urbanas intensas, e sua adaptação confere na dinâmica do saber-fazer de cada uma.

Este fato chama atenção, pois Dona Dedê cita o distanciamento da mata e como isso dificultava seus trabalhos, ainda mais que, apresentava-se em idade avançada e o ofício de benzer como todas mencionaram também é um dom, o que acaba deixando o serviço solitário e depende quase que exclusivamente delas.

Dona Dedê termina a conversa informal comentando:

Sabe, meu senhor, **já ouvi dizer por muitos aí que dá pra aprender ser benzedeadas, não sei se eu acredito nisso não. Por isso que aqui só eu rezo.** Já te disse que nasci com esse dom né? – pois é, eu herdei da minha mãe, queria deixar de herança também. Quando você descobre o dom dentro de ti fica mais fácil entender o resto. Quando eu me for, quem vai cuidar do povo que vai ficar? – minhas filhas e netas não sabe nem a metade das coisas que eu sei, onde pegar as coisas, se não tem uma planta, as vezes pode usar outra, tá difícil encontrar. Tomara que eu possa rezar lá de cima! (Dona Dedê, conversa informal, 2019, grifo nosso).

A fala de Dona Dedê, apresenta a incerteza diante dos seus aprendizados de benzedeadas, haja vista que conforme Morin (2020), tais conhecimentos multiplicam-se de tal modo que ultrapassam a capacidade de nos apropriarmos deles; lançam um desafio para a

complexidade: como confrontar, selecionar, organizar os conhecimentos de forma adequada, ao mesmo tempo ligando as incertezas.

De acordo com Lévi-Strauss (2008) e Lima (2001), a eficácia da prática de benzeção relaciona-se aos diversos elementos que estão intrinsecamente ligados através da crença no benzimento e na pessoa que o executa, pois esta possui um dom divino e como consequência, é reconhecida pela comunidade em que vive, criando uma espécie de laço afetivo, e com isso a benzedeira passa a ter um número expressivo de pessoas que buscam pelos seus benzimentos em busca de cura física e espiritual.

Diante disso cabe destacar a experiência do saber fazer de Dona Sabá que demonstra uma preocupação em enfatizar que ela não possui um local específico para a realização de seus benzimentos, a benzedeira benze em qualquer lugar, pois para ela o importante é benzer, mas a benzedeira frisa que não invoca caboclos em seus rituais de benzeção como ela mesma explica:

Não tenho nenhum canto para reza, rezo normal em qualquer lugar, sem “trabalho” que outras religiões fazem, não trabalho com caboco, tenho até medo, eu acho que quem trabalha com cabocagem. O senhor pode rezar na hora um creio em deus pai, que eles não vêm. Porque eles têm medo da reza do bem, eu acho que quem mexe com a cabocagem não é do bem. Uma vez fui com meu marido e meus filhos em um terreiro, chamei pela minha vizinha Rosa, o caboco disse que não tinha Rosa, e disse que eu não poderei sair do terreiro falou isso duas vezes eu disse que ninguém pode mais do que Deus, e nós fomos embora. (Dona Sabá, entrevista, 2019)

A caboclagem que dona Sabá se refere em sua fala está diretamente ligada a celebrações de entidades que já foram carne e hoje são espíritos como os caboclos (espíritos de índios), caboclinhas, pretos e pretas velhas, baianas, exus e pombagiras, mestres e mestras, ciganos e ciganas. Essas entidades são invocadas para trabalhar, ou seja, para atuarem na prática de cura, estes espíritos estabelecem contato com os seres humanos por meio de transe (CONCONE, 2004).

De acordo com Concone (2004), cada entidade dessas são intérpretes que desempenham importante papel em um ritual sagrado, eles vêm montados em seus cavalos para consultar, dar passes, descarregar energias e levam para si o que está incomodando, são aconselhadores, deixam recomendações para quem precisa. São entidades que em vida foram “despossuídas”, “servas”, conforme escreveu Victoriano (2005), e é de onde retiram sua legitimidade na área curativa.

O ato de benzer é a mediação das benzedieras para a busca pelo reestabelecimento da saúde através de sua fé, embora não somente exista em nossa realidade, o ato da benzeção

apresenta uma singularidade que se organiza através de um conjunto de elementos, que culminou na construção e registro das várias plantas medicinais (Quadro 2), utilizadas no saber-fazer de todas as benzedeadas entrevistadas. Tais plantas apresentam seus nomes científicos e utilidades, pois cada uma faz parte de um grupo que são prescritas aos benzidos para o uso e, conseqüentemente, a recuperação da saúde.

Quadro 2 - Plantas medicinais utilizadas pelas benzedeadas

<b>Plantas</b>	<b>Utilidades</b>	<b>Plantas</b>	<b>Utilidades</b>
Pião roxo	feridas abertas, hemorragias, banhos de descarrego.	Folha de louro	problemas digestivos, infecções, estresse.
Andiroba	anti-inflamatórias, cicatrizante, repelente.	Hortelã	náuseas e vômitos, intestino, ajuda a expelir muco e a diminuir a tosse.
Copaíba	problemas pulmonares, antibiótico, cicatrizante.	Capim santo ou Capim-limão	insônia e ansiedade, febre, cólicas estomacais e intestinais em bebês.
Arruda	pioelhos e pulgas, dores menstruais.	Vassourinha	Coceira, alergia; cólicas, hemorroidas tosse seca, asma e catarro.
Trevo roxo	Inflamação nos ouvidos	Pataqueira	banho de descarrego, limpeza do corpo.
Alfavaquinha	gripes e resfriados, gases estomacais.	Catinga-de-mulata	Vermes e reumatismo.
Pariri	dores intestinais, hemorroidas, anemia, diarreia, corrimento vaginal, feridas.	Jucá	cicatrizante, hemorragias, tosse, diabetes, asma, diarreia, câncer, inflamação na gengiva.
Capeba	dores e infecções.	Vinagreira roxa	Pressão alta, anti-inflamatório, purgativo e emagrecimento.
Sucupira	artrose, reumatismo, fadiga, dor nas costas, úlceras, gastrite e cólica.	Folha da pimenta malagueta	anti-inflamatório.
Barbatimão	banho de assento.	Fedegoso	problemas gastrointestinais e menstruais, laxante e anti-inflamatório.
Cebolinha branca	gripes e resfriados.	Alecrim	problemas de pele, inflamações e dores, saúde dos cabelos.
Pau d'arco	Infecções na garganta e urina e bronquites.	Anil	purgativas, limpeza espiritual.
Elixir-paregórico	gases, dores estomacais e abdominais.	Manjeriçã	resfriados e gripes, antibiótico.

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

A descrição e atenção dada a cada planta apresentada, consiste em trazer a utilidade de tratamento e fazer um apanhado das receitas terapêuticas com o uso de cada planta citada e comentada pelas benzedeadas, além de analisar o que foi observado a respeito do modo

como cada uma delas trabalha, como receitam os usos das plantas, bem como entendem cada enfermidade.

A benzedeira acaba conquistando uma legitimidade da comunidade, por ela não só conhecer as rezas e fórmulas mágicas, mas, como saber fazer uso delas, geralmente na maioria das vezes ela também recomenda o uso de plantas e ervas medicinais. Algumas benzedeiros, possuem os conhecimentos das propriedades dessas plantas através de saberes populares, que são repassados de forma oral de geração a geração. É muito comum realizar diversos trabalhos com o uso das plantas medicinais encontradas na região em que moram ou até mesmo cultivadas em seus quintais (SILVA, 2009).

É possível compreender que no município ocorra aquilo que Santos (2018) encara como uma mudança sociocultural da compreensão da cura pela benzeção. A tendência, de acordo com o autor, é que haja uma maior atribuição à medicina científica como principal ou única forma de saber capaz de efetividade frente às enfermidades que motivam a busca pelo cuidado de um profissional.

Além disso, todas as benzedeiros usam as plantas medicinais como protocolo que completa seus procedimentos para alcançar a cura, seja no início ou no final do ritual, indicam para fazer o uso de chás, banhos, sumos, garrafadas, entre outros, haja vista que essa maneira é específica de cada uma mulher benzedeira. E, a indicação de cada planta que se mantém como um acervo com várias opções, provém um benefício ímpar para estabelecer a conexão do benzido com a natureza e um comprometimento com a mulher benzedeira para concretizar a cura física e espiritual do benzido.

A análise do saber-fazer das benzedeiros à luz da antropização urbana está relacionado tanto com a saúde pública quanto com a saúde coletiva, pois abrange os elementos materiais e que nem sempre estarão à sua disposição para complementar seus atos de benzimentos.

Não só isso, mas as benzedeiros se mantêm no contexto de saúde coletiva como agentes de um saber-fazer, que dialoga em diferentes momentos históricos da cidade de Castanhal, capaz de estabelecer conexões entre a forma de cuidar do corpo e da espiritualidade, em um constante exercício do ofício aceito por elas.

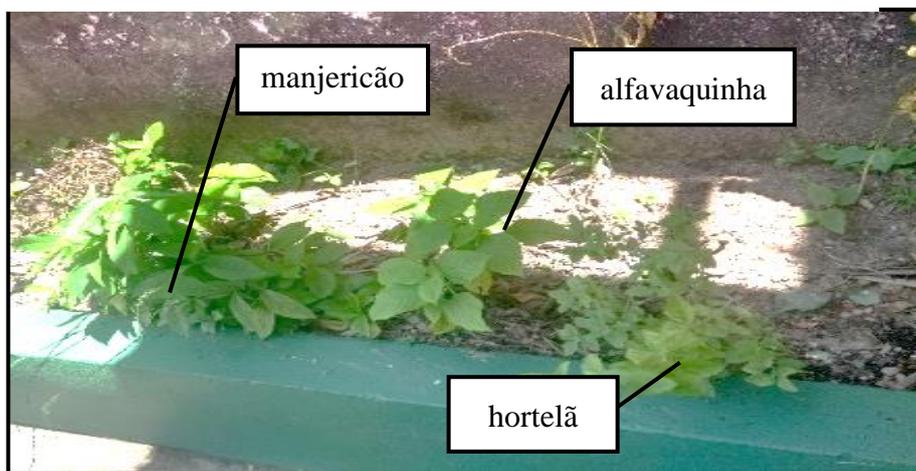
Nesse sentido, as benzedeiros incorporam a ideia de serem os agentes especialmente escolhidos por Deus para manipular a força mágica, a magia, a mística que nem os médicos nem os padres podem fazer.

Desta forma, as mulheres benzedoras cultivam em seus quintais e/ou varandas plantas medicinais dando aspecto de um ambiente natural mesmo diante da fragmentação mediada pela antropização urbana dos ambientes, conforme o cultivo de Dona Rosilda (Figura 19).

A benzedora Dona Rosilda utiliza a maior parte delas. E sobre seu árduo trabalho enfatiza: “Quando uma pessoa vem até mim muito carregada, preciso de toda ajuda possível, recorro as minhas ervas, meus cantos e aos meus protetores, o trabalho é difícil, fico muito cansada, e quando término, por vezes tenho que caminhar até encontrar a mata e me carregar de boas energias de novo” (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

Vale ressaltar que o sentido do uso de cada planta tem relação com as práticas de cura completa e que se apresentam como símbolos importantes para as benzedoras que, por sua vez, estão intrinsecamente ligados à sua crença. Essa maneira de completar o ritual da benzeção por meio da indicação e do uso de cada planta é associada e tida como uma habilidade relevante para se alcançar o objetivo da cura.

Figura 19 - Cultivo de plantas medicinais da benzedora Dona Rosilda



Fonte: campo de pesquisa (2020).

O saber-fazer de Dona Rosilda tem relação com a violência urbana que é uma consequência da urbanização, quando o associa ao seu horário de coletar as plantas para usar em seus trabalhos,

Benzer é um dom, você já nasce sabendo que tem que ajudar. Como é algo divino, claro que tudo que na terra ajuda, por exemplo, quando eu tenho que pegar determinada erva na mata, **tem que ser ou seis (6) horas da manhã ou as dezoito (18) da tarde, não pode ser com sol, aí tu imagina ir pra lá nessa hora, é perigoso com esse tanto de gente com espírito do**

**mau.** Quando tudo era mato aqui, eu ia por dentro da mata, pedia permissão e entrava, aí ninguém me via (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

A fala de dona Rosilda, refere-se a sua conexão com seus mentores espirituais para a busca de seus elementos de benzeção (plantas medicinais), já que o horário descrito por ela na fala (6h ou 18h) refere-se ao horário autorizado por seus mentores para a busca de plantas na mata, porém ela associa a preocupação com a presença de pessoas estranhas nesses locais e horários, podendo estar exposta a violência urbana.

Desse modo, Dona Rosilda destaca grande parte de seus elementos de cura (as plantas) como algo principal em sua prática de benzeção. Esta benzedeira, ao ser questionada sobre a relação da saúde com as plantas e ervas utilizadas nos seus respectivos tratamentos e sobre uma enfermidade específica, descreve:

Corporal, para tirar coisas ruins das pessoas e também tem as enfermidades, para fazer o chá naquela hora da benzeção, como a **capeba**, e **uma folha grande** serve também para desinflamar quando eu benzo para curar a vermelha<sup>12</sup>, veias entupidas e a banha do sapo, e utilizada para curar a anemia, **sucupira**, **barbatimão**, **ouriço da castanha**, **chá de pariri**, faz o chá e coloca no ouriço da castanha e a forma da espiritualidade que vem do grandioso Oxalá mandou seus anjinhos para ajudar quem precisa. Isso vem dos mentores espirituais dizem para que eu prepare, banha de galinha preta, banha de urubu, de tucunaré, a **andiroba** e uma planta sagrada que nós paraenses usamos muito, para desinflamar o fígado a **semente da sucupira e o pau-d'arco** para diarreia eu uso a folha de **cebolinha branca**, **a folha do elixir paregórico**. É preciso ajudar quem me procura, tenho uma missão que me foi dada pelo grande Oxalá (Dona Rosilda, Entrevista, 2019).

Percebe-se assim, uma diversidade de utilidades nos elementos de cura e tratamentos das doenças, haja vista que Dona Rosilda, Dona Sabá, Dona Gertrudes e Dona Maria mantêm em suas residências um espaço dedicado às plantas medicinais, e é lá que elas cultivam e retiram parte de suas produções. Desse modo, é de se esperar que as benzedadeiras cultivem ervas em seus quintais, com o intuito de manterem vivos os hábitos mesmo morando em locais centrais e de grande antropização urbana.

A relação aqui percebida entre as mulheres benzedadeiras e a natureza encontrada em seus trabalhos de cura articula-se a característica de equilíbrio e dependência que estas têm com as plantas, pois ao mesmo tempo em que fazem uso delas, torna-se extremamente importante que a manutenção de suas existências seja garantida.

---

<sup>12</sup> A erisipela ou vermelha é uma infecção da camada superficial da pele que provoca feridas vermelhas, inflamadas e dolorosas, e se desenvolve principalmente nas pernas, rosto ou braços, apesar de poder surgir em qualquer parte do corpo. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/erisipela/#>.

Esses elementos de cura identificados e utilizados pelas mulheres benzedeiros como as plantas medicinais são usadas há muito tempo e são conhecidas por terem um papel importante na cura e tratamento de algumas doenças. Na cidade de Castanhal, essas plantas simbolizam formas de tratamento de determinadas patologias.

Sobre as garrafadas e ervas, Dona Rosilda fala:

Eu deixo tudo organizado, pronto, pra que quando o paciente chegue com suas dores eu possa logo benzer e pegar logo a mistura. Dependendo do caso, pode ser um chá pra tomar, se for algo mais espiritual as ervas para tomar banho durante uma semana, e assim vai. Até porque não é fácil conseguir as ervas, por isso deixo tudo aqui nesse lugarzinho, quando vejo que está acabando, vou pra mata com meu preto velho. (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

Sobre os protocolos de Dona Rosilda, ela procura primeiramente identificar e classificar o que está prejudicando a saúde das pessoas que a procuram, com o objetivo de resolver da forma mais rápida possível. E as plantas juntamente com todos os outros elementos derivados delas são separados para uso quando necessário. A reposição de seus elementos depende da acessibilidade a mata, o que preocupa a benzedeira caso não consiga as plantas que precisa.

Concordando com a fala de Assunção e Cunha (2017), não se deve perder de vista que, em um movimento de complementariedade, aponta-se que a interferência dos processos de urbanização, embora afetem as atividades das benzedeiros, não extinguiram seu ofício.

#### **4.2.1 Antropização Urbana e os Elementos de Cura da Benzeção**

Nesta subcategoria, enfatizamos a forma como as benzedeiros visualizam a antropização urbana em Castanhal e relaciona suas práticas de cura são com o manuseio de remédios caseiros, sem esquecer de que o espaço urbano é transformador e transformado.

Ao pensar os elementos de cura como fundamentais, a primeira análise foi reconhecer que a prática da benzeção é uma ação de cura, o que realmente o é. Porém, o que chamou a atenção foi a classificação dos elementos materiais e imateriais das mulheres benzedeiros, pois desta forma é possível perceber o que cada mulher usa em seus benzimentos.

Nesse sentido, a benzedeira Dona Dede, com os seus 94 anos de idade, presenciou as alterações provocadas pela antropização urbana ocorridas em Castanhal, nos últimos anos, e o quanto essas ações humanas têm influenciado sobre os elementos de cura utilizados em suas benzeções.

Ao fazer uso das ideias de Santos (2002), ao abordar a investigação sobre a sociologia das ausências, que é ativamente produzido como não existente está disponível aqui e agora,

ainda que silenciado, marginalizado ou desqualificado, na sociologia das emergências a ausência é de uma possibilidade seguinte ainda por identificar, e uma capacidade ainda não plenamente formada para a levar a cabo.

Em relação ao acesso as plantas medicinais, Dona Dedê comenta: “Eu tinha muitas plantas aqui no meu quintal, depois que meu marido morreu, não tem mais. Eu pego na mata quando preciso” (Dona Dedê, conversa informal, 2019).

As mudanças na vida da benzedeira se mostram como reflexo da antropização urbana, já que sua rotina coincidia com a das pessoas que conviveram com ela, no caso de Dona Dedê, seu esposo que a ajudava na busca pelas plantas medicinais. E, por ser uma benzedeira católica e muito religiosa e querer solucionar os problemas das pessoas que as buscavam no dia a dia, a sua benzeção não se limitaria mesmo diante das dificuldades, já que através das mudanças urbanas, ela tratou de se adaptar evidenciando sua condição mesmo diante do avanço da idade que a fez seguir até seus últimos dias de benzedeira.

Em sua fala, a benzedeira enfatiza a dificuldade em continuar realizando o seu ofício, já que está bastante idosa para buscar suas plantas medicinais, pois só consegue os seus principais elementos de cura, no caso as plantas, quando aparece alguém para levá-la à mata, diz ainda que a ela (a mata) está cada vez mais longe do centro da cidade. Com isso compreende-se que a urbanização provocada pela ação antrópica em Castanhal vem contribuindo para as ausências das plantas medicinais.

Destacamos que, erveiros ou raizeiros são os sujeitos que conhecem o preparo de remédios e garrafadas que apresentam em suas composições ervas e raízes. erveiros e raizeiros normalmente operam segundo uma Ciência própria aprendida com os ancestrais que compreende elementos como “plantas complementares, planta quente, planta fria, planta de homem, planta de mulher ou planta de criança (BRANQUINHO, 2007).

Dona Rosilda apresenta um destaque maior em relação ao uso de um grande número delas, podendo ser explicado por três motivos: primeiramente porque em sua residência há canteiros com as suas especialidades; ela também vai às feiras em busca de comprar as ervas, pois não renuncia a nenhum trabalho que exige o uso de alguma planta específica e; ela mesma produz seus elixis e garrafadas (Figura 20).

Figura 20 - Garrafadas e elixis de Dona Rosilda



Fonte: campo de pesquisa (2020).

O armazenamento das garrafadas era muito bem organizado após a higienização e todos os cuidados pertinentes, produzidas por D. Rosilda, que afirma que são remédios produzidos à base de ervas, com objetivo de tratamento de doenças corporais e espirituais dos seus benzidos. Essa prática, em geral, corresponde ao saber-fazer das benzedeiros, que produzem esses remédios a partir de plantas das matas, como folhas, frutos, sementes, raízes e cascas que são usados na preparação de várias poções diversificadas.

As benzedeiros sabem especificadamente a utilidade de cada planta e erva medicinal registradas no quadro 3, haja vista que a confiança depositada nelas pelos benzidos é de extrema importância, já que são apresentadas também como uma categoria de raizeiros. Os erveiros e raizeiros costumam conhecer muito bem as plantas e saber diferenciar as venenosas das que curam, conhecendo segredos e mistérios das ervas (CAMARGO, 2014).

Em relação aos elementos de cura imateriais que todas as benzedeiros fazem uso são: rezas, orações, fé, espiritualidade, imposição de mãos, os gestos e a oralidade ou *folkcomunicação* (com exceção do sinal da cruz que somente as benzedeiros católicas realizam), e os elementos materiais: plantas medicinais, água, velas, sal, toalha branca, terço,

imagens de santos, estes últimos se destacam nos rituais de Dona Rosilda, Dona Gertrudes e Dona Maria.

Contudo, na ausência de um ramo específico, elas utilizam um ramo de qualquer planta no ritual de cura, enfatizam que o importante é benzer, pois se for encontrado algum mal na pessoa benzida, este será direcionado para planta que murchará ao final da reza, se não estiverem usando nenhum ramo, elas acreditam que esse mal se voltará contra elas.

O quadro 3 mostra as benzedeadas e seus elementos materiais e imateriais de cura.

Quadro 3 - Elementos materiais e imateriais de cura

MULHER BENZEDEIRA	ELEMENTOS DE CURA	
	MATERIAIS	IMATERIAIS
Dona Dedê ( <i>in memoriam</i> )	pião roxo e óleo de andiroba e copaíba, fio barbante de algodão	sinal da cruz, rezas, orações, fé, espiritualidade, imposição de mãos, os gestos e a oralidade
Dona Rosilda	erva de arruda, erva trevo roxo, afavaquinha, pião roxo, pariri, capeba, garrafadas, banhos, semente da sucupira, barbatimão, ouriço da castanha-do-pará, pau-d'arco, folha de cebolinha branca, a folha do elixir paregórico, manjerição, alecrim, a folha do anil, a folha do louro, hortelãzinho toalha branca e bacia com água, imagens de santos, atabaque, cânticos umbandistas bacia com água, toalha branca, velas e imagens de santos.	rezas, orações, fé, mentores espirituais, os gestos e a oralidade
Dona Sabá	vassourinha, arruda, capim santo, pataqueira, catanga de mulata, jucá raminhos de vassourinha, folha do pião roxo, vinagreira roxa, folha da pimenta malagueta, cama-beca	sinal da cruz, rezas, orações, fé, espiritualidade, os gestos e a oralidade
Dona Gertrudes	alecrim d'angola, folha de pião roxo, arruda, catanga de mulata, rosa branca, água benta, folha de manjerição e álcool, banhos, terço mariano	sinal da cruz, rezas, orações, fé, espiritualidade, os gestos e a oralidade
Dona Maria	fedegoso (erva do pajé), óleo de andiroba, camomila, bacia com água, sal e toalha branca.	sinal da cruz, rezas, orações, fé, espiritualidade, os gestos e a oralidade

Fonte: o autor (2020).

Nos elementos materiais com destaque para as plantas medicinais, percebemos que as benzedeadas utilizam uma erva específica nos seus benzimentos, a saber: Dona Dedê (pião roxo), Dona Rosilda (erva de arruda), Dona Sabá (vassourinha), Dona Gertrudes (alecrim d'angola) e Dona Maria (fedegoso ou erva do pajé) são as mesmas ervas desde o início de suas vidas como benzedeadas.

Como se vê, os elementos materiais e imateriais das benzedeadas, apresentam diferenças e semelhanças em seu uso. Algumas optam por usar ou não em seus rituais em que todos os elementos materiais usados são necessários para a eficácia dos ritos, que compõem seus significados.

Assim, a água, elemento presente na maior parte dos ritos de benzeção, apresenta um significado ligado à purificação, lavagem e renovação espiritual, à cura e que dissolve o mal enraizado. E conforme destaca Chevalier (1999), a água é um elemento sagrado para as tradições religiosas, presente nos batizados e no contexto das tradições de religiosidade popular, sua presença é imprescindível, já que a sua simbologia está ligada à cura.

A vela é um elemento presente nos rituais de benzeções, e algumas benzedeadas, antes de iniciar acendem velas brancas em seu altar que simbolizam a paz e a presença do anjo da guarda protetor. “Acesa significa a vida, a fé, a presença do homem cristão” (CASCUDO, 1993, p. 903). O sal é um elemento muito utilizado nas benzeções, pois tem a função de eliminar mau-olhados, serve também para a limpeza após o ato de benzeção. “O sal tem o poder de purificar os lugares e objetos que, por inadvertência, estiverem maculados” (CHEVALIER, 1999, p. 797).

A toalha branca, assim como a água apresenta um significado semelhante a purificação e limpeza espiritual e o terço está ligado à conexão que se estabelece entre elas e o divino, além de enfatizar a jaculatória relacionada às orações e rezas, na maioria das vezes, são oferecidas por meio de intercessões a distância.

Dona Gertrudes enfatiza o uso do terço como um ritual associado ao sinal da cruz, uma planta e suas orações de cunho religioso católico. Essa mulher benzedeadas, destaca:

Eu tenho minha casa, minha família, minhas coisas. Todo dia eu atendo alguém, todo dia alguém vem procurando meus remédios e meus banhos, ainda tem gente que acredita no que faço, no meu dom. Pego **meu ramo, meu terço** e realizo meu chamado. Mesmo seja difícil hoje achar meus instrumentos de cura, enquanto Deus me permitir o dom da vida eu vou estar aqui, se for preciso andar e andar atrás das minhas ervas eu vou, porque tenho uma obrigação a cumprir (Dona Gertrudes, entrevista, 2020).

Em sua relatabilidade enfatiza o seu ofício de cura através de uma necessidade que na maioria das vezes ela expõe através da oração tudo o que têm a oferecer aos benzidos e não se afastaria do seu dom, mesmo nas dificuldades, a benzedeadas ainda pretende ajudar muitas pessoas em momentos difíceis. A devoção às imagens de santos é comum no

catolicismo. E de modo particular, algumas benzedeadas apresentam seus santos particulares de devoção. Logo, as imagens são intercessoras no ato da benzeção.

A devoção aos santos conforme relata Damatta (1986) são parte de uma relação pessoal de simpatia, na qual devotos clamam a eles pedindo proteção, criando assim uma íntima relação de confiança. E essa relação é semelhante à relação que os adeptos de religiões de matrizes africanas estabelecem com seus guias certos orixás ou espíritos do além, que são protetores.

Entende-se que assim como a utilização das plantas e ervas medicinais, representados como elementos materiais não apresentam para as mulheres benzedeadas um poder sozinho, já que são componentes dos rituais de benzeção, pois seu uso é essencial para a realização do trabalho das benzedeadas, e que se compõem juntamente com elementos imateriais fazendo sentido à sua prática de ofício.

Assim, a relatabilidade de Dona Rosilda está em concordância com Nascimento (2010) ao enfatizar que os ramos usados nos rituais de cura são: o pião roxo, a vassourinha, ou qualquer outra planta que for cultivada no seu quintal. De fato, ramos são símbolos que destroem o mal e absorvem a energia negativa impregnada no doente. As rezadeiras, ao fazerem movimentos rápidos e compassivos em forma de cruz, envolvem todo o corpo do doente, num processo de limpeza e depuração.

Dona Rosilda ainda afirma que,

Meu trabalho está ligado a tudo, aos meus orixás, aos meus ritos, meu anjo protetor, **minhas plantas, a natureza**. Essas forças me ajudam a ajudar quem me procura. Se eu não puder estar ligada a elas, não posso colocar em prática meu dom. se eu precisar sair daqui e morar mais afastado eu vou, o importante é eu exercer minha vocação aqui nessa terra. É triste um espírito que se perde no meio caminho, esse ofício requer responsabilidade, só a vocação não basta (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

Assim, por estarem inseridas em contextos urbanos e residindo em zonas Compacta de Ocupação Prioritária e Zona Predominantemente Residencial, Dona Rosilda se dedica a manter seus rituais acima de tudo e cultivo de suas ervas e plantas é algo essencial e que, mesmo mudando de local, a sua benzeção será a mesma, realizadas em sua casa e próximo ao altar.

A noção de membro de Dona Rosilda estabelece seu modo de agir e de pertencimento ao mundo que a cerca. Sobre isso, Nogueira, Versonito e Tristão (2012), confirmam que é na prática da benzeção com rezas, orações fixas, objetos, indicação de remédios e ainda uma palavra de conforto por parte de quem benze, ajuda nos resultados de cura. E mesmo diante

do número de benzedeadas vir diminuindo, elas não se mostram desinteressadas e ausentes em suas comunidades, pois ainda mantém a preocupação em dar continuidade na prática da benzeção.

Quando questionada sobre as mudanças ocorridas no cenário da cidade e como elas influenciaram seu trabalho, Dona Dedê nos informou:

Eu sou até conhecida aqui na minha região, a maioria das pessoas que me procuram veem a anos, muitas me procuram para rezar, outras querem os remédios caseiros que eu faço só com erva “da boa”, erva nova. É bom para quase tudo! – mas sei também que como eu, elas estão ficando velhas, não tenho muita procura de gente nova, acho que eles preferem ir lá pro centro dizer que se consultou com doutor tal (Dona Dedê, Conversa informal/2019).

Pelas informações de Dona Dedê, as benzedeadas são vistas como agentes de cura de sua comunidade e ganham a confiança de pessoas mais velhas que lhes procuram e isso as motiva a continuar, porém as pessoas mais novas, segundo ela, não apresentam interesse e deixam de procurá-las e optam por consultas a médicos em clínicas especializadas.

E ainda complementa que:

Quanto mais o tempo passa, mas vejo as dificuldades de realizar meu ofício, já tenho 93 anos, tô velha pra ficar indo atrás das minhas plantas, hoje mais rezo mesmo, quando aparece alguém com tempo pra me levar na mata pra pegar as ervas eu trago e faço os remédios. Faço o que depende de mim, ajudo as pessoas com a minha oração, a mata cada vez mais fica mais longe, pra essa velha aqui e esse bando de casa aí não ajuda não (Dona Dedê, entrevista, 2020).

Dona Dede, embora tenha apresentado as suas indiciadades, destacou uma maneira peculiar de lidar com a antropização urbana, pois aguardava a companhia de alguém para levá-la a mata em busca de suas ervas, passando a se moldar com as noções de membro em busca de sua realização como benzedead. Essas mudanças indicaram a dedicação que teve e o conforto diante de sua idade.

Já em relação a benzedead Dona Rosilda, a mesma relatou que residiu muito tempo no centro da cidade, porém com o crescimento urbano do município, teve que se mudar para a periferia, para ficar mais perto das matas para poder facilitar o acesso as plantas e ervas medicinais que ela utiliza no processo de benzeção e cura dos seus pacientes. Mesmo identificando a atual carência de recursos, ela relata que ainda há mata nativa nos arredores de sua residência que permitem a produção dos chás, poções, garrafadas e demais preparos.

Sobre esta perspectiva, essa mulher benzedead se aprofunda por meio dos relatos de sua própria experiência e narra como a antropização urbana do município de Castanhal impossibilitou seu acesso as forças naturais tão necessárias para a execução do seu trabalho

de cura. E ainda rememora que: “Onde hoje é esse canal, antes era um igarapé, o povo foi construindo as casas de todo jeito e acabaram com ele. Eu usei muito o igarapé para curar as pessoas. Nas margens dele tinha muita erva boa, hoje a vizinhança joga lixo em tudo” (Dona Rosilda, entrevista, 2020).

Assim, a benzedeira através da prática ou realização pôde perceber as mudanças causadas pela antropização e o crescimento urbano que tem ocorrido na cidade, optou por residir em um bairro mais afastado. No entanto, atualmente, o bairro que reside já se encontra bastante populoso, cheios de casas, conjuntos habitacionais e prédios, que alteram o cenário e impedem Dona Rosilda de se conectar a seus guias espirituais e encontrar os seus elementos de cura.

Concordando com Pereira (2008), sobre a filosofia das cidades, pois existem apenas cidades, numa diversidade, porque cada uma é única e diversa de si mesma a cada momento e ao longo do tempo, porque está em constante mudança, como um organismo complexo e é sempre diversa para cada um dos que a habitam ou a vistam.

Ainda assim, é diante dessa diversidade, é possível ter que admitir que as cidades compartilham de certas características, por mais difícil que seja dizer quais delas adquirem universalidade histórico-geográfica (PEREIRA, 2008).

Isso nos leva a refletir sobre as palavras de Santos (2002, p. 256)

a sociologia das emergências é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas. Enquanto a sociologia das ausências implica o presente, juntando ao real existente o que dele foi subtraído pela razão metonímica, a sociologia das emergências amplia o presente, juntando ao real amplo as possibilidades e expectativas futuras que ele comporta.

Desse modo, percebe-se que os espaços mencionados por Dona Rosilda estão cada vez mais se organizando urbanamente e se modernizando, acabando com as paisagens naturais e dando espaços para as obras habitacionais e estruturais da cidade. Com isto, conscientemente ou não vão dificultado o trabalho de quem depende da natureza ou espaços de mata.

Em relação à Dona Gertrudes sobre as mudanças antrópicas ocorridas no município de Castanhal, em torno de sua urbanização, e se ela acredita que tais mudanças alteraram seu modo de benzer. Ela relata:

Claro que mudou! – tudo tá mudando. Nos meus sonhos eu vejo o futuro, vejo como vai ser. Castanhal ainda vai crescer mais, vocês que são mais jovens vão

comprovar o que eu tô dizendo, vai ficar registrado aí né? Alguns artifícios que eu usava antes nas minhas bençãos e rezas eu quase não uso mais, é difícil achar os ramos certo hoje, aqui no Milagre mesmo não sobrou nenhuma mata, tenho que ir lá pra BR, pra procurar. Então peço Deus as forças e os caminhos pra ajudar todos que procuram. A gente tem que se adaptar ne meu filho? – o importante é eu continuar fazendo bem pra minha gente (Dona Gertrudes, entrevista, 2020).

Essa mulher benzedeira, não é muito diferente das outras, mas pode-se dizer que há um entendimento sobre a antropização e o crescimento urbano de que a cidade de Castanhal sofreu ao longo dos anos. Sua reflexividade está de forma explícita, já que ainda afirma que as mudanças ocorreram e apresenta uma postura reflexiva ao relatar que imagina como ainda ocorrerá as mudanças no ambiente natural, que para ela, seria o local mais adequado para encontrar suas ervas medicinais. E, mesmo havendo uma grande dificuldade de encontrá-las para uso em seu trabalho de benzeção ela segue se adaptando.

Conforme Santos (2002, p. 251), “neste domínio, a sociologia das ausências visa libertar as práticas sociais do seu estatuto de resíduo, restituindo-lhes a sua temporalidade própria e, assim, a possibilidade de desenvolvimento autônomo”.

Igualmente as outras benzedeiras, sobre as alterações surgidas no crescimento urbano de Castanhal Dona Maria relata:

Quando eu cheguei aqui, tudo era muito diferente, aqui no meu bairro mesmo não tinha esse tanto de casa bonita não. Tudo era mais simples e as vezes mais difíceis também. Eu nunca cobreí pra benzer ninguém não, se hoje a saúde não é lá essas coisas, tu imaginas quando eu era moça (risos). Então muita gente me procurava e deixava uma oferta, quase sempre era dinheiro, mas deixavam também comida. Eu repartia tudo com a minha família, a gente não tinha muita condição (Dona Maria, entrevista, 2020).

A relatabilidade de Dona Maria remete a uma reflexividade, pois é referente às transformações urbanas ocorridas no território castanhalense nos últimos tempos, ela enfatiza que antes tudo era mais simples, porém mais difícil, pois afirma que na sua juventude a saúde pública era precária e sua família não tinha condições financeiras. Dessa forma, entendemos que essa visão do passado em comparação com a atualidade é resultado da indicialidade do entrecruzamento da antropização urbana entre o passado e o presente do município de Castanhal.

Segundo Pereira (2008), mesmo num tempo de multiterritorialidades, em que muitos têm a possibilidade de morar em várias cidades alternadamente ou não, pela mudança definitiva de residência, pelo turismo, dupla residência ou devido ao trabalho, a principal

cidade de referência para cada um de nós é a "nossa cidade", ou seja, a cidade onde nascemos e/ou moramos.

A condição para esta existência aponta para o concreto, é a materialidade que acaba por ser a única garantia, onde é principalmente ao nível do lugar que o humano cria identificação com os objetos. Esta territorialidade é fundamental para formação de uma consciência da mulher benzedeira. As rugosidades do espaço incorporam esta questão, dependendo da valorização em terem sua existência respeitada pelas intervenções futuras. (SANTOS, 2012).

Especificamente sobre as ações antrópicas, a benzedeira relata:

A cidade mudou, hoje vou lá na feira e vejo essas lojas vendendo remédios caseiros, tem gente que acha que é o mesmo que eu faço, e não é! – minhas ervas e plantas eu pego com muita dificuldade na rua, na beira dos igapós, vou pra vila do Apeú. Aqui perto de casa não tem mais, tudo está cimentado, com calçada, algumas eu ainda tenho aqui nos meus vasilhos, antes eu encontrava muita planta nas beiras das casas mesmo aqui na rua, nos vizinhos, hoje em dia não encontro mais, se continuar assim é capaz até do nosso trabalho acabar (Dona Maria, entrevista, 2020).

Dona Maria segue afirmando sobre a dificuldade em encontrar suas plantas e ervas em virtude de estar “tudo cimentado”, percebe-se que ela se refere a indiciabilidade e de forma indireta a um dos impactos da antropização urbana. Sendo assim, faz-se uma analogia as ideias de Fernandes e Meirinhos (2008) quando se referem filosoficamente ao conceito de cidade que nos é proposto para pensar a semelhança de uma das cidades muito famosas que muitos conhecem e na qual julga-se que podemos aventurar-nos com segurança por ser familiar, mas contrastar com a experiência de a percorrer, aprende-se que afinal nos era desconhecida. Qualquer cidade, se habitada, é irreduzível e inapreensível, porque é uma poli-estrutura dinâmica, um dispositivo com múltiplas funções sempre em recomposição (FERNANDES; MEIRINHOS, 2008).

Neste caso, Dona Maria, lamenta com reflexividade o desaparecimento de ervas e plantas, o que pode acabar com o seu trabalho, mas ela parece não se dar conta de que tais práticas ou realizações por meio das ações antrópicas são necessárias para o progresso e o desenvolvimento da cidade, haja vista que o crescimento urbano é irreversível. E, conforme Santos (2002, p. 269), “trata-se de ausências profundas, de vazios sem possibilidades de preenchimento, vazios que dão forma à identidade imperscrutável dos saberes e práticas em questão. No caso de ausências de longa duração, é provável que nem a sociologia das ausências as possa tornar presentes”.

Questionada sobre o dom e para quem ela vai deixar o seu ofício, Dona Maria fala:

Hoje já com 82 anos de idade já tenho essa preocupação e fico pensando que quando eu me for quem vai ficar no meu lugar e assumir meu dom, até porque hoje em dia os jovens não querem saber desse negócio de benzer, parece que eles tem vergonha, ou não acreditam mais na benzeção não rezam mais, mas também os pais não levam eles mais para igreja, eles gostam de andar em outros lugares como as festas que são mais animadas, quando não tiver mais quem benza, o jeito vai ser comprar remédio nas farmácias, fazer o quê né? (Dona Maria, entrevista, 2020).

É perceptível, na relatibilidade de dona Maria, sua preocupação em passar o dom de suas práticas e realizações na benzeção para alguém, porém, há um certo desinteresse por parte da maioria dos jovens que não estão mais acreditando na indicialidade das atividades das benzedadeiras, pelo fato de não rezarem mais, pela falta de incentivo por parte de seus pais e que se ninguém assumir o dom, por meio de uma reflexividade, a tendência é que elas deixem de existir.

De acordo com Oliveira (1985), não suficiente apenas o reconhecimento da própria benzedeira em relação a um dom existente na sua vida, mas é importante e necessário que a própria comunidade em que ela faz parte, atuando com seus vizinhos, amigos, família e as demais pessoas que fazem parte do seu cotidiano, tenham reflexividade para dividir com ela esse momento.

A prática e realização de Dona Maria, chama a atenção, pois a benzedeira tem 82 anos já se encontra bastante idosa e gostaria que alguém continuasse sua missão, porém teme que o ofício de benzedeira chegue ao fim e com ele os remédios e a cura por meio da benzeção. É compreensível a relatibilidade de Dona Maria, pois em sua reflexividade ela percebe que o crescimento urbano acompanhado da antropização urbana em Castanhal, vem colocando em prova a indicialidade das atividades das benzedadeiras, fazendo com que estas percam a noção de membros pertencentes a sociedade.

É importante ressaltar que a mobilização de crenças e representações que promovem articulações nos sujeitos que buscam a saúde, procuram pela cura realizada tanto no material quanto no espiritual. As benzedadeiras realizam a circulação de dons e dádivas, envolvendo e reacendendo de forma recíproca a energia que motiva viver em sociedade (MAUSS, 2003).

As benzedadeiras se comportam como agentes que compõem as estruturas da religiosidade popular, pelo fato de serem pessoas legitimadas por possuírem um dom sobrenatural, elas acabam criando e recriando habilidades, métodos e técnicas para manipular a medicina popular que irão propiciar aos seus benzidos a capacidade de equilíbrio absoluto entre o corpo e o espírito (NASCIMENTO, 2014).

Geralmente quando ocorre a descoberta do dom de benzer, é um episódio que marca a vida das benzedeadas. A iniciação dessa pessoa nesse universo de magia, religião e fé acontece na maioria das vezes com repasses dos saberes, por meio da forma oral, por algum parente próximo como mãe, avó, sogra, tia, entre outros, o que é o caso de Dona Maria que herdou o dom de sua sogra.

Conforme a iniciação começa através da formação de uma “aliança” com as forças sobrenaturais, a partir do momento em que a pessoa percebe o dom, este amplia-se de duas formas diferentes: a herança vocacional, onde os saberes são repassados pelos familiares e a experiência sobrenatural que ocorre através de sonhos com anjos e/ou guias espirituais, no qual é dado à pessoa para que ela possa dar início ao seu ofício (MAUSS, 2003).

Em relação aos elementos imateriais das benzedeadas destacamos, o que remete às suas orações e gestos com as mãos, representados por Dona Rosilda (Figura 21) e Dona Sabá (Figura 22).

Vale ressaltar que, no ritual de benzeção da Dona Rosilda (Figura 21), são realizados com ajuda de pessoas adeptas a Umbanda e qualquer pessoa pode participar das sessões de benzimento, ou seja, é aberta ao público. Os umbandistas que participam dividem tarefas entre si, que vai desde a recepção dos participantes/pacientes (que tem os pés purificados com incenso) até o tocador de atabaques.

As benzeções ocorrem na casa das benzedeadas e durante o ritual as profissionais pronunciam muitas orações (algumas vezes em murmúrios), que são acompanhadas de ações gestuais das mãos, carregam terços e galhos de ervas específicas para cada caso a ser tratado.

Figura 111-Imposição das mãos Dona Rosilda



Figura 22 - Imposição de mãos Dona Sabá



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Os rituais de benzeção, utilizados pelas benzedeadas fazem parte de seu aprendizado já constituído pelo dom. A identidade das mulheres benzedeadas, e aqui deixo claro que há diferença entre as católicas e a umbandista, são fundamentadas em seus elementos tanto materiais quanto imateriais, pois há um conhecimento próprio da execução dos ritos e rezas, orações e *folkcomunicação*.

#### a. Ritual de Benzimento Católico

Durante as visitas que fiz à benzedeadas católica Dona Sabá, pude presenciar um dos seus rituais de benzimento. Percebi que ela trata as enfermidades das pessoas que a procuram, sejam físicas, mentais e/ou espirituais. Ela utiliza geralmente um ramo da planta vassourinha presente em seu quintal e pede que a pessoa vire de costas. Então, Dona Sabá levanta o ramo de vassourinha em direção ao céu, conversa em voz baixa com o sobrenatural em forma de reza, fazendo movimentos com as mãos em forma de cruz.

Segundo Oliveira (1992), a linguagem popular encontrada nas rezas e orações promove a sustentação da especificidade e da autonomia das benzedeadas relacionadas com sua comunidade e a outros agentes de cura, neste caso a planta medicinal (vassourinha), sustentando uma espécie de monopolização nessa forma ritualística, as benzedeadas são as grandes contribuintes para a revitalização e promoção dessa cultura popular.

A benzedeira continua o benzimento, ao tocar e tirar o ramo diversas vezes das costas do paciente e sussurra em voz baixa fazendo orações. Depois pede que o indivíduo vire de frente para que ela repita os gestos. Beltrão (1980), enfatiza que as benzedadeiras possuem um sistema de *folkcomunicação* próprio, ao acreditar que elas vivem em um mundo marcado por ambientes específicos, com orações, objetos, e gestos sagrados, que segundo o autor, formam um sistema próprio para se comunicarem com o sobrenatural.

No final, ela passa um tipo de óleo (elementos materiais de cura) afim de limpar o corpo do benzido. Percebi ainda que o ramo da vassourinha ficara murcho. Dona Sabá só finaliza por completo o benzimento durante a noite, horas antes de dormir, pois em suas orações ela reza pedindo a saúde do corpo e do espírito para todos aqueles que ela benzeu durante o dia.

Todos os elementos envolvidos no ritual possuem riquezas na simbologia, constituem partes espetaculares: o local aonde acontece o benzimento, os objetos utilizados, as rezas, orações e as expressões realizadas através do corpo. O benzimento não acontece apenas com o poder das rezas, oração e os objetos sagrados, mas também por meio de gestos, de semblante e principalmente com o olhar. A união desses elementos dá a garantia na crença e na eficácia do ritual feito por elas (GOMES; PEREIRA, 1989).

## **b. Ritual de Benzimento Umbandista**

Em uma das visitas à benzedeira umbandista Dona Rosilda, também presenciei um dos rituais de benzimento. Primeiramente, ao entrar em um salão específico, tive que deixar os sapatos na porta de entrada, local onde estava um recepcionista que utilizou uma espécie de incenso passando a fumaça nas palmas dos meus pés, representando uma forma de purificação.

De acordo com Monteiro (1985), na umbanda existe uma espécie de complementação do trabalho do médico pelo fato da religião de origem africana trabalhar a purificação do corpo por meio das interferências espirituais, pois o médico realiza o seu papel de maneira eficiente a partir do momento em que ele recebe um corpo "limpo", ou seja, livre de complicações provenientes de outra natureza.

Assim, ao adentrar o espaço, notei um ambiente de muita harmonia, pois perto da porta do lado de dentro tinha um homem tocando atabaques (tambores de culto africanos) e várias pessoas umbandistas em pé fazendo um círculo no salão, cantando e batendo palmas, todas vestidas de branco.

Através da música, os povos de santos invocam, celebram e festejam suas divindades, buscam louvar as forças advindas da natureza, fazem rezas por seus entes queridos, praticam iniciação de seus sacerdotes, trabalham com as ervas consideradas sagradas por eles, ajudam na realização da curar dos doentes do corpo, da alma e do espírito. Os atabaques são instrumentos sagrados nas casas de cultos africanos (LIMA, 2007).

Compreende-se por que razão os instrumentos apresentam algo de divino, que impede que sejam vendidos ou emprestados sem cerimônias especiais de dessacralização ou de consagração, interessando-nos saber que somente por meio de músicas fazem baixar os deuses nas carnes dos fiéis (BASTIDE, 2001).

O salão era composto de um altar com imagens de santos da igreja católica, imagens de orixás do candomblé, caboclos da umbanda e de Pajés da Pajelança. As pessoas que iam participar do ritual, chegavam e sentavam em bancos compridos de madeiras. No meio do salão, havia uma bacia com água, uma toalha branca e um ramo da planta pião roxo e, ao lado desses elementos, estava Dona Rosilda sentada em um pequeno banco de madeira benzendo as pessoas. Cardoso (2007) explica que o altar dentro do terreiro umbandista, representa o congá<sup>13</sup> todo decorado com flores, velas e imagens de santos e orixás.

O benzimento ocorria por ordem de chegada, cada pessoa ficava de joelhos em cima da toalha branca, e então a benzedeira molhava o ramo de pião roxo na água da bacia e esguichava sobre o benzido. Assim, foi percebido que os mentores ou guias espirituais de Dona Rosilda (João da Mata do candomblé, Cabocla Mariana da umbanda e o Índio Ubiraci da pajelança cabocla), “incorporavam” nela, pois ela falava com voz diferente, enquanto os mentores espirituais, através da benzedeira descobriam enfermidades, curavam e passavam remédios.

O esforço dos umbandistas, a fim de homogeneizar fundamentos, práticas e preceitos que giram entorno da religião, é sempre envolvida por possíveis “confrontos de informações”, que o médium adquire por meio de sua relação com seus guias espirituais e orixás (BOYER, 1996; GOLDMAN, 2011).

Dona Rosilda vestia roupas específicas para cada mentor espiritual. E uma assistente umbandista anotava todas as orientações para o tratamento do benzido como: o nome da enfermidade e dos remédios a serem consumidos. Todos nós, só deixamos o local quando o ritual de benzeção terminou, com muitos cânticos voltados para o sincretismo religioso.

---

<sup>13</sup> Congá é de origem banto e é utilizada no ritual de umbanda para denominar o altar sagrado, este é composto de imagens de santos católicos, caboclos, preto-velhos e outros.

O sincretismo religioso denominado como mistura, acaba constituindo uma etapa do processo resultando a união de duas ou mais religiões de diferentes seguimentos, no caso de Dona Rosilda, a umbanda, o candomblé, a pajelança cabocla e o catolicismo (BERKENBROCK, 1998).

Os dois rituais de benzeção aqui descritos remetem à construção da identidade de cada benzeadeira, que neste caso foram abordados somente os rituais católico e umbandista. O conceito de identidade é concebido aqui por Dubar (1997), como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (o sujeito é analisado pelo outro nos ambientes de ação nos quais estão inseridos) e biográficos (que tratam da história de vida e habilidades).

### **4.3 Adaptação da Mulher Benzeadeira frente a Antropização Urbana**

Esta categoria aborda a forma de adaptação das benzeadeiras mediante a antropização urbana, já que todas relataram que seus elementos de cura foram de alguma forma, afetados pelas mudanças e crescimento urbanos que aconteceram em Castanhal.

Concordamos com Tavares *et al.*, (2016), que compreende a prática e o conhecimento de benzeadeiras perderam seu espaço em meio ao movimento de urbanização e avanços da industrialização, avanços tecnológicos e da medicina científica. Este movimento atinge também o contexto rural, no qual as propostas terapêuticas tradicionais tinham maior adaptação e divulgação.

Nesse contexto, para os autores é sentido os resultados das interferências da urbanização através do deslocamento migratório que finda por dificultar a transmissão dos saberes dessa medicina tradicional, além disso, mesmo no ambiente urbano, como em Castanhal, as práticas alternativas de cura foram se adaptando e sendo incorporadas no meio social.

Assim, Dona Sabá relata,

Fico vendo a cidade crescer, mas o tempo passa e mais ela cresce. Parece que gente como eu, que nasceu com algum tipo de dom divino não tem mais tanto espaço lá (cidade) como antes. Eu fico aqui na minha casa, esperando, estou sempre pronta a atender quem me procura, nunca me neguei a ajudar ninguém, e enquanto tiver vida, não negarei. Pois tenho uma missão de vida cumprir! (Dona Sabá, entrevista, 2020).

Percebe-se na fala dessa mulher benzeadeira que no período em que a cidade era menos desenvolvida e não existiam tantos hospitais com médicos disponíveis, elas eram a única opção de cura para muitas enfermidades.

As pessoas acreditavam no trabalho das benzedeadas e procuravam-nas com bastante frequência, com o decorrer dos anos e o grande desenvolvimento promovido pela antropização urbana da cidade, surgiram inúmeros hospitais, postos de saúde, farmácias, prejudicando a crença na medicina popular que por sua vez vai ficando cada vez menor.

A estrutura urbana de Castanhal é relativamente simplificada, com apenas uma área central bem definida, apresentando algumas farmácias e hospitais e com a concentração de comércio e serviços, para onde os fluxos convergem, apesar da existência de pequenos centros, como os dos distritos de Apeú e Jaderlândia (RIBEIRO, LISBOA; FONSECA, 2015).

De acordo com Souza (2019), Castanhal é do tempo, que para se obter um remédio necessário à cura de uma moléstia mais grave era preciso recorrer à Belém, pois a primeira farmácia, a Sampaio, só viria surgir em Castanhal, nos de 1913, no entanto, com limitações na oferta de medicamentos.

Compreendemos a partir da citação como os medicamentos científicos eram escassos na cidade, e conseqüentemente, a população procurava as benzedeadas para curar suas enfermidades. Com o crescimento da cidade, o cenário foi se alterando pouco a pouco, e as benzedeadas em sua maioria foram se retirando do centro e se acomodando em zonas periféricas.

Tem gente da minha família mesmo que nunca veio se consultar comigo, não acreditam no meu dom. não acho errado não, só se cura quem acredita. Hoje todo mundo só vai nas farmácias comprar remédio e mais remédios, as vezes um banho de erva e uma oração resolvia o problema, mas eles preferem algo que os livros possam provar, sabe meu filho (Dona Sabá, entrevista, 2020).

Percebemos, então, que Dona Sabá, faz referências as pessoas que optam em não mais procurá-la e deixa claro que a existência da urbanização através do grande número de farmácias e que seja esse o motivo. Mas, ainda que não sejam procuradas, sabe que seu ofício continua sendo válido e que suas palavras proferidas na benzeção implica primeiramente na presença da crença para se obter a cura.

Em relação a Dona Maria, ela recorda desses tempos com certo saudosismo, diz que gosta das coisas mais simples, de viver de forma simples, e hoje em Castanhal com tantas mudanças, prédios, bairros novos, muita coisa nova que ela fica assustada. A benzedeadas ainda agradece a Deus por ser muito procurada, mas enfatizou que nem sempre consegue ajudar totalmente todos por falta de encontrar suas ervas medicinais.

Apesar de todas essas mudanças, eu e minhas colegas continuamos aqui, benzendo. Mesmo com toda limitação, mas é assim mesmo né? – hoje mesmo eu estava com uma azia danada fiz um chá benzido de camomila e melhorei na hora. Essas ervas mais comuns assim, a gente ainda encontra, planta na horta né? – mas se fosse pra peito aberto que eu gosto de fazer benzer as 18h00min com 3 ramos de fedegoso, esses eu não encontro mais, muito difícil. Aí quando me procuram com peito aberto eu só tiro a medida e oro. Fedegoso puro mesmo, aqui já destruíram tudo com essas queimas e derrubadas pra fazer invasão (Dona Maria, entrevista, 2020).

Convém destacar que Dona Maria, assim como Dona Gertrudes, notam-se algumas perspectivas diante das transformações ocorridas pelas ações do homem no meio ambiente na cidade de Castanhal por conta da urbanização. No entanto, há de se ressaltar que tais mudanças alteraram as suas formas de trabalho, e que se reinventar e se adaptar à nova realidade urbana mesmo diante da escassez de seus elementos de cura (plantas e ervas medicinais), é a melhor forma de não se distanciar de sua missão de benzedeira, já que é algo essencial ao ofício delas e os elementos de cura são um complemento.

#### **4.3.1 Dificuldades nas Práticas de Elementos de Cura**

Em relação às dificuldades nas práticas de cura, o assunto que deixa Dona Sabá angustiada é o crescimento da cidade de Castanhal, as buscas pelas plantas medicinais ficaram mais difíceis e por isso resolveu se mudar para o extremo da cidade e morar às margens das matas. Essas condições permitem cultivar as plantas no seu quintal que é muito extenso, assim como facilita o acesso a elas nas matas próximas.

Dona Sabá destaca que:

Quando preciso entro na mata, vou lá e procuro por minhas plantas, já peguei várias mordidas de cobra, também cultivo no quintal arruda, capim santo, pataqueira, catanga de mulata, jucá para fazer minhas rezas e fazer remédios. Quando não tenho alguma erva vou na feira comprar, mas é difícil ter. E, também não é a mesma coisa, a planta que eu pego direto da mata já é diferente, não vem carregada só de nutrientes, vem com toda energia de cura, ela é natural (Dona Sabá, entrevista, 2020).

Assim, fica claro as dificuldades encontradas em seu ofício, que vão desde aos perigos que ela já se submeteu ao acesso às plantas medicinais, já que o seu ritual se inicia desde o momento que se dispõe a busca pelas ervas que serão receitadas, então ela deposita toda confiança em seus elementos de cura quando estes são retirados diretamente da mata, pois diz possuir uma energia de cura.

Nas palavras de Santos (2002, p. 271),

esta consideração é importante, sobretudo nas zonas de contato entre saberes e práticas em que as relações de poder, por serem extremamente desiguais, conduziram à produção maciça de ausências. É que, nestas situações, uma vez tomados presentes um dado saber ou uma dada prática antes ausente, há o perigo de se pensar que a história desse saber ou dessa prática começam com a sua presença nas zonas de contato (SANTOS, 2002, p. 271).

O processo de urbanização afeta a vida de Dona Sabá de forma direta e, mesmo que consiga, na maioria das vezes, obter os recursos pretendidos, esta tem suas possibilidades limitadas em muitos sentidos, uma vez que, as interferências do homem ao meio ambiente, dificultam a benzedeira encontrar os artifícios necessários para realizar seus procedimentos de cura.

Percebe-se clareza na fala da benzedeira que no período em que a cidade era menos desenvolvida e não existiam tantos hospitais com médicos disponíveis, elas eram a única opção de cura para muitas enfermidades. As pessoas acreditavam no trabalho das benzedeiros e procuravam-nas com bastante frequência. Com o decorrer dos anos e o grande desenvolvimento promovido pela antropização urbana da cidade, surgiram inúmeros hospitais, postos de saúde, farmácias, prejudicando a crença na medicina popular que por sua vez foi ficando cada vez menor.

Compreendemos como os medicamentos científicos eram escassos na cidade, e conseqüentemente a população procurava as benzedeiros para curar suas enfermidades. Com o crescimento da cidade, o cenário foi se alterando pouco a pouco e as benzedeiros em sua maioria foram se retirando do centro e se acomodando em zonas periféricas.

Inicialmente pode-se apontar que os agrupamentos humanos têm, como resultado imediato de seus assentamentos, um impacto no solo. A agricultura e outras atividades de subsistência desses grupos estabelecem uma relação com o meio ambiente afetando, sobretudo o solo e modificação da cobertura vegetal nativa das localidades (LADEIRA, 2012).

Esses apontamentos, embora pareçam passar lateralmente pelo debate aqui proposto, ocupam a centralidade da questão quando busca-se compreender os métodos e funções das atividades das benzedeiros.

## 5 CONSIDERAÇÕES ANTROPIZADAS

E será que chegamos ao final? Acreditamos que os resultados e discussões desta pesquisa, apontam para um caminho cheio de inquietudes e desbravamentos em torno do tema, entendendo que esse é apenas um dos olhares possíveis, com o foco e a iluminação que temos hoje. E, esse anseio em urbanizar a construção da pesquisa e movimentar-se como antropoceno nos ajudou a responder alguns objetivos propostos e preencher algumas lacunas do objeto de pesquisa, mas reconhecemos que não demos conta de todas elas.

O caminhar como sujeito criativo investigativo me tornou um admirador das ações humanas neste trabalho. A empatia pelo objeto de pesquisa vem já da infância, em que, por muitas vezes, buscamos e conseguimos apoio dessas mulheres de cura, com um simples sorriso no rosto, um galho de planta nas mãos, nos transmitindo segurança e nos doando seu tempo, compartilhando seus ensinamentos e vivências antrópicas.

As mulheres benzedeadas pesquisadas fazem parte do que sou hoje, e, buscar responder nossa questão de pesquisa algumas respostas me fizeram compreender um pouco da minha própria história. Percebi que a mulher benzedeadora de hoje, no município de Castanhal, representa a readaptação e uma intensa necessidade de deixar o dom como herança, apesar das dificuldades e mudanças apresentadas pela antropização. Desde o início, a intenção de investigação era entender um pouco mais desse mundo repleto de elementos de cura, assim, um outro olhar eu adquiri e conheci, muito mais diversos, humano e múltiplo do que eu mesmo poderia imaginar.

Ao investigar a antropização urbana frente aos elementos de cura da mulher benzedeadora, pude refletir além do papel que exercem em suas comunidades, suas angústias e anseios diante da antropização da cidade de Castanhal, haja vista que percebemos a dinâmica de organização da cidade apontando para as estruturas urbanas, originadas de uma antropização provocada pela industrialização, produzindo diferentes modos de adaptações e de vida das mulheres benzedeadas.

Os cenários que podem ser apontados como resultados dessa pesquisa consistem em diferentes situações: 1) as benzedeadas tendem a ser menos procuradas em circunstâncias de enfermidade; 2) elas independentemente da procura tendem a encontrar menos recursos naturais necessários às suas atividades, pois foram afetadas diretamente pelo crescimento urbano e ações antrópicas na cidade.

Desta forma, as análises da pesquisa revelaram que com o tempo essas mulheres estão ocupando os bairros periféricos próximos as áreas de matas e deixando o centro da cidade, isto em consequência da falta de recursos naturais como as plantas medicinais que elas utilizam em seus ofícios de cura. Pode-se inferir que apesar das antropizações urbanas ocorridas no município, as benzedeadas continuam realizando seu ofício de cura, mesmo diante às dificuldades de difusão desta cultura popular.

De modo geral, todas as benzedeadas de Castanhal correspondem, no contexto urbanizado antropicamente, em mulheres reconhecidas socialmente como especialistas nos seus ofícios, foram se adaptando desde sua juventude até os dias atuais como personagens principais nos papéis sociais. Além disso, quando se destaca a simplicidade das condições de vida das benzedeadas que assevera a presença de múltiplas crenças nutrindo seu saber-fazer que se mantém ativo e é procurado por muitas pessoas mesmo diante de suas dificuldades para com seus elementos de cura naturais que sofrem antropizações no mundo moderno.

A antropização urbana, mais precisamente com o desmatamento prejudicam a busca por recursos naturais como plantas e ervas medicinais utilizados nos trabalhos de cura pelas benzedeadas; a comercialização de produtos fitoterápicos, que prejudica o andamento das atividades das benzedeadas; o aumento do uso de medicamentos pela população castanhalense junto com o crescimento urbano. Portanto, respondendo nossa questão de pesquisa: Como as mulheres benzedeadas são afetadas em suas práticas com elementos de cura pela antropização urbana na cidade de Castanhal?

Podemos compreender também, que ações de adaptação da mulher benzedeadas e manifestações de insatisfação, do segmento da benzedeadas, por meio das queixas registradas. O pensamento dessas mulheres de cura relacionados ao seu universo, em geral, defendem um posicionamento tímido, pouco visibilizado e discutido na sociedade castanhalense. Mesmo diante de uma resistência até inconsciente das mulheres benzedeadas da cidade de Castanhal, seus elementos de cura ainda possuem muita aceitação, mas em geral este discurso é favorável a permanência dessas mulheres velhas na esfera doméstica atreladas a suas crenças e religiões.

Observando o relato de cada benzedeadas, percebe-se que são os tipos de benzimentos praticados por elas que definem seus perfis e características individuais, além do aspecto de manter-se como benzedeadas, fato observado pela necessidade de estar em contato com as suas plantas (elementos de cura), longe ou perto da cidade.

A ação de procura por parte das pessoas que apelam às curas mágico-religiosas demonstra uma postura das benzedeadas ligada não só às doutrinas religiosas como também à herança herdada de seus antecessores e isso está intimamente ligado ao seu saber-fazer enquanto benzedeadas, haja vista que exercem com dedicação e precisão todas os ensinamentos que lhes foram atribuídos, mesmo que a antropização urbana as tente afastar do seu ofício.

Para muitos males, a incumbência de seus tratamentos ainda é a motivação para que seus rituais de benzimentos sejam cumpridos à risca, pois aparentam que há uma providência mesmo que sobrenatural para que a missão que lhes fora atribuída seja cumprida por elas. Nesse sentido, o que as une ao sagrado, é o elo de representação de seus santos e seus orixás, que fazem com que suas práticas persistam por causa do dom que apresenta eficácia, e porque as pessoas têm fé. Caso contrário, se o dom não houvesse significado e envolvimento com a fé do benzido, estes já teriam desaparecidos.

Trata-se de ver seus saberes tradicionais com olhar para o urbano, cuja presença de benzeção se configura como ato de resistências dessas mulheres, provenientes comumente de um passado rural que tensionam e flexibilizam os imaginários geográficos urbanos. Através de suas narrativas percebe-se que a ação da antropização urbana (em sentido lato) sobre seus ofícios de cura acabam por superar as dificuldades com adaptação a novos elementos em suas práticas resignificando antigos hábitos.

Assim a valorização e reconhecimento do trabalho das mulheres benzedeadas de Castanhal é uma ação necessária para potencializar e manter a benzeção e o benzimento de mulheres benzedeadas no município, além de constituir uma poderosa ferramenta de enfrentamento à crise da (des)humanização.

Cabe ressaltar que a pesquisa por aqui não se esgota, já que poderá servir como base para futuros estudos e que outras discussões possam germinar diante do que foi discutido. Aprendemos com as benzedeadas a importância da ligação de seus dons com a sua linguagem e isso é explícito através do sincretismo religioso, pois é por meio dele que se constitui a ligação entre as divindades e os seres humanos. A compreensão de todos os elementos aqui descritos é essencial para o conhecimento da prática da benzeção.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. O.; BORGES, M. S.; PINHO, D. L. M.; SHIMIZU, H. E. O modo de cuidar na benzeção: saber popular e racionalidade divina in: **REME: Revista Mineira de Enfermagem**, v. 12, n. 2, 2008.
- ALMEIDA S. A. **Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are”** (reencontro) dos “marcadores territoriais”. Tese. Curitiba -PR: Universidade Federal do Paraná, 2010.
- ALVES, C. S. D. **Formas Espaciais Recentes de Urbanização da Amazônia: a dinâmica socioespacial do município de Castanhal em face do processo de dispersão metropolitana de Belém**. Dissertação. Belém-PA:Universidade Federal do Pará, 2012.
- ANDREOLLA, C. L.; LIA, C. F. Catolicismo popular em Fazenda Souza: a prática das benzedeadas como patrimônio cultura in: **MÉTIS: história e cultura**, 2018.
- ANDRADE, M. C. **Rezadeiras e benzedeadas**. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2013. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br>> Acesso em: 30 set. 2020.
- AMADO, R. C.; RABELO, J. V. C.; BRAGA, P. M. F.; S. A. CHUBINHO. Identificação de surto de dermatite causada por besouro potó (*Paederus brasiliensis*) em Betim, Minas Gerais in: **Epidemiol. Serv. Saúde** v.19 n. 4. Brasília, 2010.
- ARAÚJO, S. S.; CUNHA, J. H. C. Umbanda e arte: análise iconográfica dos assentamentos dos terreiros de Umbanda em Caucaia e Fortaleza no Ceará. In PETIT, Sandra; Haydeé, Geranilde Costa e Silva (Orgs). **Africanidades Caucaenses: saberes conceitos e sentimentos**. Fortaleza Edições. , Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará, 2013.
- ASSUNÇÃO, L. C.; CUNHA, L. A. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeadas in: **Revista Brasileira De História Das Religiões**, v.9. n. 27, 2017.
- AZEVEDO, G. X. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais in: **Mandrágora**, v.21. n. 21, 2015.
- AZEVEDO, G. X. **As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina populares**. Tese. Goiânia-GO: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.
- BAHIA, M. L.; GARVÃO, R. F. Castanhal-Pa: um estudo avaliativo da “cidade modelo” no nordeste paraense in: **Cairu em Revista**. v.4, n. 06, 2014. Disponível em: <[www.ecodebate.com.br](http://www.ecodebate.com.br)> Acesso em: 11 fev.2021.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras., 2001.
- BARROS, O. S. **A cidade modelo: reforma urbana, conflitos sociais e o discurso de progresso em Castanhal (1960-1987)**. Dissertação. Belém-PA: Universidade Federal do Pará. 2014.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, J. H. R.; NEVES, S. S. **O Estudo das Benzedeadas em Parintins**: Uma Abordagem Folkcomunicação. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus-AM, 2013.

BERKENBROCK, V. **A Experiência dos Orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. Petrópolis: Vozes, 1998.

BEZERRA, M. L. L. **Sagradas mulheres**: mistérios, rezas e benção. Dissertação. Recife-PE: Universidade Federal de Pernambuco., 2005.

BOLTANSKI, L. **As Classes Sociais e o Corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembrança de Velhos. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BOYER, V. "Le don et l'initiation: de l'impact de la littérature sur les cultes de possession au Brésil" in: **L'Homme**. v. 138. 1996.

BRANDÃO, C. R. **Nós, os humanos, do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez Editora., 2015.

BRANQUINHO, F. **O Poder das Ervas na sabedoria popular e no saber científico**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

CAMARGO, D. R. **Contos, Bênçãos e Mezinhas**: Educação Ambiental Popular como Estratégia de Proteção dos Saberes Locais. Monografia. Rio de Janeiro-RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014

CARDOSO, V. Z. O espírito da performance in: **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, 2007.

CARDOSO, E. J.; SANTOS, M. J.; CARNIELLO, M. F. O processo de urbanização brasileiro. In: **Encontro Latino Americano de Iniciação Científica**, v.15. Anais. Univasp. São José dos Campos/SP, 2011.

CARVALHO, S. Z.; BONINI, L. M. M.; JIMENEZ-SCABBIA, R. A. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal por benzedeadas/benedores e rezadeiras/rezadores de Anhembi e Mogi Das Cruzes in: *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 16, n. 2. São Paulo, 2017.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1993.

CASTRO, E. Urbanização, pluralidade e singularidade das cidades amazônicas. In: **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

CASTRO, R. C. Q.; VILACORTA, G. M.; RAMOS, J. B. S. Benzedores do município de Tracuateua/pará: saberes e práticas de cura. In: ROCHA, C. J. T.; BATISTA, J. B. S. (Org.). **Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares**. Editora Appris. Curitiba/PR, 2020.

CAVAS, C. S. T.; MENDES, D. S. Benzedoras e benzedores quilombolas - construindo identidades culturais in: *Interações*. v.19, n.1, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1568>> Acesso em: 10 jan. 2021.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 13 ed. RJ: José Olympio 1999.

CONCONE, M. H. V. B. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: PRANDI, Reginaldo (Orgs.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CORRÊA, E. C. S.; SILVA, L. E.; MALHEIRO, J. M. S. Para o humano continuar a utopiar. In: ROCHA, C. J. T.; BATISTA, J. B. S. (Orgs.). **Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares**. Editora Appris. Curitiba/PR, 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 53).

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

COULON, A. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRUZ, S. H; CASTRO, E.; SÁ, M. E. Grandes Projetos Urbanos em metrópoles amazônicas: modernização e conflito in: **Novos Cadernos NAEA**. v. 14, n. 2, 2011.

CUNHA, C. G.; GONÇALVES, C. R. A magia da benzeção e suas vozes in: **Cadernos do CNLF**, v. 21, n. 3. Rio de Janeiro/RJ, 2017.

CUNHA, L. A.; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedoras in: **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 09, n. 27, 2017.

DA MATA E SILVA, W. W. M. **Mistérios e Práticas na Lei de umbanda**. São Paulo-SP: editora Ícone, 1999.

D'ALMEIDA, S. S. **Guardiãs das folhas: mobilização identária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício**. Tese. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 2018.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** São Paulo: Rocco. 1986.

DINIZ, E. E. C. S.; DINIZ, E. C. S. **A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e benzedoras no cuidar da saúde.** V Congresso Nacional de Educação. Paraíba, 2018.

DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade.** In: A socialização. Portugal: Porto Editora., 1997.

DREW, D. **Processos Interativos Homem Meio-Ambiente.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FÁVERO, E. **Desmembramento territorial: O processo de criação de municípios-Avaliação a partir de indicadores econômicos e sociais.** Tese. São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2004.

FERNANDES, D. S.; FERNANDES, J. G. S. **Personas e Habitus: estudo de perfis antrópicos na Amazônia oriental in: Espaço Ameríndio.** v. 12, n. 1. Porto Alegre, 2018.

FERNANDES, J.A.; MEIRINHOS, J.F. **Cidades ideais, ideais de cidade, cidades reais.** In: PEREIRA, P. C. **A Filosofia e a Cidade.** Porto: Campo das Letras; 2008.

FERNANDES, J. G. S.; RAMOS, B. S. R. **O que é estudos antrópicos?** In: ROCHA, C. J. T.; BATISTA, J. B. S. (Org.). **Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares.** Curitiba: Editora Appris, 2020.

FILHO, Florêncio Almeida Vaz (org.). **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia.** Santarém: UFOPA, 2016.

FLORESTA, S. R. **As benzedoras do oeste goiano: resgatando uma história.** Métis: história e cultura. Goiânia, 2016.

GALVÃO, E. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá.** Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo: Brasília, 1976.

GERBER, R. **Cura holística e mudança de modelo: o surgimento da medicina para a nova era.** In: **Medicina vibracional: uma medicina para o futuro.** São Paulo: Cultrix, 1997.

GOLDMAN, M. **Cavalo dos Deuses: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil.** São Paulo, 2011.

GOMES, M. F. **Políticas Públicas e Serviço Social.** Rio Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

GUEDES, A; C. B. **Mulheres Quilombolas e uso de plantas medicinais: práticas de cura em Santa Rita de Barreira/PA.** Dissertação. Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 2018.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (org.); **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

GUIMARÃES, J. L.; CARUJO, C. A. **História do Povo Castanhalense. História Antiga, História Moderna e os que fazem a História de Hoje.** Castanhal: Shamaballah, 1984.

GUIMARÃES, J. L.; FILHO, P. C. M. **Castanhal, um pouco da sua história.** 2 ed. Castanhal/PA: Editora Falangola, , 2016.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Velhas benzedeadoras.** Dossiê O final da vida no século XXI. Revista Mediações, v. 17, n. 2. Londrina, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Características da população e dos domicílios.** Rio de Janeiro: Resultados do universo, 2011.

INGOLD, T. **Antropologia, para que serve?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Brasil em desenvolvimento:** Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília, 2010.

SOARES, I. R. C.; BEZERRA, P. E. S.; FÉLIX, W. D. de Sousa. PEREIRA, Fábio Venilson de Sousa. JÚNIOR, J. P. R. **Análise Multitemporal do Uso e Cobertura do Solo e da Temperatura de Superfície do Município de Castanhal – PA.** XX Simpósio Internacional de Qualidade Ambiental. Porto Alegre/RS, de 2016.

JORGE, S. S. A. **Plantas medicinais coletânea de saberes.** 2009.

KOVALSKI, M. L. **Diálogo entre o saber popular e o conhecimento científico:** a etnobotânica das Plantas Medicinais na escola. Maringá/PR, 2011.

KUS, H. J.; GUIMARÃES, E. Transformação social da relação homem e natureza in: Fórum Ambiental da Alta Paulista, v. 7, n. 4, 2011.

LADEIRA, F. S. B. A ação antrópica sobre os solos nos diferentes biomas brasileiros – terras indígenas e solos urbanos in: **Entre-Lugar.** v 2, n.6. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados/MS, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico.** 24 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

LEMOS, A. C. P. N. Planejamento e gerenciamento da exploração dos recursos naturais. In: CHASSOT, A.; CAMPOS, H. (Orgs.) **Ciências da terra e meio ambiente:** diálogos para (inter)ações no planeta. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia *In: Antropologia Estrutural.* São Paulo,:Cosac Naify, 2008.

LIMA, L. F. **Oxum:** a mãe da água doce. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

LIMA, W. P. Reza e cura: uma etnografia de rezadores em Benjamin Constant Amazonas. *In: Encontro Anual da Anpocs - Saúde, emoção e moral.* **Anais.** Caxambu, 2001.

Disponível em: <[www.sigeventos.com.br/anpocs/inscricao/resumos/.../TBR0405-1.DOC](http://www.sigeventos.com.br/anpocs/inscricao/resumos/.../TBR0405-1.DOC)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LODY, R. G. M. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional., 2004.

LOPES, J. R. B. L. **O Processo de Urbanização**, 2008.

Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/df6bv/pdf/lopes-9788599662823-03.pdf>> Acesso em: 20 Ago. 2020.

LOPES, J. R. Campo religioso, imagens devocionais e ética religiosa popular. In: FOLLMAN, José Ivo; LOPES, José Rogério (Orgs.). **Diversidade religiosa, imagens e identidade**. Armazém Editorial. Porto Alegre, 2007.

LYNCH, M.; PEYROT, M. Introduction: a reader's guide to ethnomethodology in: **Qualitative Sociology**. v. 15, n. 2. 1992.

MACHADO, M. C. T. **Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais. Caminhos cruzados de um mesmo tempo. (1950/1985)**. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1998.

MACIEL, M. R. A.; NETO, G. G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar in: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. v. 1, n. 3. Belém, 2006.

MAGNANI, J. G. C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole** In: MAGNANI, Jose Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na Metrópole**. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EdUSP, 1996.

MAUÉS, R. H. “Medicinas populares e pajelança cabocla na Amazônia” in: ALVES, Paulo César; MINAYO, SOUZA, Maria Cecília (org.). **Saúde e doença um olhar antropológico**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1994.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A pajelança cabocla como ritual de cura xamanística. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisele Macambira **Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

MAUÉS, R. H.; G. M. VILLACORTA. Pajelança e encantaria Amazônia” In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MESQUITA, F. N., Silvestre, K. S., STEINKE, V. A. Urbanização e degradação ambiental: análise da ocupação irregular em áreas de proteção permanente na região administrativa de Vicente Pires, DF, utilizando imagens aéreas do ano de 2016 in: **Revista Brasileira de Geografia Física**. v. 10, n. 3, 2017.

MESQUITA, I. R. S. B.; SOUSA, A. T. Ações antrópicas no espaço urbano e a proteção constitucional no meio ambiente in: **Revista Âmbito Jurídico**. n. 159 Ano xx, 2017.

MILANI, C. Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil) in: CONFERÊNCIA REGIONAL ISTR-LAC, 4, Costa Rica. **Anais**. Costa Rica, 2003.

MIRANDA, R.; RODRIGUES, J. C. Relação Campo e Cidade em um Subcentro Regional do Nordeste Paraense: O Caso de Castanhal in: TRINDADE JR. Saint-Clair et al. (Orgs.). **Pequenas e médias cidades na Amazônia**. Belém-PA:UFPA., 2009.

MONTERO, P. **Da doença à desordem**: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOREIRA, R.; **Sociedade e Espaço Geográfico no Brasil**: Constituição e problemas de relação. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, E. **Um festival de incertezas**, 2020. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>> Acesso em: 15 jan. 2021.

NASCIMENTO, D. G. **Tradições discursivas orais**: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana. Dissertação. João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

NASCIMENTO, R. F. A. A benzeção juazeirense: o sentido da doença num revelar mágico-religioso de cura. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**. Natal/RN, 2014.

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil in: **Élisée** - Revista de Geografia da UEG, v. 1, n. 02, 2012.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira in: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** 4. ed. São Paulo: Pinski, 1994. p. 135-144.

OLIVEIRA, E. R. **O que é Benzeção**. Coleção do Folclore Brasileiro São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, E. R. **A profanação do sagrado e a sacralização do profano**. Araraquara-SP: Universidade Estadual de São Paulo., 1992.

OLIVEIRA, G. F. A.; MEIRA, E. S. **Bezendeiras de Guarulhos**: comunicadoras da fé. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Iniciacao-Cientifica-Bezedeiras-de-Guarulhos-1.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2020.

OLIVEIRA, M. C. X. *ET.AL. Cura e Reza, o Papel das Rezadeiras no Projeto Quatro Varas*. Investigação Qualitativa em Saúde, v. 2. 2018.

OLIVEIRA, M. A. **Mulheres de fé**: o repertório de saberes e fazeres de benzedeadas em matinhos. Dissertação. Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná. 2019.

OLIVEIRA, S. A.; MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana in: **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n.1. Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista. O ornitorrinco**. São Paulo: Editora Boitempo, , 2003.

OLIVEIRA, P. A. R. **A religião e a dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis-RJ: ed. Vozes, 1985.

PANTALENA, A. F.; MAIA, L. P. Marcas da ação antrópica na história ambiental do Rio Jaguaribe, Ceará, Brasil in: **RGCI**. v.14, n.3, 2014.

PEREIRA, P. C. (org.). **A filosofia e a cidade**. Campo das Letras. Portugal, 2008.

PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra**. 3. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2018.

PEREIRA, J. C. **Importância e significado das cidades médias na Amazônia: uma abordagem a partir de Santarém (PA)**. Dissertação. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, , 2004.

QUEIROZ, M. S.; PUNTEL. M. A. Representações sobre benzimento, automedicação e medicinas alternativas in: **A endemia hansênica: uma perspectiva multidisciplinar**. Rio de Janeiro-RJ: Efiocruz, 1997.

QUINTANA. A. M. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru. São Paulo/SP: EDUSC.,1999.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Criação de UC Municipal em Castanhal – PA in: **Relatório de Infraestrutura e saneamento básico**. Belém/PA, 2017.

RAMOS, J. P. **Produção e organização do espaço brasileiro: agrário e urbano**. Maringá-PR: Unicesumar., 2018.

RIBEIRO, W. O.; LISBOA, G. T. C.; FONSECA, V. M. Entre a Segregação e o Desenvolvimento: o Parque dos Buritis no Contexto do Programa Minha Casa, Minha Vida em Castanhal, Pará in: **Boletim Amazônico de Geografia**. v. 02, n. 03, Belém, 2015. Disponível em: < <http://ppgeoufpa.net/boletim/index.php/boletim/article/view/29>> Acesso em: 10set. 2020.

RIVIÈRE, C. Socioantropologia das religiões in: **Ideias & Letras**. São Paulo, 2013.

ROCHA, C. J. T. **Desenvolvimento Profissional Docente em Perspectiva do Ensino por Investigação em um Clube de Ciências da UFPA**. Tese. Belém-PA: Universidade Federal do Pará, 2019.

ROCHA, C. J. T. Formação do sujeito criativo investigativo in: **Revista Brasileira de Educação**, RBE, 2020.

RODRIGUES, C. M.; VIEIRA, M. O. Cidades amazônicas e urbanização: atuação dos agentes sociais sobre o município de Castanhal (PA) in: **Revista Univap**. v. 23, n. 43. São José dos Campos/ SP, 2017.

RUAS, R. M. S.; GUERRA, G. A. D.; FURTADO, D. C.; ASSIS, W. S. Pressões e oposições contra pequenos criadores familiares de gado bovino leiteiro da zona periurbana do Município de Castanhal (Pará, Brasil – Amazônia Oriental) in: **Mundo Agrário**, v.15, n.30, 2014.

RUBERT, G. C. M. Mulheres e religiosidades: benzedeiras e representações sagradas femininas em Cambé- PR in: **VI Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Londrina**. Londrina/ PR, 2013.

RUIZ, S. M., JUNIOR, J. M. B., QUARESMA, C. C., FERREIRA, M. L. Conflitos socioambientais urbanos: um estudo prospectivo na região metropolitana de São Paulo in: **Revista de Gestão e Secretariado**. v.7, n. 2, 2016.

SALES, G. P. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB in: **Revista de biologia e ciências da terra**. n.1, 2009

SANCHIS, P. Religiões e Religião...Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro In: SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências in: **Revista crítica de ciências sociais**. n. 6, 2002.

SANTOS, D. L. S. **Nas encruzilhadas da cura**. Dissertação. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, 2005.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em cruzeta/RN**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**. Dissertação. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2007.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, S. V. **Para as ondas do mar sagrado: uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas.** Dissertação. Maceió-AL: Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SANTOS, S. A.; AQUINO, W. A. B.; ALVES, A. S. S. **Apropriação inadequada dos recursos naturais no Brasil e a importância da educação ambiental.** Simpósio nacional de geografia e gestão territorial e semana acadêmica de geografia. Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR, 2018.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **Diagrama Reto - 1º Núcleo Regional – Castanhal.** Secretaria de Estado de Transportes - SETRAN. Belém, 2013.

SILVA, C. S. Rezadeiras: guardiãs da memória. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 5., 2009. Salvador in: **Anais.** Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

SILVA, G. N.; SILVA, B. L. R; ROCHA, C. J. T. Perspectiva da decolonialidade com ênfase nos saberes da ayahuasca In: ROCHA, C. J. T.; BATISTA, J. B. S. (Org.). **Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares.** Curitiba: Ed. Appris. Paraná, 2020.

SILVA, N. F. N.; VIEIRA, N. C.; OLIVEIRA, M. V. As práticas de cura das benzedadeiras da amazônia paraense: Saberes, Identidades e Lugares de Gêneros in: **Revista Ártemis;** v.29.1 ed, João Pessoa, 2020.

SILVA, V. G. **O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras.** 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIQUEIRA, J. L. F. **Trilhos: o caminho dos sonhos (Memorial da Estrada de Ferro de Bragança).** Bragança, 2008.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SOUZA, H. L. **Castanhal e suas raízes, a evolução de uma cidade.** 3 ed. São Paulo: Editora Gregory, 2019.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito in: **Mana.** v.20, n.1, 2014.

SÜSSEKIND, A. L. Presidente Getúlio Vargas e o direito brasileiro do trabalho. Revista do Trabalho. In: 60 anos da CLT: uma visão crítica. **Revista do Tribunal Superior do Trabalho.** v. 69, n. 2. Porto Alegre, 2003.

TAVARES, D. M. S. *et al.* Qualidade de vida e autoestima de idosos na comunidade in: **Ciênc. saúde coletiva**. v.21, n.11, 2016.

TRINDADE, D. C. **A mística e os mitos da floresta na benção amazônica**. XII Encontro Nacional de História Oral. Porto Alegre-RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

VALENTINI, R. O. **Le erbe delle streghe nel medioevo. Tuscania (VT)**: Penne & Papiri, 2010.

VICTORIANO, B. A. D. **O prestígio religioso na Umbanda: dramatização e poder**. São Paulo: Annablume, 2005.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo-SP, 1999.

## ANEXO A

UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AS MARCAS DAS AÇÕES ANTRÓPICAS NA HISTÓRIA DAS BENZEDEIRAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA CIDADE DE CASTANHAL-PA.

**Pesquisador:** GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 30693620.0.0000.0018

**Instituição Proponente:** Campus Universitário de Castanhal

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.005.766

**Apresentação do Projeto:**

A presente pesquisa pretende abordar a história das benzedeadas do município de Castanhal/Pará, bem como realizar uma reflexão sobre os trabalhos realizados por elas: as formas com que fazem as benzedeadas, e seus papéis como agentes da saúde pública através da utilização de plantas medicinais em suas atividades. Trata-se de pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa. Seis participantes responderão a uma entrevista aberta. A hipótese é que os resultados mostrem que ainda persiste o uso de plantas e ervas medicinais e que esse conhecimento é passado de geração a geração. As plantas utilizadas são comuns em seus quintais, nas feiras e nas matas situadas aos arredores da cidade de Castanhal-Pa.

As benzedeadas tem como principal atividade a reza, o qual são realizadas as preces junto a gestos e o uso de algumas plantas ou ervas, num ritual

que visa proporcionar a cura e o bem-estar da pessoa doente. As indicações terapêuticas são feitas de várias formas, com banhos, chás, "garrafadas" e de ramos verdes utilizados em suas benzedeadas.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Analisar como a dinâmica das benzedeadas se adaptou às mudanças urbanas na trajetória histórica

**Endereço:** Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamã ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.  
**Bairro:** Guama **CEP:** 66.075-110  
**UF:** PA **Município:** BELEM  
**Telefone:** (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepocs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ



Continuação do Parecer: 4.005.766

do município castanhalense.

**Objetivo Secundário:**

Investigar a trajetória de vida das benzedeiras habitantes no município de Castanhal-Pa; Identificar as dificuldades encontradas pelas benzedeiras em adquirir as plantas e ervas medicinais no meio urbano; Relacionar as consequências das transformações urbanas diante das atividades das benzedeiras no município de Castanhal.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos da pesquisa são mínimos, sendo que pode ocorrer do entrevistado se sentir desconfortável em responder alguma pergunta ou ocorrer vazamento de dados, mas o sujeito da pesquisa tem a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

**Benefícios:**

Os benefícios são, o de divulgar o trabalho das benzedeiras, bem como, contribuir para futuras pesquisas nessa área

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Veja bem, se o entrevistado tem a garantia de que não terá nenhum prejuízo para si ao responder ou não responder qualquer pergunta, isso e entra em contradição com a posição contida no TCLE de ceder todos os seus direitos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos apresentados, conntemplam os sugeridos pelo sistema CEP/CONEP.

**Recomendações:**

No TCLE esta colocado:"Pelo presente documento, expresso meu livre desejo de ceder ao pesquisador Gleibson do Nascimento Silva, RG: 3673869, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do meu depoimento, de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador na cidade de Castanhal – PA" Por isso recomendo que seja retirado do texto e que a autorização se restrinja apenas a utilização pelo pesquisador no âmbito da pesquisa e seus documentos subsequentes e que se essas informações forem utilizadas de outras formas os créditos e os direitos sejam garantidos ao entrevistado/pesquisado.Acho necessário que seja mantido os

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.  
Bairro: Guamá CEP: 66.075-110  
UF: PA Município: BELEM  
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8028 E-mail: cepocs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ



Continuação do Parecer: 4.005.766

direitos dos entrevistados e que seja solicitado apenas aquilo que precisa ser exposto nos documentos da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

Devendo o pesquisador atender as recomendações citadas neste parecer.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1518408.pdf	18/03/2020 21:19:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_BROCHURA_INVESTIGADOR.pdf	18/03/2020 21:17:12	GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO.jpg	18/03/2020 21:14:42	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	18/03/2020 21:13:43	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_do_pesquisador.jpg	18/03/2020 20:13:40	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Termo_de_consentimento_instituicao.jpg	18/03/2020 20:10:01	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Declaracao_de_isencao_onus_financeiro.jpg	18/03/2020 20:06:00	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	TERMO_DE_ACEITE_DO_ORIENTADOR.pdf	18/03/2020 20:01:59	GLEIBSON DO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/03/2020 20:00:32	GLEIBSON DO NASCIMENTO SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá, UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.  
Bairro: Guama CEP: 66.075-110  
UF: PA Município: BELEM  
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8026 E-mail: cepccs@ufpa.br

UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ



Continuação do Parecer: 4.005.766

BELEM, 04 de Maio de 2020

---

Assinado por:  
Wallace Raimundo Araujo dos Santos  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamã ,UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.  
Bairro: Guamã CEP: 66.075-110  
UF: PA Município: BELEM  
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8028 E-mail: cepcos@ufpa.br

## APÊNDICE A

### ENTREVISTA COMPLETA COM AS BENZEDEIRAS

#### ENTREVISTA COM A BENZEDEIRA 1 DONA MARIA DE DEUS MATOS LOBO (DONA DEDÊ)

**Entrevistador:** A senhora se intitula benzeadeira ou rezadeira?

**Dona Maria de Deus:** Os dois.

**Entrevistador:** Me conte um pouco sobre o início da sua história como benzeadeira? Como começou?

**Dona Maria de Deus:** Eu comecei a rezar com 7 anos, nas crianças e depois nas pessoas adultas eu nasci com essa missão passada de geração em geração, aparece para mim o tipo de problema que a pessoa está passando, eu falo para elas o problema e começo a rezar. Tem pessoas que duvidam, mas é verdade.

**Entrevistador:** A senhora utiliza alguma planta ou erva medicinal para benzer as pessoas?

**Dona Maria de Deus:** Existe uma planta certa para cada caso. Alho do pião roxo é bom para tudo se a pessoa estiver carregada ela descarrega.

**Entrevistador:** A senhora tem quantos anos?

**Dona Maria de Deus:** Eu tenho 93 anos.

**Entrevistador:** A senhora se lembra como iniciou as benzeções aqui em Castanhal?

**Dona Maria de Deus:** Eu sou de Curuçá.

**Entrevistador:** Qual é a sua religião?

**Dona Maria de Deus:** Sou católica.

**Entrevistador:** É a senhora considera um dom? Ou senhora aprendeu?

**Dona Maria de Deus:** É dom que é passado de geração em geração. Herdei da minha mãe que era uma rezadeira forte. Eu já nasci com esse dom.

**Entrevistador:** A senhora lembra da primeira pessoa que rezou?

**Dona Maria de Deus:** Lembro sim, foi uma criança de 3 anos. A criança estava com mau olhado.

**Entrevistador:** Geralmente as pessoas lhe procuram para a senhora curar quais as enfermidades?

**Dona Maria de Deus:** Derrame, mau olhado.

**Entrevistador:** Nas suas benzeções a senhora passa algum remédio medicinal ou planta?

**Dona Maria de Deus:** Uso sim. Rezo utilizando o pião roxo e óleo de andiroba e copaíba rezo três dias seguidos.

**Entrevistador:** A senhora tem alguma planta ou erva medicinal no seu quintal? Ou a senhora compra, ou pega na mata?

**Dona Maria de Deus:** Eu tinha muitas plantas aqui no meu quintal, depois que meu marido morreu, não tem mais. Eu pego na mata quando preciso.

**Entrevistador:** Na minha pesquisa a senhora e a benzeadeira mais antiga, pelas minhas contas a senhora tem 93 anos?

**Dona Maria de Deus:** Tenho 93 anos e realmente sou a benzeadeira mais velha viva.

**Entrevistador:** Quais são as orações que a senhora faz?

**Dona Maria de Deus:** São muitas orações, já nasceram comigo e são espontâneas, para cada paciente tem uma oração.

**Entrevistador:** A senhora tem algum espaço para fazer as orações?

**Dona Maria de Deus:** Eu rezo aqui no pátio mesmo, porque vem gente de todo jeito.

**Entrevistador:** A senhora sempre foi católica? É devota de algum santo?

**Dona Maria de Deus:** Sempre, sou devota de Nossa Senhora da Conceição e Aparecida.

**Entrevistador:** A senhora acha que as benzeadeiras estão ficando escassas? Por quê?

**Dona Maria de Deus:** Porque muitas benzeadeiras, não cuidam da sua saúde, cuidam das pessoas e não se cuidam.

**Entrevistador:** A senhora acha que os jovens não querem este dom?

**Dona Maria de Deus:** Não querem, o mundo está muito mudado.

**Entrevistador:** A senhora chegou em Castanhal com quantos anos?

**Dona Maria de Deus:** Cheguei com 55 anos vim morar aqui com o meu esposo.

**Entrevistador:** Quando a senhora chegou aqui tinha muita benzedeira? Lembra o nome de alguma?

**Dona Maria de Deus:** Tinha sim. Eu não lembro o nome delas, mais todas já morreram.

**Entrevistador:** A senhora atende só pacientes católicos?

**Dona Maria de Deus:** Todos os pacientes que chegam aqui eu atendo. Eu pretendo rezar até quando Deus quiser. Só não rezo dia de domingo.

#### **ENTREVISTA COM A BENZENDEIRA 2 DONA MARIA ROSILDA DA COSTA SANTANA SILVA (DONA ROSILDA).**

**Entrevistador:** Faz a seguinte pergunta, como a senhora iniciou como benzedeira?

**Dona Maria Rosilda:** É uma missão que nos é dada, não escolhi ser benzedeira, eu tenho 66 anos e iniciei aos meus 9 anos de idade, minha mãe já trabalhava benzendo, mas devido a uma doença que tive, recebi em uma casa de Umbanda, esta missão. Demorei muito a aceitar esta missão, porém só aceitei com uma condição a de fazer o bem para as pessoas, adultos e crianças.

Desde então passei a trabalhar para ajudar a quem precisa, aprendi a utilizar as ervas medicinais, como tirar o quebranto de uma criança, tem a erva arruda e para dor de ouvido utilizo a erva trevo roxo, para inflamação tem a erva chamada afavaquinha, para afastar o olho gordo tem a erva o mucuracaá, também tem o pião roxo que serve para tirar mau-olhado. Para anemia ouriço da castanha, com o chá de pariri é colocado dentro do ouriço da castanha.

É a força da espiritualidade a umbanda traz isso que vem do grandioso oxalá que naquele momento manda os anjinhos para ajudar os pacientes. Eu quebro três ramos ou galhos dessas plantas e faço uma oração pedindo proteção e cura para Jesus no momento que benzo a pessoa. Além de rezar nas pessoas eu preparo garrafadas feitas com plantas medicinais, para tratar vários tipos de doenças, também preparo banhos para abrir os caminhos e tirar coisas ruins de perto da pessoa.

**Entrevistador:** A senhora poderia me falar como a senhora utiliza as ervas para um problema específico?

**Dona Maria Rosilda:** Corporal, para tirar coisas ruins das pessoas e também tem as enfermidades, para fazer o chá naquela hora da benzeção, como a capeba e uma folha grande serve também para desinflamar quando eu benzo para curar a vermelha, veias entupidas e a banha do sapo, e utilizada para curar a anemia, sucupira, barbatimão, ouriço da castanha, chá de pariri, faz o chá e coloca no ouriço da castanha e a forma da espiritualidade que vem do grandioso Oxalá mandou seus anjinhos para ajudar quem precisa. Isso vem dos mentores espirituais dizem para que eu prepare, banha de galinha preta, banha de urubu, de tucunaré, a andiroba e uma planta sagrada que nós paraenses usamos muito, para desinflamar o fígado a semente da sucupira e o pau-d'arco para diarreia eu uso a folha de cebolinha branca, a folha do elixir paregórico. É preciso ajudar quem me procura, tenho uma missão que me foi dada pelo grande Oxalá.

**Entrevistador:** Para todos os pacientes a senhora faz todos os remédios ou passa a receita?

**Dona Maria Rosilda:** O que tem na casa e feito na casa, mais para continuar o tratamento você continua em casa e força dos benzedores são poucos, as vezes chega uma criança com quebranto da fome, até os 7 anos, antes de tomar banho no igarapé passa alho no pé antes de entrar na água, por causa dos donos tem que respeitar, porque Deus deixou um orixá para cada lugar, Oxóssi, que é São Sebastião é o dono das matas, tem que pedir licença para entrar. Com as forças das águas salgadas tem que pedir licença para entrar para quem governa.

**Entrevistador:** Quais as principais ervas que a senhora usa?

**Dona Maria Rosilda:** São tantas.

**Entrevistador:** Tem uma diferença entre mau olhado e quebranto?

**Dona Maria Rosilda:** As ervas para quebranto são: manjeriço, alecrim, a folha do anil, a folha do louro, para insônia, a casca do maracujá, para indisposição três folhas de manjeriço e de canela de velho, prepare o seu banho do pescoço para baixo. São os mentores que me dizem para que serve.

**Entrevistador:** As garrafadas, como a senhora prepara?

**Dona Maria Rosilda:** Eu preparo se tiver todos os materiais, eu faço de manhã e você pega a tarde.

**Entrevistador:** Essas ervas estão no seu quintal ou na mata?

**Dona Maria Rosilda:** Depende da erva, geralmente eu vou na mata, mas no quintal eu tenho mucuracaá, manjeriço, oriza. Quando não tem na mata, vou a Belém na feira do Ver-o-Peso, porque aqui em Castanhal

só tem na feira do agricultor, hortelãzinha e alecrim. A hortelãzinha afina o sangue, o erva doce é para ventre livre, a palha do alho é um remédio muito bom, a palha do alho e para ventre preso, mas para criança braba, a maria mole e folha cuieira, com uma folha de alecrim, prepara o banho e dá na criança, tem que ser no ultimo banho do dia. Folha de pruma é para fazer garrafada.

**Entrevistador: Quem são os seus mentores espirituais?**

**Dona Maria Rosilda:** Seu Ubiraci, Seu João da Mata e Dona Mariana.

Os mentores são curadores, mas quando é um caso mais elevado, os pacientes são orientados a procurarem os batas brancas, que são os médicos, os Kardec idas são para expulsar os espíritos obsessores, e a umbanda ficou para curar as aflições, é uma corrente que se ajuda.

**Entrevistador: A mata fica nos arredores da cidade?**

**Dona Maria Rosilda:** Sim, é bem aqui por trás de casa.

### **ENTREVISTA COM A BENZENDEIRA 3 DONA SEBASTIANA DA SILVA FREITAS (DONA SABÁ)**

**Entrevistador: Para a senhora, o que é ser benzedeira?**

**Dona Sebastiana:** É receber uma missão para fazer o bem às pessoas

**Entrevistador: A senhora me disse que isso é uma missão, como foi essa descoberta?**

**Dona Sebastiana:** Com 7 anos eu rezava nas pessoas e elas ficavam boa, teve uma vez que uma senhora trouxe um bebê pequeno, rezei na criança pois tenho um apego pelas crianças, aí o menino ficou bom. Aí começou a vir pessoas de todos os lugares para que eu rezasse.

**Entrevistador: Esse dom que a senhora tem, a senhora recebeu de quem?**

**Dona Sebastiana:** Eu recebi do meu pai, da minha avó dos meus tios, que rezavam nas pessoas, esse dom nasceu comigo.

**Entrevistador: Gostaria de saber se a senhora usa as ervas medicinais na cura?**

**Dona Sebastiana:** Uso, para reumatismo uso caroço de abacate, gengibre para nervo duro, a banha do jacaré para vermelha, a vinagreira roxa fazer o banho e para dor de cabeça, a folha da pimenta malagueta, para constipação, manjeriço e afavaquina, para o cobreiro cama-beca e para assadura de criança a gente benze e tira a goma da macaxeira da Bahia para passar encima, além das rezas faço banhos para os pacientes. Jucá e bom para catarro no peito, baque, e para limpar a cachaça do corpo.

**Entrevistador: Por a senhora morar perto da mata fica mais fácil a captura das ervas?**

**Dona Sebastiana:** Quando preciso entro na mata, já peguei várias mordidas de cobra, também cultivo no quintal arruda, capim santo, pataqueira, catinga de mulata, jucá para fazer minhas rezas e fazer remédios. Quando não tenho alguma erva vou na feira comprar mais é difícil ter.

**Entrevistador: A senhora tem um local específico para fazer as benzeções?**

**Dona Sebastiana:** Não tenho nenhum canto para reza, rezo normal em qualquer lugar, sem “trabalho” que outras religiões fazem, não trabalho com caboco, tenho até medo, eu acho que quem trabalha com cabocagem. O senhor pode rezar na hora um creio em deus pai, que eles não vêm. Porque eles têm medo da reza do bem, eu acho que quem mexe com a cabocagem não é do bem. Uma vez fui com meu marido e meus filhos em um terreiro, chamei pela minha vizinha Rosa, o caboco disse que não tinha Rosa, e disse que eu não poderei sair do terreiro falou isso duas vezes eu disse que ninguém pode mais do que Deus, e nós fomos embora.

Eu vou continuar até o fim da minha vida com essa missão sem cobrar nada de ninguém, eu não recebo dinheiro de ninguém. Se quiserem me dar de bom coração eu aceito mais não pego em dinheiro. Pois tenho uma missão que é de ajudar quem me procura.

**Entrevistador: Teria como eu assistir uma benzeção sua?**

**Dona Sebastiana:** O senhor que saber as orações que eu rezo eu rezo, eu rezo pai nosso, ave Maria e o creio, benzo com três raminhos de vassourinha nas pessoas, rezo em dor dente, dor de cabeça, isípra, cobreiro eu rezo com a folha do pião roxo, rasgadura, nervo torcido, só não rezo em mordida de cobra, as vezes quando eu vejo que não dá pra mim rezar eu falo para ir pro médico, como um paciente que veio com o ferimento na boca, eu falei para ir para Belém se consultar no Barros Barreto, ele estava com câncer, ainda está se tratando, ele veio aqui para rezar e esses dias e trouxe a sua netinha para eu rezar nela. O que cura é a Fé, se o senhor

mandar eu rezar e não tiver fé não adianta, tem que ter fé para dar certo. Quando chega a noite eu rezo e “entrego à Deus” todas as pessoas que eu benzi durante o dia.

Eu rezo todo santo dia, tem dia que eu vou almoçar às 3 horas da tarde, durante o ano todo só tem um dia que eu não rezo que é na sexta feira da paixão, porque eu vou para a igreja, acompanho a procissão. Só não rezo uma vez no ano, mas nos outros dias sempre que aparece alguém doente eu rezo e geralmente as pessoas ficam curadas.

A entrevista se encerra com o sujeito 2 benzendo um dos pés do entrevistador que estava contundido, pois se machucou jogando futebol. A benzedeira pega três raminhos de uma planta chamada vassourinha, pergunta o nome do entrevistador e então começa a benzeção, utilizando a erva vassourinha, os gestos e a oralidade, pois fala as rezas em voz baixa, quase que sussurrando. “No final da reza vou lhe passar um remédio, passe esse óleo no pé todos os dias após o banho até você vai ficar bom”.

A entrevista foi realizada no município de Castanhal no bairro do Milagre.

#### **ENTREVISTA COM A BENZEDEIRA 4 GERTRUDES LIMA DO CARMO (DONA GERTRUDES)**

**Entrevistador: A senhora se intitula benzedeira ou rezadeira?**

**Dona Gertrudez:** Rezadeira

**Entrevistador: Faz a seguinte pergunta, como a senhora começou como rezadeira, conte um pouquinho da sua trajetória?**

**Dona Gertrudez:** Bem eu comecei assim por onde eu ia as pessoas diziam que eu tinha um dom, eu comecei a sentir umas coisas estranhas, mas dizia que ninguém ia me doutrinar. Eu não iniciei nova, foi apenas aos 37 anos, eu comecei fazendo uns testes nas minhas criações de bicho pato, galinha, rezando com um ramo de vassourinha, sempre colocando Deus na frente. Quando comecei a rezar nos patinhos eles começaram a virar os pés. Eu recebi uma dica de como rezar, com muita força, com muita fé, aí quando eu vi o pato estava bom. Foi aí que eu comecei a rezar em crianças, depois comecei a rezar em gente grande. Eu tenho uma intuição muito boa um anjo muito bacana ao meu lado que me diz o que tenho que fazer. Tenho 62 anos, e rezo em tudo, vou pra todo canto, rezo em dor de cabeça, dor de dente e de tudo em que estiver no meu alcance.

**Entrevistador: Esse dom veio de algum parente seu?**

**Dona Gertrudez:** Vem de família meu tio e minha avó eram rezadores, eles já são falecidos. Eu também tenho o dom de adivinhar eu sou uma rezadeira vidente, durante a reza eu vejo as coisas que podem acontecer, aí eu rezo para abrir os caminhos e proteger a pessoa, também indico o banho para que a pessoa tome. Eu não cobro pelas minhas rezas, se a pessoa quiser deixar um agrado de coração eu aceito.

**Entrevistador: Geralmente as pessoas, adultos e crianças, lhe procuram com quais problemas?**

**Dona Gertrudez:** Crianças com quebrantos, adultos com dor de cabeça, chegou com problema a Mariazinha reza e pronto.

**Entrevistador: Nas suas benzeções a senhora utiliza algum tipo de erva, planta?**

**Dona Gertrudez:** Utilizo planta, tenho uma planta cheirosa no quintal.

**Entrevistador: Qual é o nome da planta que a senhora usa?**

**Dona Gertrudez:** Alecrim da Angola, utilizo quando eu estou rezando.

**Entrevistador: No momento da benzeção além do Alecrim da Angola a senhora utiliza água, oração?**

**Dona Gertrudez:** Tem gente que chega carregado, eu utilizo álcool com uma erva, tem que passar alguma coisa nos adultos porque não uso nas crianças porque são anjos.

**Entrevistador: Quando a senhora diz carregado, quer dizer o quê?**

**Dona Gertrudez:** Pessoas com espírito ruim por perto. Aí eu utilizo a folha de pião roxo.

**Entrevistador: Quais são essas ervas que a senhora mistura no álcool?**

**Dona Gertrudez:** Arruda, catinga de mulata, rosa branca, água benta.

**Entrevistador: Quais as orações que a senhora utiliza?**

**Dona Gertrudez:** Sou católica, então rezo um pai em nosso, creio em deus pai e salve rainha.

**Entrevistador: Depois da benzeção a senhora passa banho ou garrafada?**

**Dona Gertrudez:** Eu utilizo banho, para criança brava, tem o banho para amansar, com o mato chamado corrente, folha de manjerição, arruda. Eu preparo o banho para eles levarem.

**Entrevistador:** Para fazer suas benzeções a senhora tem um lugar específico para rezar ou reza em qualquer lugar da casa?

**Dona Gertrudez:** Eu gosto de rezar na minha sala.

**Entrevistador:** Quais as principais ervas que a senhora usa?

**Dona Gertrudez:** Pau de angola serve para abrir os caminhos.

**Entrevistador:** Quando a senhora precisa de alguma planta onde as encontra, vai na mata, na feira ou no seu quintal?

**Dona Gertrudez:** Eu pego nas casas dos meus colegas.

**Entrevistador:** O que a senhora acha desse crescimento urbano de Castanhal? Ele tem atrapalhado o trabalho das benzedeadas, já que as pessoas têm procurado mais os médicos e as farmácias?

**Dona Gertrudez:** As benzedeadas estão diminuindo, ficando escassa. As benzedeadas são muito importantes, pois nem todos os remédios da farmácia servem, tem muitos remédios caseiros que curam muito.

**Entrevistador:** A senhora acha que esse trabalho das benzedeadas é frequente ou está diminuindo aqui em Castanhal?

**Dona Gertrudez:** Eu acho que diminui um pouco, a maioria está bem velinha ou já faleceu.

**Entrevistador:** A senhora acha que esse crescimento de Castanhal ajudou a diminuir a quantidade de rezadeiras?

**Dona Gertrudez:** Castanhal, não tem nada a ver com isso, o tempo está se encarregando de acabar pois não tem quem fique no lugar delas. O mesmo acontece com as parteiras, que também foram deixando de existir. Castanhal é um lugar bom, eu previ que ia morar aqui.

**Entrevistador:** Essas pessoas que a senhora benze vem com frequência ou só vem uma vez e não volta mais?

**Dona Gertrudez:** Tenho pacientes fixos e tem aqueles que vem só uma vez, mais quando precisam eu estou aqui.

**Entrevistador:** A senhora pode me falar um pouco dessas doenças que seus pacientes têm? E como é o tratamento?

**Dona Gertrudez:** Cobreiro, para curar reza com matinho, o remédio é a vassourinha pisadinha com leite de magnésia e passa em cima 3x por dia e tomar um anti-íflamatório, vermelha(isípica) para curar eu uso a folha da capeba, a folha do pirarucu pisada mistura com álcool e depois coloca em fralda utilizando 2 x por dia no local, folha da corama também é muito boa. Pra dor de dente, dor de cabeça, gripe, o remédio é banho de mato, pego o cipó-alho, esfrego as folhas na água e molha a cabeça para curar, isso também tira o mal olhado. Espinhela caída, peito aberto, arca caída eu rezo nos três juntos.

**Entrevistador:** Qual é a sua religião?

**Dona Gertrudez:** Sou católica.

**Entrevistador:** A senhora já frequentou outra religião? Qual?

**Dona Gertrudez:** Já, mas não deu certo, fui à religião protestante.

**Entrevistador:** Por que não deu certo?

**Dona Gertrudez:** Foi por causa que eu fiquei impossibilitada de realizar as benzeções nas pessoas, porque lá na igreja evangélica não pode fazer essas coisas.

**Entrevistador:** Como é a reza para quebranto de criança? O que é o quebranto?

**Dona Gertrudez:** A criança abre muito a boca, faço as minhas orações, rezo com três galinhos de alecrim da angola e logo a criança fica animada. O quebrando em uma criança acontece quando alguém fica admirado do seu filho por exemplo.

**Entrevistador:** presença uma benzeção de duas crianças, em uma reza para quebranto e na outra é para acalmar, pois ele é muito bravo. A reza é com três ramos de alecrim da angola e deixa as crianças calmas e espertas.

#### **ENTREVISTA COM A BENZEDEIRA 5 DONA MARIA ZULEIDE SOUZA BAIA (DONA MARIA).**

**Entrevistador:** A senhora se intitula benzedeadas ou rezadeiras?

**Dona Maria Zuleide:** Benzedeadas e rezadeiras é uma coisa só. Podem me chamar de qualquer um dos nomes.

**Entrevistador:** Como iniciou a sua vida como benzedeadas ?

**Dona Maria Zuleide:** Eu iniciei lá em Parambu no Ceará, com 19 anos e quando eu cheguei em Castanhal, há 32 anos atrás, eu já era rezadeira. Eu aprendi com a minha sogra que era uma rezadeira muito boa. Aprendi também a “pegar menino”, a ser parteira, com a minha sogra lá no Ceará. Depois morei no Maranhão até chegar aqui em Castanhal fui parteira por muitos anos, só aqui neste bairro ajudei 21 meninos a nascer, tem 8 anos que deixei de ser parteira. Hoje tenho 82 anos.

**Entrevistador: A senhora se lembra como começou a rezar ou benzer?**

**Dona Maria Zuleide:** Quando comecei a rezar ia acompanhar a minha sogra nas rezas, eu aprendi as orações. Quando eu cheguei aqui em Castanhal, como ninguém me conhecia, eu disse para não falarem que eu era benzedeira, porque eu não queria isso mim. Porém, não tive como esconder logo as pessoas começaram a me procurar.

**Entrevistador: A senhora tem algum ritual na hora da reza?**

**Dona Maria Zuleide:** É uma coisa simples eu faço massagem e depois faço as minhas orações, as pessoas se dão muito bem sabe.

**Entrevistador: A senhora considera um dom ser rezadeira? Ou é uma prática que a senhora aprendeu?**

**Dona Maria Zuleide:** Eu aprendi dentro de mim, eu acredito porque é uma coisa que vem de Deus.

**Entrevistador: A senhora benze em adulto, criança em todo tipo de pessoa?**

**Dona Maria Zuleide:** Eu rezo em adultos e crianças, contra mau olhado, espinhela caída, prisão de ventre, vento caído, quebranto. Tem pessoas que chegam com espírito ruim, eu arredo também, rezo em írisipela e cobreiro.

**Entrevistador: Geralmente as crianças que a senhora reza tem o quê?**

**Dona Maria Zuleide:** Vento caído, espremedeira, cólica, quebranto.

**Entrevistador: Nos adultos a senhora reza em quê?**

**Dona Maria Zuleide:** Cobreiro, mau olhado, isípera, peito aberto, espinhela caída.

**Entrevistador: Nas suas benzeções a senhora utiliza alguma erva ou planta?**

**Dona Maria Zuleide:** Quando eu vejo que precisa de remédio eu passo, quando não eu só rezo mesmo.

**Entrevistador: A senhora não utiliza nenhum tipo de planta, arruda, pião roxo?**

**Dona Maria Zuleide:** Não. Só as minhas palavras, as minhas orações.

**Entrevistador: Qual é a sua religião?**

**Dona Maria Zuleide:** Sou católica.

**Entrevistador: Quais são as orações que a senhora faz?**

**Dona Maria Zuleide:** São as orações das antigas, porque essas novas não servem. Salve rainha, pai nosso e assim por diante.

**Entrevistador: Como é a sua relação com as ervas medicinais? Qual é a erva para curar o cobreiro?**

**Dona Maria Zuleide:** Para cobreiro eu só faço cortar ele com água e sal e depois rezo durante três dias seguidos, dando as três vezes. Depois disso se a pessoa quiser passar uma pomada pode.

**Entrevistador: No caso da isípera o que a senhora utiliza?**

**Dona Maria Zuleide:** Só a oração. Rezo três vezes, se precisar de um remédio, como andiroba eu passo. Se não precisar só a reza mesmo.

**Entrevistador: A senhora tem algum espaço para fazer as orações?**

**Dona Maria Zuleide:** Não, é aqui mesmo na sala ou então no pátio.

**Entrevistador: A senhora acha que Castanhal cresceu muito nos últimos anos?**

**Dona Maria Zuleide:** Sim. A cidade cresceu bastante, quando eu cheguei aqui não tinha esse monte de casa bonita aí não, tudo era só mato, agora a gente já vê muitas casas aqui.

**Entrevistador: Quando a senhora chegou aqui existia muita rezadeira?**

**Dona Maria Zuleide:** Tinha muitas rezadeiras, eu conhecia a dona Rosa, a dona Caetana, a dona Caboquinha, as outras eu ouvia falar.

**Entrevistador: A senhora acha que esse crescimento populacional e urbano de Castanhal tem influenciado para diminuir a quantidade de rezadeiras?**

**Dona Maria Zuleide:** Acho que sim, atualmente a maioria das pessoas procuram os médicos e hospitais para se tratar. Meu filho, mas também é a idade, elas estão morrendo e não tem quem assume essa missão, os jovens de hoje não querem se envolver com essas coisas de benzeção.

**Entrevistador:** A senhora acha que as benzedeadas estão ficando escassas? Por quê?

**Dona Maria Zuleide:** Acho que sim. Porque as pessoas não se interessam mais em ir pra Missa, preferem frequentar outros locais, diversões, festas e vão deixando de lado as rezas. E os jovens de hoje não se interessam para darem continuidade ao ofício de benzer e os pais também não ensinam.

## APÊNDICE B

## PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS BENZEDEIRAS

Nome Popular	Nomes Científicos
Pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>
Trevo roxo	<i>Oxalis regnellii atropurpurea</i>
Alfavaquinha	<i>Ocimum basilicum</i>
Pariri	<i>Arrabidaea chica</i>
Capeba	<i>Piperaceae</i>
Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i>
Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatiman</i>
Pau d'arco	<i>Tabebuia</i>
Cebolinha branca	<i>Allium cepa</i>
Elixir-paregórico	<i>Ocimum selloi</i>
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>
Anil	<i>Indigofera suffruticosa</i>
Louro	<i>Laurus nobilis</i>
Hortelã	<i>Mentha sp</i>
Capim santo ou Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i>
Pataqueira	<i>O guapuruvu Schizolobium parahyba</i>
Catinga-de-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i>
Jucá	<i>Caesalpinia férrea</i>
Vinagreira roxa	<i>Hibiscus acetosella</i>
Folha da pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens malagueta</i>
Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i>
Babosa	<i>Aloe vera</i>

Fonte: <https://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Plantas-Ervas-Medicinais-Nomes-Cientificos.html>